

Educação Antirracista

em prosa e verso

Coletânea do Segundo Concurso Multicampi de
Redação do Instituto Federal de Brasília

ORGANIZAÇÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITORA

Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Rosa Amélia Pereira da Silva

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Diene Ellen Tavares Silva

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Simone Braz Ferreira Gontijo

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Cláudia Sabino Fernandes

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

CONSELHO EXECUTIVO

Augusta Rodrigues de Oliveira Zana
Bruno Oliveira Tardin
Daniel Cerqueira Costa
Debora Kono Taketa Moreira
Demétrius Alves de França
Érika Barretto Fernandes Cruvinel
Gervásio Barbosa Soares Neto
Iva Fernandes da Silva Medeiros de Jesus
Jocênio Marquios Epaminondas
Lara Batista Botelho
Leonardo Moreira Leódido
Lucilene Alves Vitória dos Santos
Maria Antônia Germano dos Santos Maia
Mariela do Nascimento Carvalho
Maurílio Tiradentes Dutra
Nicolau de Oliveira Araujo
Ricardo Faustino Teles
Rute Nogueira de Moraes Bicalho
Rômulo Ramos Nobre Júnior
Sônia Carvalho Leme Moura Veras
Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Venâncio Francisco de Souza Júnior

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Daniele dos Santos Rosa

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Jefferson Sampaio de Moura

PRODUÇÃO EXECUTIVA DRDE/PREN

Roberta Bellillo Jardim
Mateus Gianni Fonseca
Rosa Amélia Pereira da Silva
Laís Valeriano Nunes

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Laís Valeriano Nunes

REVISÃO TEXTUAL

Rosa Amélia Pereira da Silva

APOIO - DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DE ENSINO / PRÓ-REITORIA DE ENSINO

Émile de Mesquita Martins Macêdo
Iva Fernandes da Silva Medeiros de Jesus
Virgínia Barbosa Lobo da Silva

E24 Educação antirracista em prosa e verso [recurso eletrônico] : coletânea do segundo concurso multicampi de redação do Instituto Federal de Brasília / organização Pró-Reitoria de Ensino, Instituto Federal de Brasília. Brasília : Editora IFB, 2025. 1 arquivo texto (199 p.) : PDF ; il. color. ; 3,3 MB.

Disponível em formato PDF.

Modo de acesso : World Wide Web.

ISBN 978-65-6074-012-9.

Disponível em: <https://editora.ifb.edu.br/editora/>

1. Antirracismo. 2. Antirracismo - educação. 3. Antirracismo - educação - Brasil. 4. Redação acadêmica. 5. Literatura - concursos. 6. Prosa (literatura). 7. Poesia. 8. Negros - identidade racial. 9. Discriminação racial. 10. Racismo na educação. 11. Negros - direitos fundamentais. 12. Pluralismo cultural. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Pró-Reitoria de Ensino. II. Título.

CDU: 323.14:37

Elaborado pela bibliotecária Lara Batista Carneiro Botelho CRB1/2434

2025 - Editora IFB




A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos na obra são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta publicação são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.







REITORIA - Setor de Autarquias Sul
Qd 2, Bloco E - Edifício Siderbrás
CEP 70.070-020 | Asa Sul - Brasília/DF
www.ifb.edu.br
+55 (61) 2103-2110
editora@ifb.edu.br





Sumário

- 08 *Apresentação*
 - 11 *Minha querida pele negra*
 - 13 *História de Maria*
 - 16 *Da sala de aula à vivência na aldeia*
 - 20 *A prática do fazer-se educadora/educador: uma crítica à modernidade*
 - 23 *O racismo social: uma leitura da minha história*
 - 25 *Educação antirracista: juntos por uma escola inclusiva contra o racismo estrutural*
 - 28 *A educação é a luz, o brilho transcendental*
 - 30 *Racismo estrutural e educação antirracista*
 - 32 *Racismo estrutural e educação antirracista*
 - 35 *1500*
 - 37 *Me viu*
 - 38 *Respeitar*
 - 40 *Papel da educação antirracista*
 - 41 *A busca pela aceitação e a luta pela identidade*
 - 43 *A educação antirracista nas instituições de ensino*
 - 44 *Racismo estrutural e educação antirracista*
 - 45 *Conheço meu lugar*
 - 48 *Severa vida*
 - 50 *A onça e a pantera*
 - 51 *A beleza da diversidade: celebrando as cores da humanidade*
 - 53 *O (des)enraizamento da discriminação racial na sociedade*
 - 55 *Apagamento da herança negra*
 - 57 *Racismo estrutural e educação antirracista*
 - 59 *Racismo estrutural e educação antirracista*
 - 61 *Negritude*
 - 62 *Carta para um brasileiro*
 - 64 *Clamor do silenciados*
 - 65 *Legítimo a minha melanina*
- 

- 
- 66 *E agora, Elza?*
- 68 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 69 *Vive através da educação*
- 70 *Contra as trevas do racismo estrutural*
- 73 *Cor azul do céu*
- 75 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 78 *Cordel - Racismos não é brincadeira, vamos parar com essa besteira*
- 80 *Crônica: quem aprende com quem? - Uma relação entre professores e alunos*
- 82 *A educação antirracista nas escolas*
- 84 *Educação*
- 86 *Cor da pele*
- 88 *Elucidação antirracista no meio educacional*
- 91 *Racismo estrutural e educação antirracista - Epistemicídio*
- 93 *Ervas daninhas*
- 95 *Flores que morrem de pé*
- 97 *Garoto do cubo*
- 99 *Melodias de igualdade*
- 101 *O Encontro na biblioteca*
- 103 *Identidade e discriminação racial*
- 104 *Identidade*
- 106 *Inácio*
- 108 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 110 *Menos racismo e mais antirracista*
- 112 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 113 *Compreensão de uma história coletiva*
- 115 *O mais doce chocolate*
- 118 *O papel transformador da educação antirracista no combate ao racismo estrutural*
- 120 *O retrato dela*
- 

- 
- 
- 122 *Qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?*
- 123 *Olhos claros*
- 125 *Tons de amadeirado*
- 127 *Aquilo é*
- 129 *Papel da educação antirracista combate ao racismo estrutural*
- 131 *Racismo!*
- 132 *Desconstruindo preconceitos: Valorizando a diversidade*
- 133 *Dor*
- 135 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 137 *Preto é humano*
- 139 *Não tem desculpa*
- 144 *Luta contra o racismo estrutural*
- 145 *Um corpo no mundo*
- 148 *O Bosque de Northdale*
- 150 *Educar para conscientizar*
- 151 *Racismo estrutural*
- 153 *O racismo me machucou*
- 154 *Raças diferentes não serão injustiçadas por sua cor.*
- 155 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 157 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 158 *Racismo Estrutural e educação antirracista*
- 160 *Racismo estrutural e educação antirracista”, considerando a reflexão para a seguinte pergunta: Qual é o papel de uma Educação antirracista no combate ao racismo estrutural?*
- 161 *Papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural*
- 163 *Qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?*
- 164 *Qual o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?*
- 165 *O Racismo estrutural - E a importância Da Educação Antirracista No Brasil.*
- 167 *Racismo estrutural e educação antirracista. Qual é o papel de uma Educação antirracista no combate ao racismo estrutural?*

- 
- 168 *Respeitar e amar*
- 169 *Túlio: uma história de conscientização*
- 171 *O meu grande desejo*
- 172 *O Legado da árvore da igualdade*
- 174 *Superado o racismo por meio da educação: A importância do Ensino antirracista*
- 176 *Educação antirracista: o remédio para o racismo estrutural*
- 178 *Marcionila, cuidado com a arma!*
- 181 *Papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural*
- 182 *Papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural*
- 184 *Racismo estrutural e educação antirracista no contexto brasileiro*
- 186 *Educação antirracista contra o racismo estrutural*
- 188 *Uma ferramenta denominada: educação antirracista*
- 190 *É preciso respeitar e valorizar as diferenças*
- 191 *A mensageira da paz, educação*
- 192 *Ao país da independência*
- 193 *Racismo estrutural e educação antirracista*
- 194 *Início meio fim*
- 196 *Cotas raciais*
- 197 *Destino de um brasileiro*
- 198 *Acróstico racismo*
- 199 *Cabelo encaracolado*
- 200 *Soneto com o tema: racismo estrutural e educação antirracista*
- 201 *O Povo brasileiro e a educação antirracista*
- 203 *Talhado*
- 205 *Considerações finais*
- 



Apresentação

Caro leitor, Cara leitora,

Sejam bem-vindos e bem-vindas à leitura dos textos produzidos por estudantes de cursos técnicos e superiores para o 2º Concurso Multicampi de Redação do Instituto Federal de Brasília (IFB), edição de 2023.

Participaram dessa edição estudantes dos dez *campi* do IFB, que submeteram textos nas categorias literárias *prosa* e *verso*. Neste e-book, temos a oportunidade de conhecer todos os textos submetidos: na primeira parte, encontram-se os premiados e, na segunda, as demais produções.


O Concurso Multicampi de Redação do Instituto Federal de Brasília (IFB) considera, para a seleção do tema de cada ano, a educação em direitos humanos em uma perspectiva da promoção da educação para a mudança e a transformação social. Em sua primeira edição, ocorrida no ano de 2022, o tema foi **o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos**.

Em sua segunda edição, realizada em 2023, na linha da educação em direitos humanos, foi apresentado o tema **Racismo estrutural e educação antirracista**. Os e as participantes do 2º Concurso tiveram de refletir em seus textos acerca da seguinte pergunta: **Qual é o papel de uma Educação antirracista no combate ao racismo estrutural?**

As produções a que temos acesso aqui nos remetem ao conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo. A leitura destas páginas nos conduz a experiências vividas pelos/as autores e autoras. Em muitas dessas experiências, no contexto escolar, encontramos personagens desumanizados, aos quais é negada sua identidade. Em alguns espaços escolares, ainda perpetuam práticas que podem ser consideradas racistas. Como colocado por um dos autores, Clésio de Deus Passos:

O racismo é uma sombria teia de aranha, que se entrelaça com os menos favorecidos. É uma estrutura oculta e ameaça sutil. Não é apenas ato isolado. É escancarado, é um sistema arraigado pela dor e historicamente tramado. Nas entradas da sociedade, ele se infiltra, como raízes profundas, em terra fértil, segregação disfarçada, oportunidades negadas, alicerces de desigualdade e, por séculos, investido sobre sangue inocente.





As denúncias das raízes profundas do racismo, encontradas em muitos textos, revezam-se com experiências de uma educação libertadora e transformadora, pautada na dignidade humana, na igualdade de direitos, no reconhecimento e na valorização das diferenças e das diversidades, na democracia.

Textos reveladores de reprodução de preconceito nas escolas ou reveladores de uma educação transformadora e antirracista: ambos defendem, como bem pontua o autor Jailson Lima Ferreira, que *a educação antirracista deve ser uma mobilização de esforços para formar educandos críticos e reflexivos, capazes de intervir em suas realidades, valorizando a diversidade racial e cultural brasileira.*

O recado dos autores e das autoras aqui presentes é uníssono: cidadãos e cidadãs devem ser educados em uma perspectiva de pluralidade étnico-racial, para serem capazes de defender objetivos comuns que garantam a todos os direitos legais, a valorização e o reconhecimento de suas identidades, visando ao fortalecimento da democracia em nosso país. *Que o racismo estrutural, um dia, seja história. Que a educação seja a couraça da vitória* (Clésio Passos).

Veruska Ribeiro Machado
Reitora



Curso Técnico


Prosa

Textos Premiados

1º Lugar - Priscila Cordeiro Barboza, com o texto, em prosa, “MINHA QUERIDA PELE NEGRA”, do curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo Integrado ao Ensino Médio - Campus Recanto das Emas

2º Lugar - Maria Beatriz de Oliveira Neves, com o texto, em prosa, “História de Maria”, do curso Técnico em Restaurante e Bar Integrado ao Ensino Médio - Campus Riacho Fundo

3º Lugar - Nathalia Macena da Silva, com o texto, em prosa, “Da sala de aula à vivência na aldeia”, do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração - Campus São Sebastião



Primeiro Lugar

Minha querida pele negra

Priscila Cordeiro Barboza
Técnico em Produção de Áudio e Vídeo Integrado ao Ensino Médio
Campus Recanto das Emas



Parece que faz eras desde quando eu me olhava no espelho e chorava. As lágrimas escorriam sem parar pela minha pele escura. E eu desejava e desejava, desesperadamente, que essas mesmas lágrimas lavassem a sujeira que cobria o meu corpo. Nunca aconteceu, sabe? Sempre que elas secavam, a cor permanecia.

Mas nem sempre foi assim... Quando criança, eu amava minha cor, gostava de ser diferente. Eu ganhava bonecas tão pretinhas quanto eu e, quando a brincadeira exigia a presença de minhas primas, elas sempre me coroavam “rainha”, dizendo que minha pele era tão lustrosa e bonita que eu era a única que merecia estar com uma coroa nos cabelos. Cabelos estes que elas diziam serem feitos de nuvens de tempestade, que tinham vontade própria e não se curvavam para nada em seu caminho. Meu sorriso florescia a cada brincadeira.

Então, um dia tudo mudou. Comecei a frequentar a escola e, de repente, os comentários sobre o meu cabelo ser indomável começaram a me entristecer. Aquelas pessoas não falavam como se isso fosse uma coisa boa, como as minhas primas, falavam como se fosse motivo de piada, como se eu fosse um palhaço em um circo em que só eles entendiam a graça. De repente, começaram a falar coisas horríveis da minha pele de rainha que me fizeram querer raspá-la.

Sair do esconderijo que virou a minha casa, começou a ser uma coisa tão difícil que eu queria me transformar em qualquer coisa que não fosse eu. Naquela época, bem que eu queria ser um móvel branquinho, como aqueles sofás que não têm sequer uma mancha de sujeira. Eu comecei a não me reconhecer mais. Eu comecei a odiar a minha pele negra.

Foi quando, alguns anos após ter sofrido tanto, um anjo apareceu na minha vida. Uma professora com a pele igualzinha à minha, com o cabelo igualzinho ao meu. Ela pousou na minha vida e me perguntou com a voz mais angelical possível “qual é o problema?”. Por um tempo, não consegui falar nada. Falar sobre aquilo me causava tanto constrangimento que minha garganta fechava até eu começar a tremer. Contudo, o anjo foi delicado e paciente, aos poucos me soltei e contei tudo. A partir daquele dia, tudo mudou...

Quando eu a via lutando incessantemente contra tudo que ameaçava a ela e a seus alunos, meus olhos brilharam de admiração e eu prometi a mim mesma que seria igual: um anjo na vida de outras pessoas negras.

Agora, na minha vida adulta, me inspirando em tudo que a minha querida professora ensinava, ensino aos outros. Cresci e adquiri conhecimento o suficiente para fazer igual e começar a combater, da mesma forma que ela, a opressão. Tento espalhar esse pensamento o máximo possível, para que eu seja o anjo que a minha professora foi. Ensinar, para aqueles que se sentem como eu me sentia, que não é a cor da pele que diferencia alguém. Ninguém nasce racista, é uma atitude que passa de geração para geração. E o meu objetivo, hoje como diretora de escola, é reverter esse pensamento através da educação e do conhecimento sobre o povo negro.

Escrevo isto para que minha querida pele negra saiba que aprendi a amá-la, apesar de tudo que sofri. E continuarei amando. Não me importa mais que falem dela, da gente. Só me importa fazer outras pessoas também amarem suas peles escuras.

Segundo Lugar

História de Maria

Maria Beatriz de Oliveira Neve
Técnico em restaurante e bar integrado ao ensino médio
Campus Riacho Fundo



Cara professora,

Hoje me lembrei daquele dia, aos 8 anos, quando apanhei com a vara de goiabeira na escola. Por muito tempo fiquei traumatizada; afinal, sofri abuso apenas por ser uma criança do sexo feminino preta e pobre, que teve a ousadia desde muito cedo de não aceitar as regras do racismo e suas nuances. Muitos adultos aceitavam e aceitam as impressões raciais que lhes são oferecidas, reforçadas pelos resquícios do holocausto da escravidão no Brasil.

Minha mãe me presenteou com dois lindos nomes: Maria Beatriz. E me ensinou a responder se só me chamassem assim, pelos dois.

Por isso, naquele dia, não atendi quando você me chamou: – Beatriz!

Não ter me reconhecido na chamada me valeu aquela surra, que começou na sala e estendeu-se pelo pátio da escola. Todos saindo de suas salas para ver alunos, professores, a direção.

Chorei. As lágrimas rolavam em meu rosto, mas ninguém interrompeu. Lá, naquela cidadezinha do triângulo mineiro, como uma menina pobre e preta ousou desobedecer a professora de pele clara? Meu pai, quando soube do ocorrido, não ousou desobedecer. E fez o que todos esperavam dele: bateu-me tanto que quase vim a óbito.

No subconsciente coletivo daquela cidade na época, todos os adultos acreditavam que eu merecia. Como me defender?

E no dia seguinte eu já não pertencia mais àquela escola. Perdi o ano letivo. No ano seguinte, tive que estudar na mesma série do meu irmão mais novo.

Senti vergonha. Foi um trauma que me atravessou por cinco décadas.

Mas lutei para seguir em frente. A duras penas terminei o ensino fundamental. E eis que, no ensino médio, encontrei um professor que lecionava inglês. Eu gosto de línguas e tenho facilidade com elas. Logo no primeiro semestre, ao entregar as notas, ele disse:

– A maior nota da classe é da neguinha ali. "Neginha diminutivo de negri. Negri, do grego: maldito, desgraçado.

Sem graça, mas sentindo-me oprimida, agradei. No segundo semestre, a mesma coisa. Procurei ajuda na direção e disseram-me para relevar. Ele continuou e assim foi indo.

Não terminei o ensino médio. Não fiz vestibular. Não fiz um curso em alguma universidade do Brasil, nem intercâmbio. Assim como eu, vi muitos iguais a mim desistirem de concluir seus estudos.

Mas agora, 52 anos depois, sinto que algo começa a mudar. A educação aponta para novos caminhos. Meu coração conseguiu se alegrar de novo. Voltei a estudar e hoje sinto que posso falar e ser ouvida nesse espaço escolar.

No entanto, para que a educação seja realmente acolhedora, precisamos ler cada página desse Brasil nas escolas. Precisamos ir até as matas, reescrever, junto com os povos originários do Brasil, que aqui estavam à época da invasão europeia, a verdade sobre eles e sua cultura. Da mesma forma, precisamos conhecer a cultura de África, com seus 54 países, suas 2.092 línguas, das quais 400 vieram do bantu.

A antropologia e a verdadeira história de África nos informam que o Continente Africano é o mais antigo do mundo, provam-nos e comprovam-nos que toda a humanidade descende de África. Por exemplo, os europeus tornaram-se brancos como são hoje por causa do período glacial, em que o preto teve que ficar dentro das cavernas. A pele e os olhos foram clareando e o nariz afinando para não respirar uma grande quantidade de ar frio e o cérebro não congelar.

O pai da medicina é Himotep, há provas científicas e antropológicas que os instrumentos usados hoje na nossa medicina moderna foram criados pelo africano egípcio. Os pais da filosofia são africanos. A arquitetura das pirâmides. A África teve vários reinados e tem até hoje. Um deles é o chamado Mali, e lá existiu o Rei Mansa Musa, o homem mais rico de toda a história da humanidade até então. Ele usou seu dinheiro para construir escolas, bibliotecas. Investiu no conhecimento do seu povo.

As maiores gemas encontradas até agora na face da terra são africanas. Uma delas, a Estrela da África, conhecida por Cullinan, está incrustada no centro do agora rei da Inglaterra, assim como o ouro da carruagem de sua posse e o ouro que Dubai ostenta. São de minas africanas, pois é o mais puro e caro do mundo.

Somente a verdade da história, iluminada pela luz do conhecimento, trará o saber para entendermos e aceitarmos a diversidade, as cores de peles e diferentes texturas de cabelos de descendentes de altivos, cultos e grandiosos povos dignos e merecedores de toda palma e reverência. Estudar a história da África é essencial para conhecermos a nós mesmos e nos reconhecermos como sujeitos.

Aprendi isso fora da escola, com excelentes professores historiadores, mestres antropólogos que não cessam de pesquisar, estudar e ensinar com amor, oferecendo cursos *on-line* para o maior número possível de pessoas. Aprendi com pessoas como o antropólogo e historiador angolano Filipe Arthur Vidal, o político e escritor guineense Amílcar Cabral e o professor historiador brasileiro Flávio Muniz.

Se o homem quer ser líder, professora, ele precisa estudar. Mas o amor não oculta a verdade. Tudo tem história, professora, a África tem história.

Terceiro Lugar

Da sala de aula à vivência na aldeia

Nathalia Macena da Silva
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião



Em Mato Grosso, no centro da floresta, onde os primeiros raios de sol sequer ousavam tocar, residia a comunidade Kairu, uma comunidade indígena, que, há gerações, mantinha suas tradições e o modo de vida harmonioso com a natureza. Eu, Tarcila, uma jovem indígena com pele avermelhada e cabelos escorridos, enfrentava diariamente o desafio de ser aceita em minha escola, não era nada fácil ser a única indígena da turma.

Na escola, eu faço o máximo para evitar ser motivo de chacota. Acordo cedo e preparo minhas tintas e pincéis para pintar meu rosto – uma tradição de que não abri mão – para não chegar atrasada e evitar ser chamada de preguiçosa. Mas, era difícil evitar preconceito quando a aula era de história, principalmente, quando o tema era colonização ou descobrimento do Brasil, esse era o termo que a professora Tayara usava para tratar deste assunto. Eu me identificava com ela, pois ela também era criticada e acusada por causa de sua etnia, ela tinha pele preta e cabelo crespo. Durante a explicação do conteúdo, a professora falou que os portugueses chamavam os indígenas de selvagens, o que causou um grande alvoroço na turma. Ela tentou reverter a situação, e sei que não foi culpa dela. Ela apenas comentou o pensamento dos homens brancos da época, que, infelizmente, ainda existe. Entretanto, estavam errados meus colegas que, em vez de acharem ruim, concordaram com a fala e ainda riam e cochichavam uns com os outros olhando diretamente para mim. A professora pediu silêncio, mas ninguém a ouvia. Pelo menos, essa situação não foi tão constrangedora quanto na aula de português, quando li minha redação, que dizia que havia caçado animais com arco e flecha para alimentar minha aldeia durante as férias. Ninguém interveio, nem mesmo a professora Carol, que, com certeza, não sabia o que era ser discriminada por causa da cor da sua pele. No entanto, hoje, foi diferente.

A professora Tayara interveio de uma maneira surpreendente, promovendo uma atividade didática e empática. Ela escreveu no quadro o próximo trabalho que iríamos fazer em trios. Todos pararam de conversar e focaram no que estava escrito no quadro. Depois, sentaram perto de seus grupos. Como sempre, fiquei sobrando. Isso não foi um problema, a professora já tinha planejado tudo. Eu participaria do trabalho de uma forma especial, eu ajudaria os grupos a realizarem o trabalho que tinha como principal objetivo entender as dificuldades no dia a dia dos indígenas. E não podia pesquisar na internet, pois ela alegou que ali havia muitas informações falsas e preconceituosas a respeito disso. Meus colegas teriam que me consultar e apresentar, em forma de teatro, como é ser um indígena no Brasil. A professora definiu que todas as aulas até o dia da apresentação, seriam direcionadas para o desenvolvimento da tarefa. Nem deu tempo de ouvir reclamações sobre o trabalho, o sinal bateu e todos foram embora.

No dia seguinte, ocorreu a primeira aula preparatória, confesso que fiquei nervosa. Não imaginava que teria toda atenção voltada para mim, não com as pessoas que me julgavam tanto. Tive que falar sobre as dificuldades que enfrento por ser indígena. Relatei que sofro constantemente discriminação, sou chamada de selvagem, preguiçosa, desatualizada e, às vezes, sou sexualizada. Infelizmente, já me acostumei com isso. O que me deixava preocupada eram os rumores que passavam na televisão sobre a possível invasão e destruição da minha comunidade Kairu para construir uma indústria de extração de recursos naturais, como se nossas vidas e o meio ambiente não fossem importantes.

Meus olhos encheram-se de água, porém não caiu nenhuma lágrima, o preconceito bloqueou a passagem. Um colega me perguntou se tinha televisão na comunidade. Como é possível, que, em pleno século XXI, as pessoas ainda pensem que em algumas comunidades, seja impossível existir televisão, sinal *wi-fi* e acesso à Internet, inclusive a minha tem todos esses recursos. A raiva tomou conta de mim, a professora percebeu isso e decidiu terminar a aula mais cedo. De noite, naquele mesmo dia, mal esperávamos que os invasores fossem roubar grande parte de nossa comida. Faltei a segunda aula preparatória, as coisas estavam difíceis na comunidade. Após perdermos a comida, meus tios foram atrás de achar os responsáveis e resgatar a comida. Entretanto, meus tios eram minoria diante dos invasores. Eles foram agredidos e fui obrigada a ficar em casa para não ter o risco de ser atingida. Além disso, tive que cuidar de seus ferimentos e preparar um chá com as ervas medicinais para que meus tios se recuperassem logo.

Pensei que, na próxima aula, eu me depararia com caras marrentas e perguntas desnecessárias sobre minha ausência na aula do dia anterior. Muito pelo contrário, meus colegas me olhavam com a expressão de preocupação, houve até uma menina que me perguntou se eu estava bem. A professora contou que na aula do dia anterior, eles acompanharam as notícias sobre as invasões contra minha comunidade e que a apresentação do trabalho estava marcada para amanhã. Nessa última aula, seria para os grupos se reunirem e tirarem dúvidas comigo. Houve um grupo que só estava preocupado com a nota, outro estava super empolgado, não queria apenas apresentar um simples trabalho de escola, mas, sim, resolver esse problema atual na prática. Na hora do intervalo, a maioria da turma dividiu seu lanche comigo, eles acertaram em cheio, estava com muita fome, não comia desde a noite passada. Eu agradei a todos, pois nunca havia tido essa assistência de pessoas de fora da minha comunidade durante toda a vida.

Antes de ir embora da sala de aula, a professora falou que o jornal informou que, no dia seguinte, os invasores iriam tomar à força o território da comunidade Kairu. Eu fiquei devastada, pois o que seria de mim, da minha família, sem um local para viver? Todos os alunos alegaram que estavam sem clima para apresentar o trabalho no outro dia com tudo isso acontecendo. Foi, então, que surgiu uma ideia brilhante que partiu do grupo mais empolgado. O grupo propôs a todos e aos familiares que fizessem uma manifestação na frente da comunidade Kairu. A professora amou a ideia e falou que a participação no protesto definiria a nota no trabalho.

Na manhã seguinte, os alunos da minha turma se reuniram com cartazes feitos à mão, expressando solidariedade e apoio a nós. Quando os invasores chegaram, esperando encontrar uma comunidade fraca e desorganizada, eles foram surpreendidos. Eu, meus colegas, juntamente com seus familiares e minha comunidade formamos um círculo, segurando as mãos e cercando o território. Os invasores, vendo a união e a determinação de nossa parte, recuaram.

O trabalho escolar sobre os indígenas no Brasil acabou sendo muito mais do que uma tarefa acadêmica. Tornou-se um milagre na minha vida. A minha comunidade Kairu conseguiu proteger suas tradições e seu lar, e os meus colegas aprenderam, que a educação antirracista não se limita às salas de aula, mas pode impactar o mundo real.



Curso Superior

Prosa

Textos Premiados

1º Lugar - Alex Rosa Campani, com o texto, em prosa, “A prática do fazer-se educadora/educador: uma crítica à modernidade”, do curso de Licenciatura em Geografia - Campus Riacho Fundo

2º Lugar - Clésio de Deus Passos, com o texto, em prosa, “O RACISMO SOCIAL: UMA LEITURA DA MINHA HISTÓRIA”, do curso de Licenciatura em Letras Inglês - Campus Planaltina

3º Lugar - Jailson Lima Ferreira, com o texto, em prosa, “EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: JUNTOS POR UMA ESCOLA INCLUSIVA CONTRA O RACISMO ESTRUTURAL”, do curso de Licenciatura em Letras Inglês -Campus Riacho Fundo



Primeiro Lugar

A prática do fazer-se educadora/educador: uma crítica à modernidade

Alex Rosa Campani
Licenciatura em Geografia
Campus Riacho Fundo



Theodor Adorno, em uma passagem categórica no ensaio *Educação após Auschwitz*, reflete acerca da barbárie e para que ela não se repita, ou seja, de como socialmente podemos impedir, mediante a educação, o ressurgimento de novas formas de barbárie. Na hodierna sociedade, podemos até questionar se realmente essas formas não são mais factíveis na democracia ou se elas se travestem de outras para sua repetição – outra forma perpetrada é a discriminação racial. A escravidão é o selo que une a afirmação da branquitude por haver um não branco – “pessoas de cor” –, só que esqueceram de nos avisar que a quadra histórica em que se movimentou a escravidão foi a mesma quadra histórica da modernidade.

A modernidade está saturada de gestores da barbárie que procuram destituir a civilização ou seria eles a própria modernidade que reproduz a civilização. Tal disjuntiva impele a seguinte perquirição: as formas sociais hodiernas podem promover a dialogicidade possível para suprimir a discriminação racial? O Atlântico não é meramente a extensão de água que solapa o território brasileiro numa diáspora marítima diacrônica, é mormente a matriz escravocrata de uma história de colonizadores que forjaram esta pretensa modernidade como experimento econômico, social e político.

Veja-se, em tom atávico, a escravidão que formou o mundo moderno agora se emaranha nas estruturas sociais ao adquirir a forma do racismo estrutural. Para ficarmos em exemplos recentes, a propalada assertiva do “novo normal” durante o momento de emergência em saúde pública para combater o SARS-CoV-2 (Covid-19), revelou uma fração da população brasileira – corpos, histórias, desejos, aflições etc. – “despercebida” e/ou ignorada estruturalmente pelo recorte racial, ademais, para aqueles gestores do combate à pandemia o que importava era o retorno ao período pré-epidêmico – como se fosse o mundo ideal e, porventura, um cenário aceitável na tentativa de impedir certa

regressão social, como se já não estivéssemos nela –; continuando em escala nacional, o racismo se reverbera nos dados de educação fornecidos pelo IBGE/PNAD, os quais informam que o abandono escolar na faixa etária de 14 a 29 entre pretos ou pardos corresponde a 70,9% (6,7 milhões), 2,5 vezes maior quando comparado aos da mesma faixa etária dos brancos. Em outro exemplo, agora numa escala local, no Distrito Federal, podemos salientar que o “novo normal” é tão violento quanto o período pré-epidêmico, uma vez que a injúria racial é praticamente 3 (três) vezes maior que a média nacional, segundo a 17ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

Aquele experimento, ao menos na aparência, forjado pela modernidade, ganhou traços estruturais nesses exemplos, cuja expressão imediata é a discriminação racial que atravessa as mais distintas esferas da sociedade e, portanto, a escola não está dissociada desse fenômeno. Até mesmo em tempos de nanotecnologia, o devir humano se apresenta numa escala biotecnológica, cujo acoplamento via inteligência artificial produz autômatos vorazes sequiosos em despontar um click visando solucionar os problemas da educação – vociferam uníssonos os mais alvoroçados pelos algoritmos de plantão! –, mesmo sem antes saber qual o verdadeiro problema. Nesse sentido, a problematização posta por Bell Hooks acerca da formação de “uma comunidade de aprendizado” tende a nos ajudar numa prática de insubmissão ao racismo estrutural responsável por assombrar o presente, uma vez que aquela modernidade forjada no Atlântico acabou por se amalgamar nas entranhas da sociedade brasileira.

A problematização não necessariamente remete ao campo da abstração, dado que se trata da própria espacialização do racismo estrutural no tecido social brasileiro, ou seja, é uma constatação objetiva da realidade. A própria dialogicidade proposta por Paulo Freire se apresenta como pressuposto desta problematização da experiência de vida da/do educanda/educando, pois, como construto social, a escola é a sistematizadora de conhecimento responsável por requerer da prática docente o exercício crítico frente as iniquidades sociais, estritamente o caso de se forjar uma contraproposta de educação antirracista assentada na “rigoriedade metódica”. Não se trata de, meramente, reproduzir leituras e mais leituras, visando ao entulhamento enciclopédico, mas em que a leitura possa despertar relação crítica com o mundo cotidiano, no qual a escola é um componente necessário, porém se comporta insuficientemente numa prática de educação antirracista.

Esta escala insuficiente da escola, algo posto pela modernidade, se expressa na dissociação entre professor(a) e pesquisador(a). O tempo da sala de aula é visto como tempo de não pesquisa, portanto, deixou-se de pesquisar e gerar dados de um fenômeno qualquer – há quem diz ser mais útil se apartar da investigação para se restringir aos conteúdos curriculares. Contudo, tendo em Paulo Freire o assento da “dodiscência” como ruptura a esta modernidade, uma educação antirracista como prática deve pressupor a mediata problematização que se funda com a “comunidade de aprendizado” ao reconhecer o saber-fazer-educador(a), assim como da insubmissão como prática discente ao inverter a realidade opressora reproduzida pela escola.

Segundo Lugar

O racismo social: uma leitura da minha história

Clésio de Deus Passo
Letras inglês
Campus Planaltina



O racismo nasce de uma história sombria, a escuridão rodeou um povo atacado pela alienação perversa do mal. O sofrimento faz parte de história marcada pelo pragmatismo do homem branco. Na memória profunda da nossa história, reside a dor dos meus ancestrais. Homens e mulheres, de pele tão escura, carregaram o peso de uma injustiça. Vidas marcadas por correntes e algemas, mas também por coragem, resistência e dilemas. No seio da sociedade, depois de tantos anos, um mal oculto se esconde, é o racismo estrutural, que persiste durante anos e sustenta uma economia manchada pela política e a burguesia: as perguntas do porquê, as lágrimas de dor. É um sistema cruel, que perdura sem pudor, nas escolas, nas ruas, nos lugares que soam. O preconceito é arraigado, como uma sombra escura, afeta minha vida, meu destino, com uma força impura que não acaba.

A liberdade é apenas fictícia por códigos e leis, pintada com cores incríveis. Mas é apenas uma sombra, um engano ardiloso em busca de tolerância social. Na terra dos sonhos, onde o céu é dourado, existe uma liberdade que parece ter sido criada, que não reflete a minha realidade. Um mundo de ilusão, onde as correntes são de ar. A verdadeira liberdade ainda não existe. O futuro é uma esperança manchada pelo mal. As minhas conquistas são um meio de aceitação e a tolerância um vilipêndio social.

A educação transforma, é a luz que brilha. No combate ao racismo, é a semente que trilha um caminho de igualdade, justiça e união, é o antídoto que cura a ferida da opressão. A educação antirracista é a voz que ecoa alto, é o grito de resistência. No caderno da minha história, resistência que concebeu minha mãe ao nascer, a cor da minha pele é a leitura de uma resistência que preciso para existir. Aprendi, com Zumbi dos Palmares e Nelson Mandela, que a cor da pele não define um coração. Mas a cor da pele define meu lugar na sociedade. Meu coração se enche de esperança otimista que, um dia, um mundo de

igualdade e amor, seja a verdade no coração de um negro. Verdade essa que ainda não consigo enxergar.

Nas aulas de literatura, lemos autores diversos, vozeiros da igualdade, poetas controversos como Langston Hughes, Maya Angelou, Martin Luther King Jr, Toni Morrison e outros. Suas palavras nos inspiram a seguir em paz. Paz que eles só encontraram após a morte. Ergueram barreiras invisíveis. Suas vozes soam como címbalo e suas palavras nunca serão apagadas.

O racismo é uma sombria teia de aranha, que se entrelaça com os menos favorecidos. É uma estrutura oculta e ameaça sutil. Não é apenas ato isolado. É escancarado, é um sistema arraigado pela dor e historicamente tramado. Nas entradas da sociedade, ele se infiltra, como raízes profundas, em terra fértil: segregação disfarçada, oportunidades negadas, alicerces de desigualdade e, por séculos, investido sobre sangue inocente.

Que o racismo estrutural, um dia, seja história. A educação seja a couraça da vitória. E a igualdade de direitos seja nossa trajetória, que, mesmo dormindo o sono da morte, minha geração possa ver um futuro que ainda não vejo.

Terceiro Lugar

Educação antirracistas: juntos por uma escola inclusiva contra o racismo estrutural

Jailson Lima Ferreira
Licenciatura em Letras-Inglês
Campus Riacho Fundo



No Brasil, as comunidades indígenas e africanas sofreram com as mazelas da escravidão que perdurou por mais de 300 anos. Desde a invasão dos colonizadores nas terras brasileiras pertencentes aos povos originários e até mesmo após o fim da escravidão, atitudes discriminatórias repercutidas em forma de racismo estrutural ecoam no país. Segundo o professor Silvio Almeida, o racismo é estrutural porque o considera não como um ato, mas, sim, um processo que organiza a sociedade de modo a reproduzir a subalternidade de corpos negros. Ao compreender o racismo como algo estruturante, a educação tem um papel primordial para combater tais práticas, visto que é uma instituição social ideológica que forma cidadãos para a vida em sociedade, que é diversa.

A escola recebe uma diversidade de educandos, no entanto não está totalmente preparada para acolher as diferenças da sala de aula. Esta problemática requer atenção e intervenção dos educadores quando se depararem, por exemplo, com atitudes racistas no ambiente escolar. O docente está à frente do processo de formação dos estudantes e a ele está incubida a possibilidade de transformar vidas e formar cidadãos para a vida. A autora, de pseudônimo grafado em letras minúsculas, bell hooks, apresenta a ideia de que o professor deve agir em sala de aula a partir de uma postura transgressora como prática da liberdade. Seus ensinamentos devem vir ao encontro de uma educação antirracista, pela qual o educador deve promover uma resignificação em suas estratégias de ensino e na seleção dos conteúdos que, muitas vezes, são pensadas sob a ótica colonial e reforça a cultura dominante.

O grupo brasileiro de rap Racionais Mc's, na canção “Negro Drama”, aponta uma percepção estrutural acerca da comunidade negra do Brasil por meio do seguinte verso: “Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”. O grupo demonstra que o racismo tenta definir qual é o lugar da pessoa negra na sociedade e, para tanto, o papel de uma educação antirracista é o de denunciar as convenções sociais de preconceito racial. Para a promoção de estratégias

de ensino baseadas no antirracismo, os versos dos Racionais Mc's são um bom exemplo, pois carregam consigo a realidade social imposta à comunidade negra e moldam um ensino reflexivo e transgressor dos pensamentos dominantes. Salienta-se que, ao receber uma classe plural, é preciso que o planejamento seja pensado para acolher e ensinar o respeito e a valorização das diferenças, o que pode ser um desafio frente ao sistema ideológico dominante.

Promover uma educação antirracista, em uma sociedade estruturalmente racista, poderá muitas vezes ser questionada, e por isso é imprescindível nos ampararmos nas legislações educacionais que direcionam caminhos para a exequibilidade de práticas antirracistas em sala de aula. As Leis 10.639/03 e 11.645/08 tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena e contribuem para difundir o conhecimento acerca da história de povos que constituem a maioria da população brasileira e ainda assim são os que menos estão nos espaços de poder e de decisões. Tais legislações possibilitaram cada vez mais obras artísticas e literárias, como as músicas do Racionais Mc's por exemplo, nas escolas e nos vestibulares nacionais, incentivando a seleção de materiais didáticos em sala de aula que discutam as questões raciais e o lugar da comunidade negra na sociedade.

A educação antirracista deve ser uma mobilização de esforços para formar educandos críticos e reflexivos, capazes de intervir em suas realidades, valorizando a diversidade racial e cultural brasileira. Dessa forma, a filosofia africana Ubuntu, ensina: Eu sou porque nós somos. Tal pensamento é um convite para unir esforços em prol do acolhimento de todos e do entendimento dos princípios da coletividade, solidariedade e diversidade. Sendo assim, a escola atuou e atua sob a lógica dominante e, hoje, a educação antirracista e a educação inclusiva vêm para incomodar um sistema que, por muito tempo, foi e é exclusivo.

Portanto, a educação de hoje e de amanhã é denúncia e intervenção contra o racismo estrutural e todas as formas de discriminação. Daí, refletimos que a luta contra a desigualdade racial é constante e deve ser um trabalho de todos em prol do senso de diversidade que é a sala de aula e a sociedade. Ressaltamos a necessária reflexão presente na rede social Youtube, a partir do slogan da página “Canal Preto”, que diz o seguinte: “Racismo. Ou você combate, ou faz parte”.

Curso Técnico

Verso

Textos Premiados

1º Lugar - Isabella Kirly Macedo, com o texto, em verso, “A educação é a luz, o brilho transcendental”, do curso Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais Integrado ao Ensino Médio - Campus São Sebastião

2º Lugar - Franklin Santos de Souza, com o texto, em verso, “Racismo estrutural e educação antirracista”, do curso Técnico Em Eventos EAD - Campus Brasília

3º Lugar - Laila Daniela Ramos Rodrigues, com o texto, em verso, “Racismo estrutural e Educação antirracista”, do curso Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio - Campus Riacho Fundo.

Primeiro Lugar

A educação é a luz, o brilho transcendental

Isabella Kirly Macêdo Sinfrônio
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada Integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião



Havia uma menina, cabelos enroladinhos,
Sozinha, no palco dos destinos,
Seria medo ou falta de respeito,
Que a mantinha nesse silêncio estreito?

Seus olhos castanhos, brilho profundo,
Mais que a luz do dia, mas, ao segundo,
Seria tristeza ou alegria oculta,
Nesse mundo onde a diferença tumultua.

No palco da vida, uma história a narrar,
Olhos castanhos, pele escura a brilhar,
Num mundo onde o preconceito pesa,
Mas, no tempo, a esperança se reergue e começa.

Educação, bússola contra o fascismo,
Contra o machismo, um escudo sem cinismo,
No combate feroz ao racismo estrutural,
A educação é a luz, o brilho transcendental.

Nesse palco da vida, ela se reencontrou,
A luz apareceu onde antes não brilhava,
Educação como farol, a guiar,
Contra o preconceito, uma história a contar.

A luta é constante, o aprendizado é vital,
Educação, arma contra o mal,
Frente ao racismo, uma batalha diária,
Na escola da vida, a educação é necessária.
Combate ao ódio, semente do amor,
Na sala de aula, construímos o ardor,
Educação que quebra correntes do passado.

Rumo a um futuro onde todos são iguais, lado a lado.
Assim, a educação antirracista se ergue como guia,
No combate ao racismo estrutural, uma voz a clamar,
Na construção de um mundo de justiça e harmonia,
Onde todos, independentemente da cor, possam brilhar.

Que a educação seja nossa arma, nossa chama,
Contra o racismo, lutaremos com união e fervor,
No palco da vida, juntos, construiremos com amor
Onde a igualdade prevaleça, e o amor seja o motor.

Segundo Lugar

Racismo estrutural e educação antirracista

Franklin Santos de Souza
Técnico Em Eventos EAD
Campus Brasília



Dia 20 de novembro

Com carinho eu me lembro

De pensar com muito alento

Sobre o fim da escravidão

Nesse dia se relembra

O combate ao preconceito

Pede mais amor no peito

E também integração

Viva a consciência negra

De Zumbi com sua proeza

De lutar contra a pobreza

O preconceito e a opressão

Do quilombo para o mundo

Sua voz contra o infortúnio

Que ecoa na história

E atravessa geração

Tenha sede de justiça

Seja forte e resista

A todo tipo de racismo

Imite ao Deus imparcial

O racismo é estrutural
Está dentro da estrutura
Dentro da sociedade
É cruel e só faz mal

Isso é muito recorrente
Nas ações de quem consente
Com palavras indecentes
Diz que é vitimização

O racismo está presente
Onde nunca se imagina
Você pode ser racista
E nem mesmo perceber

O IFB traz esse tema
Com extrema maestria
Quero ter sabedoria
Para rimar com o coração

Combater o preconceito
Apoiar o que é direito
Carregar amor no peito
Combater o que é mau

Vou gritar pros quatro cantos
Com força, vigor e espanto
Na alegria, na dor e no pranto
Que não é preto, pardo nem branco
Mas que é tudo uníssono canto
Criatura de nosso senhor

Terceiro Lugar

Racismo estrutural e educação antirracista

Laila Daniela Ramos Rodrigues
Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio.
Campus Riacho Fundo.



Escutei uma voz ousada
Era perigosa
Tinha um tom macabro; desaforada!
E também doce como uma maria-mole
Talvez fosse uma Maria,
mas duvido que seja mole

Era sagaz
Chegou em meu ouvido
Acusou-me, culpou-me e pôs-me a chorar
Tal qual um neném — boba!
Sou tão tola

Pensei demais que me perdi na minha cabeça
Sem escrúpulos eles eram
Os pensamentos me disseram
“Esqueça isso, é normal a beça
Nunca se ofendeu com uma simples conversa?”

Não sei mais
Tudo que pensei já não me satisfaz
Pensar o mesmo que pensei ontem
Ignorância aos montes
Minha mente não tem me parecido sã
É verdade, a loucura tem sido anciã

Revoltada, quem poderia imaginar
que a jovem que só queria estudar
foi obrigada a escutar
que ali, para ela, não tinha um lugar

Pois eu me recuso!

Esse lugar é meu

O que eu busco

É apenas eu

Não vejo em lugar nenhum

Ninguém me diz onde fico

E quando dizem os imundos

Pareço um desperdício

Não ponha-me em seus pés

Sou irreduzível, convicta

De mim e quem sou, não dou ré

Te digo o seu lugar: racista!



Curso Superior

Verso

Textos Premiados

1º Lugar - Bernadete Furtado Leite Goulart, com o texto, em verso, “1500”, do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa - Campus São Sebastião

2º Lugar - Fernando Lázaro Jesus Silva, com o texto, em verso, “Me viu”, do curso de Licenciatura Inglês - Campus Riacho Fundo

3º Lugar - Elaine Andrade Xavier, com o texto, em verso, “RESPEITAR”, do curso de Licenciatura Letras Espanhol - Campus Ceilândia



Primeiro Lugar

1500

Bernadete Furtado Leite Goulart
Licenciatura em Letras Língua Portuguesa
Campus São Sebastião



Descobrimento do Brasil.

A terra, a semente,
a enxada, o negro...

fatores de produção!

Negro, mercadoria lucrativa.

-Coisificação!

Navios negreiros

Navios tumbeiros

Todos chegavam

Vivos ou mortos

Cana de açúcar

Riqueza colonial

-Que mais importa a Portugal!!

-Ininteligível, cruel, obsceno!!

Passados mais de 4 séculos...

- E pasmem...

-A crença ainda se perpetua!

Preconceito, discriminação

Racismo estrutural!

Família, escola, sociedade
espaços de acolhimento,
respeito e afeto,
independente de cor
de credo e gênero.

-Humanidade!

Cabe a todos nós

A mudança de rumos,
o reconhecimento,
a reparação de danos.

Agora!

sem mais delongas!

à família: afeto, união, consciência;

à escola: educação, orientação, apoio,

homenagem aos autores negros,

valorização do homem negro;

à sociedade: respeito, Justiça, legislação,

concretização dos direitos humanos.

E assim um recomeço.

E por fim ...

Uma nova História.

Segundo Lugar

Me viu

Fernando Lázaro Jesus Silva
Licenciatura Inglês
Campus Riacho Fundo



Eu vivi. Sim, assim mesmo cresci.

Na escola, qual era a escolha?

Não constrói enquanto destrói.

Aguenta. É uma brincadeira.

Obrigado, professora, a qual o ajudou.

Eu. Não tem rancor. Na esperança cresci.

Afinal qual é o “lápiz cor de pele”?

É coisa de criança.

Último a ser escolhido na quadra. PARA.

No fim da fila vi. Aprendi. Sorte de quem?

Ele é tão bonitinho. Também sou! Sou?

Aquele cabelo pode realmente furar uma bola? Ora.

Aquele mestre me viu.

Me viu?

Me riu.

Sou rio.

Terceiro Lugar

Respeitar

Elaine Andrade Xavier
Licenciatura letras espanhol
Campus Ceilândia



Colonizar? Descobrir? Povoar? Invadir? Miscigenar? Escravizar...

A história silencia o que o grito ecoa

O retrato lembra a escravidão

Que num choro brota no olhar.

Seja de dia, de noite, na madrugada

Seja na ponte, na rua ou em qualquer morada

Nossa força não está na aparência

É hora de mudar, educar, ensinar, trabalhar!

É hora de reconstruir, recomeçar!

Com uma educação antirracista, vamos desenhar

Vamos todos ocupar, acessar e ingressar!

Vamos todos juntos, unidos, combater o preconceito,

Cultivar a igualdade, a paz!

Vamos! Vamos respeitar! Vamos sonhar, sorrir, progredir!

A felicidade está dentro de nós e não no estereótipo ou em nossas opiniões!



Demais Textos

Papel da educação antirracista

Davi Teixeira Borges
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais na forma articulada
integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

A Educação Antirracista desempenha um papel crucial na sociedade ao combater o racismo estrutural. Ela traz luz sobre a história sombria do racismo, destaca figuras notáveis que lutaram pela igualdade, como Martin Luther King Jr., Malcolm X e Nelson Mandela. Além disso, promove a empatia, permite que os alunos se coloquem em lugares que sofram discriminação racial.

Essa forma de educação vai além do conhecimento, capacita os alunos para se tornarem agentes de mudança. Ela ensina ferramentas de crítica e ativismo, inspira a participação em movimentos sociais e a promoção de políticas inclusivas. No entanto, para uma implementação eficaz, é necessário um compromisso coletivo, envolvendo a revisão de currículos, o treinamento de professores e a criação de ambientes de aprendizagem que celebram a diversidade.

Os pais e responsáveis também têm um papel vital para reforçar em casa os princípios da igualdade e do respeito. A Educação Antirracista é uma ferramenta poderosa para combater o racismo estrutural sobre as origens do preconceito, promovendo a empatia e inspirando ação. Através dela, esperamos enfraquecer as estruturas do racismo, caminhar em direção a um mundo mais justo e igualitário.

A busca pela aceitação e a luta pela identidade

Thayna Pereira Magalhaes
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais na forma articulada
integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Numa pequena cidade chamada São Sebastião-DF, uma criança crescia sem pertencer às categorias convencionais de brancos ou negros. Ela constantemente ouvia comentários confusos e contraditórios, como "Você é muito clara para ser preta" ou "Você é muito escura para ser branca". Essas palavras ecoavam em sua mente e alimentava a confusão e a falta de aceitação que sempre a acompanharam.

Desde muito cedo, essa criança nunca soube o verdadeiro significado da palavra "aceitação". Apesar de ter uma cabeleira de cachos loiros deslumbrantes, ela nunca conseguiu enxergar a beleza que se escondia em meio a seus fios encaracolados. Ao invés disso, era confrontada com expressões depreciativas como "Juba de leão", "bombril HAHA!!" ou "MINHA NOSSA, SEU CABELO É MUITO VOLUMOSO! CREDO...". Até mesmo ouvir a frase "cabelo de cota" a deixava perplexa, sem entender o que aquilo significava.

Apenas com seis anos de idade, ela já sentia a pressão de se tornar bonita aos olhos dos outros. Ela se submetia ao uso frequente da prancha alisadora, na esperança de se adequar a um padrão de beleza que parecia mais aceitável para os colegas. Mas, ironicamente, enquanto tentava se encaixar nesses moldes impostos, ela sentia sua essência sendo sugada, sua identidade e verdadeira auto expressão sendo apagadas.

Essa criança ansiava por ser bonita aos olhos dos outros, especialmente entre seus coleguinhas. Ela seguia utilizando a prancha e produtos que alteravam sua aparência, mas que, aos poucos, matavam sua identidade, sua essência e seu verdadeiro eu. Era impressionante, porém, que após alisar o cabelo, ela era tratada de forma diferente. Nunca mais ouviu comentários sobre sua aparência. Mas por quê?

A resposta estava na triste realidade de que a sociedade tende a valorizar certos padrões de beleza, enquanto marginaliza e exclui aqueles que não se encaixam neles. Ao alisar seu cabelo e tentar se embranquecer, a criança se tornava mais aceita, pois sua aparência se aproximava dos ideais socialmente estabelecidos. Essa experiência dolorosa, porém, deixava uma pergunta angustiante no ar: por que a aceitação dependia da negação de sua verdadeira identidade?

Hoje, mesmo diante de tudo isso, essa criança cresceu, mas continua a seguir essa rotina de alisar os cabelos. Ainda utiliza produtos que a afastam de sua essência e matam sua verdadeira identidade. É um ciclo vicioso, uma busca incessante por aceitação que, muitas vezes, impede a descoberta e celebração da beleza única que existe em cada pessoa.

No entanto, é importante lembrar que a verdadeira beleza não pode ser definida por padrões externos ou pela aprovação dos outros. Ela reside na autenticidade, na aceitação e no amor próprio. É um caminho difícil, mas esperamos que um dia essa criança – agora adulta – possa encontrar a coragem e a força necessárias para abraçar seus cachos com orgulho, celebrando sua identidade e mostrando ao mundo a verdadeira essência de quem ela é.

A educação antirracista nas instituições de ensino

João Victor da Conceição Venâncio
Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
Campus Brasília

No mundo contemporâneo, percebe-se uma grande preocupação em relação à educação antirracista em meio aos estudantes, promovendo inclusão para muitos, com isso, estudantes negros sentem-se mais acolhidos e respeitados dentro das universidades que adotam tal educação.

Estudos mostram que a presença do tema de raça e etnia nas escolas é de extrema importância para os estudantes, pois, com essa discussão, é possível formar uma população mais acolhedora e inclusiva, ao trazer a possibilidade de um futuro igualitário para todos.

É notório que as instituições como o Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Brasília, além de levarem essa discussão para dentro da sala de aula, fornecem projetos e programas para os discentes com esse mesmo tema e oferecem, também, palestras sobre o respeito que a população negra merece.

Essa discussão é importante tanto para a sociedade branca quanto para a negra, pois muitos nascem e frequentam estabelecimentos racistas e, às vezes, falas que ofendem tal população passam despercebidas, pois aquilo pode fazer parte do cotidiano e se tornar algo natural.

Diversas escolas não têm muito esse conceito de inclusão, na verdade, muitas vezes valorizavam a população branca e estereotipam as populações africana e indígena. Coisa que não deveria ocorrer em nenhum colégio.

Com isso, a inclusão dentro das instituições geram um maior conforto para a população negra dentro de seu ambiente de estudo, porém essa educação antirracista precisa estar em todas as instituições de ensino.

Sugere-se o IFB campus Brasília como exemplo, para que ocorra conscientização por meio de projetos de extensão com a discussão de raça e etnia dentro da sala de aula, com o objetivo de tornar os ambientes escolares mais acolhedores e com o intuito de formar cidadãos inclusivos.

Racismo estrutural e educação antirracista

Geovana de Souza
Técnico Integrado ao ensino médio em Administração
Campus São Sebastião

“Júlia, uma garota de cabelos "difíceis de pentear" como dizia sua professora Helena.”

Quando na escola levantou a mão, uma menina disse que a "escurinha" iria falar. Houve um silêncio que logo foi quebrado por risadas. A professora Helena disse apenas que Júlia tinha "cabelos difíceis de pentear". Como poderia a educadora querer educar, se não tinha educação para dar. Quando a garota chegou à sua casa, se amparou em chorar. Como voltar à escola que somente a fazia se sentir ainda pior. Tinha raiva por nascer "escura" como a menina da classe gritou. Infelizmente, era dia de retornar. Porém, dessa vez, algo estava diferente: sua não querida professora, ainda bem, não estava lá. Havia uma que se parecia com Júlia, bonita e confiante, e chegou novamente sua vez de falar. A mesma garota se pôs a comentar. Entretanto, ao iniciar seu comentário asqueroso, a professora teve que intervir: indagou à criança, coisa que nunca tinha acontecido. Todos acharam estranho, o que era normal agora não parecia ser. O porquê do surgimento da fala da menina, o porquê sentia vontade de pregar a tristeza. Sem respostas para dar. Apenas dúvidas restavam ao ar. É isso que ocorre quando professores fazem realmente o papel de educar. Coisas enraizadas são difíceis de desenterrar, mas sempre é possível encontrar uma pá. Uma educação antirracista é a pá que nossa sociedade carece.

Conheço meu lugar

Luana Nunes dos Santos
Licenciatura em Letras Espanhol
Campus Ceilândia

Em Brasília, os prédios são banhados pelo céu. Helena ia para a escola de metrô e percebeu esse fato curioso sobre o local em que vive. Na verdade, ela pensou, considerando a localização de sua casa, que, para algumas pessoas, ela não mora de fato em Brasília, mas na Ceilândia. Apesar de comum, aquele era um dia especial para ela. A paisagem do trajeto era bem interessante e ia observá-la até seu destino, no Plano Piloto. Enquanto passava pela estação Águas Claras, notou que a cidade era estruturada por prédios que pareciam ter muito espaço. Em Sol Nascente, a maioria dos bairros é formada por casas, que são bem pequenas e muito próximas. As ruas têm muitos buracos e diversas pessoas transitam por ela durante o dia e a noite.

Ao chegar na estação Central, a jovem se viu mais uma vez dentro da multidão que andava apressada. De segunda a sexta, ela seguia esse trajeto, assim como diversas outras almas que se deslocam para Brasília de fato. É uma forma de sustento, é um abrigo, é um ponto de encontro. Anda, corre, senta, grita, come, dorme. Notou que era o clima habitual da Rodoviária do Plano Piloto, mas aquela era uma terça-feira mágica. Passou pela Esplanada, L2 Norte, viu a singular arquitetura de Brasília, os moradores de rua negros que habitavam seus espaços, as ocupações e desocupações, as áreas verdes que inexistiam em Sol Nascente.

Ao descer em sua escola, correu para entrar na sala antes da professora. Camila tinha cabelos crespos e cor de café assim como a garota. Para além de sua beleza física, a estudante tinha uma grande admiração pelas conquistas de sua docente. Ser mulher, negra e ex-estudante de escola pública, que conseguiu conquistar seu espaço no ensino superior, é uma história muito bonita de se ouvir, mas Helena sabia que na realidade isso exigia muito do tempo e emocional de alguém. Ainda assim, sentia ali a esperança: poderia ter a mesma chance.

Nas últimas aulas da historiadora, estudavam sobre a situação das pessoas negras no Brasil do século XIX. As leis daquela época tinham relação com o racismo: os negros não tinham acesso à educação, a terras ou ao trabalho. A sociedade brasileira atual ainda era concebida em meio aos vestígios de todas essas políticas anteriores. Assim, o dever de casa instruído pela docente na semana anterior foi o de observar a relação das pessoas negras e os espaços que ocupam. A partir dessa instrução, Helena passou a semana exercitando seu olhar. Ao ouvir a pergunta sobre o dever de casa, a jovem levantou o braço para participar.

Iniciou comentando sobre alguns de seus livros didáticos, que quase não mostravam negros fora da condição de escravos. Também comentou sobre suas observações na estrutura da cidade. A maioria dessas pessoas ocupavam espaços de vulnerabilidade e exemplificou falando sobre os locais destinados a esses cidadãos, e quis frisar bem essa palavra para se sentir, de alguma forma, ajudando aqueles que foram tão recriminados. No Plano Piloto, elas iam em condição de trabalho e não podiam desfrutar dos amplos locais de lazer existentes, além disso, muitos também estavam na condição de moradores de rua.

Camila abriu um sorriso. Em seguida, a professora ouviu mais alguns estudantes e questionou a turma sobre as possibilidades de resolução para esse problema estrutural. Davi levantou a mão:

- As cotas são uma boa maneira de resolver esses problemas e... Eduardo quase pulando da cadeira:

- Deveriam butar mais atores e atrizes negros na televisão!! Eis uma grande solução.

Ao ouvirem Eduardo, a sala iniciou uma onda de risos. A professora também se divertia com a turma. No entanto, Helena, que estava com um rosto impaciente, não se contentou com essas respostas, pois conseguia perceber que isso ainda não seria o ideal. Então disse:

- As sugestões dos meus colegas são boas, mas não são suficientes. Penso que a solução seja descentralizar Brasília!

Muitos não entenderam, mas ela começou logo a explicar:

- Eu percebi que as pessoas todos os dias se deslocam rumo ao Plano Piloto e isso faz com que desconheçam a cidade onde vivem. Na Ceilândia tem muitos programas culturais. Se a gente levar os projetos para as RAs e possibilitar uma melhoria no transporte para esses locais, os cidadãos terão mais oportunidades não somente de emprego, mas de acesso ao espaço e à educação cultural. Também as cidades receberão mais investimentos para mais atrações.

O sinal toca. A resposta foi dita com tanto entusiasmo e confiança que a turma ficou paralisada por um tempo. De repente, alguns colegas começaram a rir da ideia de Helena. A menina ficou sem entender o motivo. Os estudantes saíram da sala e, quando ia sair também, os olhos da aluna se cruzaram com os da professora. Esta abriu um sorriso para a estudante e proferiu algo bem baixo. Helena voltaria à Ceilândia, uma cidade com o céu banhado por sonhos.

Severa vida

Gisele Silva de Siqueira
Curso Superior de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa
Campus São Sebastião

Tiago Silveira era uma criança, como muitas outras, que conhecia bem o que se pensavam dele. Pensamentos esses que eram também herança passada de geração em geração. Sua família tanto já conhecia esses pensamentos desde a própria infância que bem sabia que eles tornam-se ações e sofrimentos. Tudo isso resultado de racismos.

Ele cansou de ouvir que "deveria procurar se vestir bem para não ser confundido com bandido", a família aconselhava. Desde cedo sendo ensinado como prever situações ruins que evidenciam a desigualdade.

O fato é que nem sempre, quase nunca, isso foi possível. Certo dia, quando sua prima estava em sua casa e logo após ele ter cortado o cabelo, ela pegou algumas mechas que haviam caído no chão e simulou que estava lavando a louça. Aquilo partiu seu coração. Ele sabia que ela não tinha percebido a ofensa que estava fazendo e ficou sem reação, aguentou calado e deu uma risadinha triste. Ambos tinham apenas 7 anos.

Mas, a partir de seus 9 anos de idade, havia um lugar em que Tiago gostava de estar, a sala de aula. Lá ele conseguia ser o que de fato era, sem precisar ser quem não conhecia. Ali ele podia ser aquela pessoa que os outros nem tentavam entender. Como cidadão da atual sociedade e frequentador da eXCNBscola pública, ele percebeu que a escola em que frequentava era repleta de diversidade, lugar que muitos diriam que tinha pessoas brancas, pretas, vermelhas, amarelas e tantas quantas possíveis ao mesmo tempo. Ele pôde observar isso graças à sua professora, Suely Mendes, que dedicava seu tempo a mostrar a seus alunos quantas semelhanças há em todas as pessoas e em advertir da periculosidade das palavras em relação ao próximo, pois elas, com veracidade, são mesmo indesejáveis.

Com o passar dos anos, Tiago percebeu que, apesar de tudo que havia aprendido, ele sempre presenciava o racismo, acontecendo com ele ou não, independentemente de onde morasse, mas ele entendeu que o papel daquela professora foi fundamental em sua vida e na de seus colegas por ter sido a primeira de muitos que os ensinaram a respeitar as outras pessoas. Com a ajuda dela, Tiago também passou a entender o lado de sua família, de como ela apenas queria protegê-lo de todo o mal que sabiam existir no mundo.

A onça e a pantera

Laíza Gonçalves Fernandes
Técnico em agropecuária integrado ao ensino médio
Campus Planaltina

As onças-pintadas caçavam da pantera, por conta de sua pelagem escura. A implicância se dava somente pelo fato da pantera ter uma cor diferente das outras onças.

Mas certa vez, na escolha do novo líder da alcateia, as onças-pintadas disseram:

- Ah, certeza que uma entre nós vai ser o novo líder.
- Mas e a pantera? Será que ela consegue?
- Claro que não, ela é diferente. E certeza que é mais fraca. Você acha por que até hoje os únicos líderes foram onças pintadas?

Mas algo inesperado aconteceu. O atual líder da alcateia propôs uma competição à noite. Onde deveriam caçar, e o primeiro a levar a caça ao líder da alcateia, seria ele o novo líder.

Na noite da caçada, as onças com sua cor vibrante e pintas chamativas não conseguiram atacar a caça de surpresa. Já a pantera com sua pelagem escura se camuflou na sombra e, rapidamente, mirou e capturou a caça. Levou-a até ao atual líder da alcateia, chegando em primeiro lugar. E assim se tornou a nova líder da alcateia.

Em seu discurso de líder, ela disse:

- Hoje mostrei que minha pelagem não me faz fraca. Mas, sim, pode me fazer forte. Mesmo com todas as críticas e zombaria por ser diferente, consigo entender que sou da mesma espécie que vocês. Somos todos Panthera onça.

Moral da história: não é a sua cor que te define.

A beleza da diversidade: celebrando as cores da humanidade

Maria Eduarda da Silva Cabral
Técnico em Produção de Áudio e Vídeo Integrado ao Ensino Médio
Campus Recanto das Emas

Aprendemos desde crianças que podemos ser tudo o que quisermos:

Bombeiro, astronauta, médico e até mesmo o Batman.

Tudo é possível e temos as ferramentas – lápis de cor e papel – para colorir o mundo, pois ele é nosso! Mas por que um pouco de cor assusta tanto?

Por que os pretos, cor de caramelo, cor de creme, cor de castanha, cor de chocolate, cor de cappuccino, cor de paçoca, cor de café assustam?

Não somos monstros, não estamos à espreita debaixo da sua cama.

Estamos na presidência, nas telas, no topo... bom, era assim que eu pensava.

Uma vez me disseram que medo e admiração andam lado a lado: o medo daquilo que é diferente e o ser humano não controla causa curiosidade e uma pontada de admiração por fugir do padrão. Em um país com 56% da população negra e parda, ainda há esse preconceito chulo contra os de cor. Afinal, quem não gosta de chocolate?

Faz parte da nossa cultura, está enraizado em nossas veias – sangue forte, sangue de quem pode. Mas o apodrecimento também está presente, infelizmente.

Assim como uma fruta em um cesto que contamina o resto, anos e anos de luta são banhados por anos e anos de preconceito.

Somos frutos da mesma árvore e não podemos cair tão distante do pé.

Não somos do mesmo formato, mesma cor, mesmo tamanho ou qualquer coisa igual.

Somos coloridos e diversos.

Um dos maiores desafios da sociedade: o emprego da pluralidade.

Ensinar as crianças que a “cor de pele”

não é só aquele lápis clarinho,

são os marrons, os pretos, os brancos, seja qualquer tonalidade: claro, escuro ou médio.

Ensinar de todo tipo de cor é bem-vinda,

é aceito e, assim, se desatar das correntes preconceituosas

da nossa pele que é bonita sim.

E, convenhamos, preto é lindo!

Sem contar que preto combina com tudo!

O (des)enraizamento da discriminação racial na sociedade

Natany Pereira de Jesus
Superior Tecnologia em Agroecologia
Campus Planaltina

O Brasil abarca um acervo histórico de imensa dimensão social, cultural, política e econômica. Com relação ao processo civilizatório estabelecido pelos colonizadores a partir do século XV, os povos indígenas e africanos foram expostos à escravidão e à exploração, devido à concepção de inferioridade atribuída a esses grupos. Não obstante, no século XXI, a discriminação racial segue socialmente enraizada, sinalizando a necessidade imediata de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural.

O racismo estrutural é vivenciado por numerosos indivíduos cotidianamente, seja por atuações conscientes ou inconscientes. A abolição da escravidão não alcançou a eliminação total de ações discriminatórias, e, até os dias atuais, práticas racistas persistem nas esferas culturais, políticas, até o nível de exclusão socioeconômica, refletindo que o racismo tornou-se componente da sociedade. Observam-se muitas desvantagens herdadas pelo período colonial, contudo, avanços vieram conforme os anos e, hoje, existem políticas públicas que asseguram a proteção aos povos indígenas e africanos, assim como direitos foram sendo alcançados, pela inclusão racial no exercício profissional e acadêmico em instituições públicas e privadas.

Outrossim, a educação antirracista possui o papel de formar uma sociedade mais integrada, equitativa e empática, por meio da intervenção pedagógica no setor escolar, com o incentivo de debates, discussões e atividades de leitura sobre assuntos relativos ao combate de atitudes discriminatórias, com o fim de difundir o respeito à diversidade cultural e à conscientização sobre a legislação vigente, protagonizando a proteção dos grupos étnicos-raciais. A criação de trabalhos de apoio há de caracterizar a mudança de vocabulário e a postura no convívio diário, assim como a redução de qualquer ato de exclusão e opressão, tanto na comunidade escolar como no ambiente externo.

Mediante os argumentos assim expostos, é indubitável que uma das formas de enorme eficácia contra o racismo estrutural é através da educação, portanto, a desconstrução de estereótipos e preconceitos demanda esforços, tanto coletivos como individuais, em busca da igualdade racial e justiça social, em prol de um futuro mais justo e igualitário para toda a sociedade. Entende-se que a miscigenação é uma realidade e será uma vitória o alcance da equidade racial de forma universal.

Apagamento da herança negra

Lanay Rakelli Kubitschek
Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
Campus Brasília

No Brasil, o racismo se revela como um processo de apagamento da herança negra, um legado profundo da escravidão. Vai além do mero preconceito, pois desumaniza as pessoas negras, desconectando-as de suas raízes culturais e históricas. Isso se torna particularmente evidente no ambiente escolar, onde o *bullying* pode ferir a autoestima, o racismo deixa cicatrizes profundas e duradouras no âmbito psicológico. A discriminação racial, um elemento intrínseco na sociedade brasileira, encontra um terreno fértil para perpetuar-se nas instituições de ensino, destacando a necessidade de uma abordagem sistêmica para combater o racismo. Isso requer mudanças nos currículos escolares, na formação contínua dos professores e na participação ativa de toda a comunidade escolar.

O Brasil enfrenta o desafio de calar e desqualificar muitos educadores do sistema público, influenciado, em parte, por uma parcela da mídia. No entanto, é possível promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade rica do país. Mesmo que indivíduos não demonstrem intencionalmente discriminação racial, as instituições continuam a perpetuá-la, a menos que as regras do jogo sejam alteradas. Isso ocorre em setores como Saúde, Educação, mercado de trabalho e Segurança Pública, contribuindo para a manutenção do chamado racismo estrutural. A cultura negra é uma das áreas mais impactadas por essa estrutura discriminatória. A falta de representação positiva na educação leva a um desempenho acadêmico deficiente e, conseqüentemente, ao constrangimento e isolamento de indivíduos de ascendência negra. Como enfatiza o advogado, filósofo e professor Silvio Almeida, "Uma educação que não questiona o racismo se torna uma educação que perpetua a discriminação racial como normalidade."

Nesse contexto, é imperativo que as questões raciais sejam tratadas de forma mais aprofundada nas instituições de ensino, incorporando as valiosas contribuições do Movimento Social Negro. A Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino da história e

cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental ao médio, representa um passo significativo. Além disso, é essencial incentivar e melhorar a formação dos professores, capacitando-os a incluir temas relacionados à história e cultura dos povos negros e indígenas em suas aulas.

Racismo estrutural e educação antirracista

Maria Clara da Rocha Soares
Ensino Médio Integrado ao Técnico em Meio Ambiente
Campus Estrutural.

O racismo estrutural é um problema enraizado na sociedade brasileira e torna-se um problema sistêmico, isso se dá pelo fato de, historicamente, o país ter sido berço de escravidão por quase 400 anos. A consequência disso é notória nos problemas de acesso desigual à educação e às oportunidades econômicas. Com esse cenário, faz-se necessário o uso de ferramentas de combate, sendo uma delas a implementação de uma educação antirracista, que ajude na mudança de ações e de pensamentos desde a raiz, tornando possível instruir crianças a não serem adultos com os mesmos pensamentos retrógrados.

Ao analisar o ponto da educação nas escolas, em 2003, torna-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas com a Lei 10.639/2003, esse foi um dos passos, mesmo que tardio, para a implementação de medidas que facilitem o acesso à informação, conscientizando não só os adultos, mas também as crianças de como história aconteceu, além de evidenciar como essas ideias preconceituosas se perpetuam até hoje. Etimologias racistas, exclusão social e racismo ambiental são exemplos claros de como as marcas da escravidão ainda estão evidentes na atual sociedade e só a partir da educação, uma mudança ocorrerá.

Pessoas pretas ainda enfrentam dificuldades na hora de disputar e ocupar cargos de poder. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), nas eleições de 2020, apenas 5% dos prefeitos eleitos eram negros, a disparidade fica ainda mais evidente quando se sabe que a população negra representa mais de 57% da população brasileira. Uma educação antirracista contribui para a formação de estudantes mais conscientes e compassivos, permitindo a diminuição dessa polarização racial, além de promover uma sociedade mais inclusiva.

Em virtude dos fatos mencionados, compreende-se a urgente necessidade de um sistema educacional que mude tal perspectiva e trabalhe para eliminar o racismo em todas

as suas faces. Essa iniciativa cabe ao Estado, por meio do Ministério da Educação, promover ações e medidas que deem visibilidade e reconhecimento ao povo preto. Além disso, é dever da sociedade, como coletivo, enxergar a necessidade de abraçar essa educação e colocá-la em prática, para que seja possível construir um futuro livre de preconceitos e do racismo estrutural.

Racismo estrutural e educação antirracista

YASMIN LOPES RIBEIRO
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

O racismo estrutural está encadeado em diversos fatores como a injúria, discriminação envolvendo a economia e a subjetividade, é uma ação patológica não normalizada, praticada por racistas. O racismo estrutural tem toda uma história política, social e cultural, trazida desde o século XVI, quando aconteceu a escravidão no Brasil, escravizaram os negros e a trataram-nos e ainda os tratam como inferiores, gerando muitos conflitos e a desigualdade, só por causa da sua aparência. E, desde aqueles dias até hoje, são praticados indiretamente esses crimes de ódio, as discriminações raciais, as injúrias raciais em diversos lugares do mundo. Isso dificulta e prejudica a vida da população negra, principalmente das mulheres negras. De acordo com a análise da fonte G1 (Globo.com), o índice de assassinatos de homens negros no Brasil foi quatro vezes maior do que o de homens brancos. De 2020 para hoje, infelizmente, a taxa de mortalidade de negros só vem aumentando.

Acerca desses fatos, vemos que a maioria da população é racista, a maioria das instituições pratica a ação do racismo estrutural, e muitas pessoas atuam como se fosse algo totalmente banal. O racismo estrutural pode ser realizado de diversas formas discretas e indiretas, através da desigualdade, diferentes tratamentos, cargos de baixas remunerações, entre outros. As mulheres negras, também, vêm sofrendo muito com as desigualdades desumanas da sociedade, o que causa feminicídio. De acordo com a fonte do G1 (Globo.com), mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, a taxa de mortalidade tem crescido rapidamente. As mulheres negras também têm enfrentado muitas limitações e proibições, como a de atuar em várias áreas, empresas privadas, a falta de representatividade, entre outras práticas patológicas racistas indiretas. Em 2011, foi criado e oficializado o dia da Consciência Negra, um dia extremamente importante para a sociedade refletir e ponderar sobre a arte da população negra e da nossa cultura.

Em virtude dos fatos mencionados, constitui-se em uma ferramenta fundamental, com diversas perspectivas distintas e diferentes para conscientizar e alertar a sociedade, o movimento da EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. De acordo com a fonte USP.BR, foi modificada a LDB – Lei de Diretrizes e Base de 1996 com a inclusão da educação antirracista na data de 9 de janeiro de 2003, pelo presidente à época, Luiz Inácio da Silva.

Esse movimento da educação antirracista nos traz a ideia da antiviolença, anti-ódio, antidiscriminação e antipreconceito. A Lei tem como objetivo potencializar a autoestima, acolher vidas negras, valorizar a cultura indígena e combater o próprio racismo estrutural. A Lei possui diversas ideias filosóficas, culturais e eficazes em sua estrutura, desenvolvidas por muitos acadêmicos e pensadores que se importam e demonstram afeto com a vida negra, envolvidos no movimento essencial para transformar o comportamento da educação brasileira, construindo, ensinando a sociedade a obter novos fundamentos teóricos e costumes adequados.

A ideia da Lei é buscar todos os conhecimentos eficientes para combater e vencer práticas de discriminação e o próprio racismo estrutural, evitando mortes de inocentes crianças, mulheres e homens negros. Também é essencial quebrar as barreiras, os obstáculos e as desigualdades sociais, adotar princípios com normas fundamentais para promover a pura e verdadeira liberdade para a população negra, consolidando e construindo narrativas positivas.

Negritude

Thays Dutra de Melo
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais na forma articulada integrada ao
Ensino Médio
Campus São Sebastião

Tentaram nos calar,
Mas o zumbi resolveu gritar.
Quiseram me matar,
Por que eu quis me candidatar.
Me asfixiaram,
Até minhas lágrimas rolar.
Me jogaram em cima dos morros,
E falaram que era a carta de alforria.
Me descriminalizaram pelo meu cabelo,
E falaram que era porque eu era "negro".
Me julgaram pela minha cor ,
Mas Deus não falou? " amar o próximo".
Se o jardim era pra todos,
Por que me trataram como porcos.
Gritaram "Favela vive", mas por um pouco eu não "sobrevivi ".

Carta para um brasileiro

Rebeca Vitória Marques Rocha
Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
Campus Planaltina

Brasília, 16 de outubro de 2023.

Carta para um brasileiro

Escrevo-te porque descobri que tenho um privilégio. Acordo cedo. Tomo banho. Escovo os dentes. E vou à escola. Isso me faz pensar, por muito tempo, o que torna a educação tão perigosa ao ponto de ser uma oportunidade privada a poucos? Seria a educação a solução para mudar a discriminação da estrutura social, que, há muito tempo, tem sido fortemente protegida pelo grande poder que poucos possuem? Em nossa sociedade, a minoria poderosa é educada, imagino que eles tenham a consciência de que, se a educação fosse parte essencial da vida de um miserável, isso traria um pouco de poder e representatividade a eles perante a entidade social.

Digo-te que miserável é aquele inválido em meio a sociedade desigual, em destaque aos que carregam o alvo da sociedade cravado nas costas: os negros. Na escola, aprendi que, desde o período em que o nosso Brasil era uma colônia portuguesa, muitos negros foram trazidos para cá em condições precárias para viver a indignidade e atuarem no papel de miseráveis. Isso porque, desde esse fato, eles foram privados da vida. Essa vida que eu te falo é a vida do mínimo, de ter a comida na barriga, a cama para dormir, a vida de direitos básicos. Podemos afirmar que não havia para eles o prazer de serem senhores do seu próprio destino, mas será que podemos afirmar hoje que o negro recuperou o prazer pela vida?

Os direitos são para pautar o mínimo que um ser humano deve ter para viver dignamente. A educação é um direito de todos, mas a qual nem todos possuem acesso. A abolição da escravatura abandonou os negros, que saíram do estado de privação para a liberdade que nada garantiu, assim, permaneceram à mercê da sociedade. Por isso, fico

triste ao observar os subúrbios brasileiros, porque eles são a escultura da desigualdade brasileira, eles são a representação do abandono político causado pelo racismo da sociedade, que libertou, mas não se preocupou em agregar essas pessoas no corpo social, apenas afastou os negros do mínimo, como a educação, e atribuiu a eles vestes surradas que representam as posições marginalizadas do convívio social.

A atual estrutura da sociedade é racista, ela conduz os negros aos assentos na última fileira. Ter educação é um privilégio e um ato de revolta, ela pode fazer com que espaços variados sejam alcançáveis aos miseráveis da sociedade. Por isso ela é tão privativa, não é interessante que um negro possa estudar para se tornar um juiz de um tribunal, ou juiz de sua própria vida. Eu considero que aprendi o valor de estudar.

Atenciosamente, de uma miserável privilegiada.

Clamor dos silenciados

Ronei Danilo dos Santos Vivas
Licenciatura em Matemática
Campus Taguatinga

Quem me dera dos anais da história apagar
Os grilhões, açoites e gritos silenciados
A dignidade arrancada no mar!...

Uma terra com potencial de Nação
Que mutila seus pioneiros
Arrancam-lhe os sonhos
Encarcerando-os em si mesmos!

Que motivação há em perpetuar
A humilhação que insta em ficar?
A liberdade restrita, a gana contida
Sonhos abortados...
Palavras lançadas ao ar!...

E, assim, caminhando na contramão
E vencendo os olhares suspeitos
[de uma luta escancarada]
Clamamos ao Pai do Céu justiça
Nesta guerra estruturada.



Legítimo a minha melanina

Ana Quézia Cezar dos Santos
Curso Superior de Letras - Inglês
Campus Riacho Fundo

Me redimi, vi as correntes cair.
Foi com a professora Cássia que aprendi.
E um dia gritei:

Sim, legítima a minha melanina.
Não, moreninha não.
Sou negra com muito orgulho, obrigada.

O seu racismo é mais obscuro e impuro
Do que a minha pele escura.
Mas saiba que os negros têm a sua marca,
Tão única e diversificada que nada se compara.

E agora, Elza?

Gabriela de Souza Neves
Tecnologia em eventos
Campus Brasília

Que coisa! – pensa a professora Elza. Mais um dia infeliz!

Claro que deve ser bem ruim começar o dia assim, mas a vida da professora Elza nunca foi fácil. Desde nova, apenas cuidava de gente, primeiro de si mesma, depois dos irmãos que foram nascendo ano após ano, mesmo com todos os problemas de uma vida bem medíocre, a mãe sempre tinha mais um. Até que enfim acabou no Helinho, foi o último a nascer levando a mamãe para o lado de lá.

Não teve tempo de chorar por isso não, cuidou do Helinho e dos outros irmãos. Sempre chamados de “neguinhos” e ouvindo gracejos do tipo: “Que mulata você tá virando hein, Elza”. Nunca gostou desse tipo de coisa, lá no seu íntimo ela sabia que aquilo era errado, mas não entendia o porquê, afinal todos os adultos faziam aquilo e parecia ser bobagem dizer que não gostava.

Apesar de tudo contra, conseguiu estudar, formou-se professora no magistério, ainda em 1988. Tempos difíceis ainda, mas agora ela poderia entrar no mundo das letras e quem sabe entender melhor o mundo que vivia.

E foi isso que aconteceu... Elza conheceu o mundo, não muito colorido, mas bem diferente do que conhecia. Aprendeu sobre seu valor, suas raízes e a força que tem. “E aí mulata?” agora não era mais gracejo, era ofensa. Entender que sua força estava não apenas em suas atitudes, mas também na cor de sua pele e sua história de vida. Agora como ensinar isso aos pequenos?

Ao chegar à sala, naquele dia escaldante, o cansaço era evidente, o desânimo quase a levou a voltar atrás e fingir doença. “Mas não dá, não vou fazer isso”. Apesar que, em certos dias, as dores no estômago estavam bem fortes. Deve ser estresse.

Quando passava pelo corredor da escola, viu uma cena chocante, um aluno batia na coleguinha e a chamava de pretinha fedida.

Foi mexer com ele, agora aguenta!”. O cansaço e o desânimo deram lugar a uma imensa dor e indignação. “Não vou deixar isso acontecer, não na escola.” Então, apressadamente, Elza se dirigiu à professora e a repreendeu dizendo que aquilo estava errado, que a violência não deve ser tolerada nem incentivada. A resposta foi: O pai dele é importante demais na cidade para reprimi-lo.

Não dava mais pra aguentar aquilo. Elza foi até a garotinha, que a lembrava muito, e além de consolar foi lhe ensinar algo sobre aquela atitude e palavras. Infelizmente ouviu uma resposta que a afligiu: “deixa tia, sou preta e pobre mesmo e não tem nada que posso fazer!”. Ela tinha dentro de seu coração uma construção de inferiorização por sua cor e sexo.

A partir daquele dia, algo despertou nessa professora, que já não era mais tão jovem, mas entendia a vida e dor daquela garotinha que estava começando a vida.

“Não vai ficar assim”

Naquela mesma semana foi apresentado à direção da escola o projeto: “Todos são importantes!”. Tinha em seu escopo o objetivo de trazer um novo conceito de tratamento mútuo e apoio aos alunos e funcionários daquela escola.

No início, alguns professores acharam interessante, em especial, de artes e história, o difícil foi convencer a diretora do projeto.

No fundo a professora Elza queria mudar não apenas as atitudes dos alunos que eram daquela escola, ela queria chegar aos seus corações, aos dos pais, aos dos servidores e alcançar a vida deles fora dos muros escolares.

Escreveu durante dias como seria, o que deveriam fazer e como implementar nas salas de maneira lúdica e interativa. Quem sabe pode virar uma política pública, aplicável em todas as escolas. Uau, que projeto maravilhoso!

Ela estava muito feliz com todo aquele trabalho. “satisfação é como se chama” pensou ela consigo mesma.

Mas infelizmente nem sempre acontece como pensam.

A professora Elza ficou doente, com tumor maligno no estômago. E levou seu projeto para o lado de lá.

Um projeto tão bonito que mudaria tanto, foi para o lado de lá sem a chance de mudar o mundo do lado de cá. Enquanto uma professora perto dizia: “viu, bem feito, foi

Racismo estrutural e educação antirracista

Rafael de Lima Nunes da Silva
Técnico Subsequente em Administração
Campus Brasília

Antes de tudo, é necessário desconstruir uma boa parte do que é ensinado, visto e relatado nos livros de história. Principalmente durante o processo de colonização europeia no novo mundo, para que sejam expostos como os pensamentos dos europeus influenciaram e influenciam, no lapso histórico, decorrido no Brasil e como esses alicerces da cultura do racismo ainda perduram atualmente.

Na maioria dessas narrativas sobre a atuação e processo de colonização no novo continente, é mascarado de forma brava e heroica, assim como a linha de pensamento ascendeu e persuadiu em nosso território, sobretudo nas elaborações das leis na nova colônia, por exemplo, e como o reflexo disso afetou e deixou à margem da sociedade aqueles que perante a essas ideologias eram tratados como inferiores e selvagens como os indígenas, negros e mestiços.

A melhor forma para avançarmos, nessa desconstrução e estruturação, é em nossos primeiros anos acadêmicos. Pois a educação nas escolas é um dos caminhos fundamentais para que seja contínuo o fortalecimento do rompimento dessas linhas de pensamentos, de culturas arcaicas e desumanas, mostrando, de forma clara e objetiva, como boa parte desse processo, nos séculos passados, resiste e perpetua sobre aqueles que foram explorados de forma cruel, sendo desamparados, marginalizados e perseguidos até os dias atuais.

Vive através da educação

Luana Santos Maciel
Licenciatura em Letras Português
Campus São Sebastião

Entre os suspiros de uma sociedade defeituosa

Entre o amargor de um pensamento tão arcaico

Vive uma resistência e uma existência

Vive um pensamento movido pelo desejo de mudança

E morre o pensamento que foi há tanto tempo normalizado

Vive uma mudança pela educação

Vive e Vive!

O desejo de uma educação antirracista que protege os jovens negros

O desejo de um espaço capaz de formar cidadãos críticos e não ignorantes

O desejo de conhecer o outro lado da história e não apenas a visão colonizadora

Vive com muito esforço

O avanço social que tentam há anos interromper

Vive pela a educação a história que tentam há anos apagar.

Vive com muito esforço

Vive com muita luta

Vive!

Contra as trevas do racismo estrutural

Natália Sousa Maciel
Técnico em Mecânica automotiva
Campus Estrutural

Crescer em uma comunidade desafiadora como a nossa favela é uma jornada repleta de superações. É sonhar com as pequenas coisas da vida, como a casinha de bonecas dos nossos sonhos ou aquele pedacinho de chocolate que vemos nos comerciais, mas que frequentemente parecem tão distantes. Hoje, 24 de dezembro de 2000, em uma noite de Natal, estou cuidando da minha irmã Lívia, de 3 anos. Nossos pais saíram para o trabalho, como fazem todas as noites, no incansável lixão da cidade, e, amanhã de manhã, a rotina será a mesma.

Semana passada eu fiquei muito feliz, eles conseguiram encontrar tantas coisas legais e algumas gostosas, entre elas uma boneca que ganhei de presente de aniversário de 8 anos e várias barras de chocolate, ainda temos algumas delas aqui, por esse motivo vou fazer um mousse de chocolate; ontem eu vi uma receita na televisão. Será uma ótima surpresa para meus pais.

São três da manhã quando finalmente ouço as batidas no portão. Corro rapidamente para abrir, ansiosa para comerem a sobremesa que fiz e me deparo apenas com minha mãe, cuja pele negra reluzia sob a luz da lua, suas vestes sujas e seus olhos nadando em lágrimas.

- Onde está o papai? Fiz um doce para ele! Ele vai chegar logo, certo?... - Começo a perguntar. Mas, antes que eu possa terminar, minha mãe me envolve com um abraço apertado e desaba em lágrimas. A partir daquele momento, percebi que meu pai nunca mais retornaria.

Ele se tornou apenas mais uma das trágicas vítimas daquele terrível lixão, lutando incansavelmente para saciar a fome cruel que afligia nossa família.

15 de maio de 2007, uma terça-feira. Começo mais um dia ciente dos ataques racistas que enfrentaria na escola. Conseguir essa bolsa de estudos foi uma árdua jornada, tive que estudar muito e ir muitas vezes para a lan house com as moedas das vendas das latinhas. Mesmo com todo meu esforço, eles nunca foram capazes de me respeitar. Cada dia na escola é uma batalha, porém eu estou determinada a mostrar que o valor de uma pessoa não está na cor da sua pele, mas em suas ações e caráter.

Na sala de aula, ouvi ecoar comentários maldosos e risadas, muitos deles direcionados ao meu tom de pele e à minha mãe. Mas o que mais dói são as menções ao meu pai, que faleceu em um acidente. A presença da professora Fernanda na sala de aula faz com que eles não ousem falar esses comentários; ela sempre os repreende por seus comentários preconceituosos. Essa mulher se tornou uma grande inspiração para minha carreira profissional; ela é tão inteligente e incansável na luta pelos direitos de todos. Eu estou determinada a me tornar alguém que luta por uma sociedade antirracista. Minha família e a professora Fernanda são as únicas razões pelas quais eu continuo perseverando e suportando todas essas ofensas.

09 de agosto de 2021, segunda. Estou me arrumando para mais uma palestra em uma escola, ansiosa para falar com todos aqueles jovens. Minha jornada como advogada começou com casos de discriminação racial e injustiça social, lutando pelos direitos daqueles que eram oprimidos e marginalizados. Cada caso que eu aceitava era uma oportunidade de usar minha voz e conhecimento para combater o racismo sistêmico que persistia em nossa sociedade.

Atualmente, faço palestras em escolas, universidades e eventos sobre racismo, igualdade racial e educação antirracista. Minha abordagem nas palestras é me expor pessoalmente, contando sobre a minha história de superação, destacando como a educação transformou minha vida. Essas palestras incentivam os jovens a lutarem pelos seus direitos, além disso, a refletirem sobre suas atitudes e preconceitos.

Além das palestras, lidero uma das maiores iniciativas na área da educação. Tenho uma equipe com profissionais pesquisadores da educação antirracista. Essa iniciativa está sendo implementada em muitas escolas, sempre apresentando programas de conscientização sobre a história e a cultura afro-brasileira, promovendo a diversidade nas salas de aula e treinando professores para reconhecer e combater o racismo no ambiente escolar. Essa iniciativa cresceu ao longo dos anos, expandindo-se para outras regiões e impactando um

número cada vez maior de estudantes e educadores. A educação tornou-se uma das ferramentas mais poderosas na nossa luta contra o racismo, e eu estou orgulhosa de fazer parte disso.

Minha mãe que me acompanhou de perto está orgulhosa de mim. Minha história está longe de terminar, porém eu sei que esse é o caminho certo.

Cor azul do céu

Isaac Ferreira Pereira
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Em um dia quente de verão, duas lindas pombas de penas brancas estavam assobiando e cantarolando dentro do seu ninho emaranhado em cima de um fio, tentando aprender a voar. Elas cantavam e cantavam, sem nenhuma preocupação, cada uma ajudando a outra a bater as asas. O dia foi passando, quanto mais passava, mas era difícil voar. No horizonte, um ponto azul vinha se aproximando. Elas pensaram que o céu estava caindo.

Um canarinho de penas azuis se aproximou pousando suavemente no fio. Ele escutava de longe as duas pombinhas brancas cantando e decidiu se juntar a elas. As bombinhas brancas, de início, não entendiam, perguntavam-se o porquê de aquele canarinho azul estar ali. Elas o ignoraram, continuando a cantar. Assim que o canarinho azul passou a acompanhá-las na canção, eles paravam. O pobre canarinho azul não entendia o porquê de aquilo acontecer. Uma das pombinhas branca, aproximando-se, perguntou:

- Por que suas penas são azuis? Por que não as deixa brancas?

O canarinho azul gostava das suas penas, ele nunca trocava a sua cor. E respondeu:

- Por que deixaria elas brancas? Minhas penas são azuis como o céu.

A outra pombinha não gostou da diferença, ela olhava feio e tentava fazer com que sua parceira se afastasse, ela a puxou e tentou fazer com que o canarinho azul ficasse longe.

A canção e a tentativa de voar continuavam, mas não chegavam a nenhum outro resultado. Falharam, elas pulavam, e nada, elas batiam as asas, e nada, o fio balançava com o vento, e pelas tentativas de voar.

O canarinho azul ficou só observando, mas não tinha coragem de tentar ajudar, já que era claro que as pombinhas não gostavam das suas penas azuis. Ele não entendia o porquê, afinal ele ficava encantado pela sua cor, ela uma cor linda como o azul do céu, como o azul do mar, mas os outros pássaros não viam a mesma beleza que ele via. Elas o

viam diferente. Então, o pássaro azul pulou do fio e voou. Uma das pombinhas branca ficou encantada com o voo. A luz que batia nas penas azuis, o vento soprando nas asas, então ela gritou para que o canarinho azul voltasse e lhe implorou

- Por favor, me ensine a voar como você! Eu quero alcançar o azul do céu como as suas penas alcançaram . A outra pombinha ficou irritada gritou e resmungou:

- Não ninguém sabe voar melhor que eu, esse canarinho de penas azuis não sabe de nada.

A sua parceira continuou a implorar:

- Mas eu quero alcançar o céu, nós já tentamos tanto e nunca conseguimos, por favor deixe-nos ajudar.

A outra pombinha orgulhosa não quis a ajuda de quem era diferente.

- Se você quiser a ajuda dele vá em frente, mas não diga que não avisei. Então, a pombinha foi para longe com seu orgulho e indiferença.

Mesmo depois de tanto ouvir as mágoas, o canarinho azul decidiu ajudar, depois de ficar tanto tempo no fio. Assim, o canarinho ensinou à pombinha branca a beleza das suas penas azuis, ele contou sobre como elas ficaram lindas ao vento e sobre como foi por causa delas que ele alcançou novos horizontes. A pombinha branca e o canarinho azul cantavam juntos a mesma canção, o canarinho azul se sentiu finalmente acolhido.

Ao acabar os ensinamentos, o canarinho azul ajudou a pombinha branca a tentar voar, eles tentaram, tentaram e o vento soprou tão forte que levantou a pombinha branca e, pela primeira vez, ela cantou de alegria ao sentir o vento nas suas asas.

- Eu vou alcançar o céu, vou tocar o azul do céu!

Ele repetia e cantava. Então, os dois pássaros voaram e voaram, quando a pombinha branca foi mostrar a sua parceira, ela ficou horrorizada.

- Não acredito que você pediu ajuda mesmo, que horror agora você é igual a ele A pombinha que era sua amiga ficou triste e decidiu voar para longe com o canarinho azul e explorar novos horizontes deixando sua antiga companheira sozinha.

Afinal, o preconceito não leva a lugar nenhum.

Racismo estrutural e educação antirracista

Nayane Vieira Barros
Licenciatura em Letras Espanhol
Campus Ceilândia

Ouçã agora minha gente
Um cordel vou prosear
Racismo estrutural
Precisamos derrotar
Educação tem função
Um papel desempenhar

O racismo estrutural
É discriminação
Está nas estruturas
Nessa organização
Inconsciente coletivo
de toda essa nação

Mas isso pode mudar
Educação antirracista
Desafiando práticas
Da branquitude supremacista
Derrubando os Sustentáculos
Do sistema elitista

Conscientização é o 1º passo

Começando uma centelha
Na mente dos educandos
Respeito que se espelha
Desigualdades enxergar
Avançando em parilha

O segundo passo minha gente
É derrubar os padrões
Na escola, na convivência
Através de nossas ações
Seja branco, negro, pardo...
Derrubando acepções

Outro passo importante
No mar educacional
É Currículo inclusivo
Abundância cultural
Disciplinas que denotem
Diversidade racial

Além de textos e livros
Precisa dialogar Criar um ambiente
Pra poder compartilhar
Falas ou experiências
Pro educando prosear

Uma Roda de conversa
Pra falar dos privilégios
Porque as branquitudes Na estrutura social
É considerada egrégios?

Educação antirracista

Não é só teoria, Oxente!

Ação social na escola

Mobilizar nossa gente Seminários, palestras

Ações convergentes!

A Estrutura do racismo

A desigualdade racial

Mostra que educação

É ferramenta essencial

Pra combater essa raiz

No cenário educacional.

Cordel - Racismo não é brincadeira, vamos parar com essa besteira

Carlos Henrique Ximenes da Silva
Técnico Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
Campus Planaltina

Peço licença a você

Para um assunto te apresentar

Neste cordel do IFB, do racismo vamos falar

Passe um café preto, puxe uma cadeira

Aqui tem prosa para mais de uma tarde inteira

O assunto não é brincadeira

Se concentre e preste atenção

Desfavorecer preto e índio é pra lá de uma besteira

Todo mundo é diferente e hoje em dia é preciso compreensão

Ser consciente e respeitoso é tarefa de todo cidadão

A estrutura do racismo não é inquebrável não.

Não julgue nem maltrate, seja digno, faça sua parte

Quem sofre preconceito não esquece

A dor do chicote na pele e na alma, deixa marca que não padece.

O racismo não é legal e não pode ser institucional

Respeitar a diversidade é compromisso Federal

Aliás, o assunto é sério e mexe com a sociedade em geral.

Por ser uma pessoa preta me sinto diferente

Mas descobri há um certo tempo que é isso que enriquece a gente

O desânimo e a depressão são sintomas do preconceito e da discriminação
Para curar o sofrimento, não vamos mais escravizar ninguém, não
Sabia que a cada 23 minutos, um jovem negro no Brasil é assassinado?
É, meu amigo, ainda há muito o que fazer para dizer que a gente foi libertado.

Comece pensando nos apelidos e piadas sobre o tema
E não vá fazer mais não
Sabia que chamar gente de crioulo, escurinho e moreninho é falta de educação?
Já olhou para o campo e viu que o colorido é o que chama atenção?
É a ovelha preta, branca e marrom que se destaca na plantação.

Bem, é isso... acabou o café e não quero confusão
Então, minha gente, não alimente esse assunto ruim mais não.

Racismo estrutural não combina com evolução
É preciso combater esse problema e o caminho é a educação
Educação antirracista, é a nossa solução
Convido você e quem mais tiver emoção, para se juntar e construir a libertação.

Crônica: quem aprende com quem? - Uma relação entre professores e alunos

Sabriny Matos Furtado
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Meu nome é Marcelo, tenho 17 anos e estudo no Instituto Educacional do Saber, a melhor escola da cidade de São Januário. A escola é particular, mas, a cada 4 anos, eles oferecem uma bolsa para que um aluno de baixa renda ingresse nesta instituição. A prova é absurda, quase impossível de responder, mas mamãe ficou 12 meses trabalhando como diarista de graça para um professor aposentado, só para que ele me instrísse e que eu tivesse a capacidade de passar naquela prova. O velho era carcomido, feio, acabado, e ainda passava o tempo todo falando sobre o quanto a minha capacidade intelectual era mínima, que me ensinava por pena e que um negro nunca teria a capacidade de entrar numa faculdade. Mas eu sempre digo que a gente que é preto também nunca envelheceria tão acabado igual a ele, com a pele murcha igual uma maçã apodrecida.

Enfim, para a desgraça daquele velho, eu passei, e estou há 3 meses estudando aqui. Não tenho amigos, e eu posso ter uma ideia do porquê. Sou o segundo aluno negro da minha sala e da escola inteira, a primeira é a Ana Tereza, ela estuda aqui desde o maternal. Não posso nem cogitar me tornar amigo dela só porque nós dois somos os únicos negros da escola, pois ela anda com um grupo de meninas brancas e age com superioridade o tempo todo. Contudo, de superior ela não tem nada, ela e as amigas vivem falando do pobre do Mauro, que senta na primeira carteira e sofre bullying. Ele até que é quietinho, mas eu já percebi que ele leva revistas da playboy para escola e esconde dentro dos livros didáticos. Esse cara é um tarado.

A Ana Tereza foi uma das primeiras pessoas a me desprezar quando cheguei aqui. Me olhava torto, cochichava com suas amigas sobre mim e me tratava com desdém, mas hoje em dia ela nem se importa mais. Hoje é dia 3 de março de 1998 e recebemos a notícia de que haveria uma nova professora chegando para lecionar uma nova matéria.

Não acho nada demais nisso, mas vejo a euforia de várias pessoas da minha sala. Enquanto a próxima aula não começa, resolvo ir até o pátio, que fica no último andar da escola. Quando entro no elevador, percebo a presença de uma mulher branca, loira, bem vestida. Assim que eu entro, vejo a aflição em seu olhar. Acho muito engraçado essa gentinha que não pode ver um preto que já acha que a gente vai roubar alguma coisa. Quanto preconceito, viu?

—E aí, dona, tudo bem? – decidi me pronunciar.

—P-por por que você quer saber? – diz ela segurando sua bolsa com força em frente ao corpo. Calma dona, eu não vou lhe roubar não, sou estudante, não ladrão.

—E o que uma pessoa como você faz aqui? — respondeu ela, com desdém. — Que eu saiba gente como você estuda em escola pública, não em uma renomada como essa.

—Você quer saber o que um estudante faz em uma escola? Ah, graças à minha inteligência, eu consegui passar na prova e estudar aqui.

—E, ainda por cima, você é um neguinho insolente, hm?

—Não, senhora, estou apenas fazendo uma afirmação — respondi irônico — Mas e a Senhora? Senhorita, sei lá. O que faz aqui?

—Sou professora.

—Ah é? Professora de quê?

—De física.

—Nossa, física é difícil.

—O que foi? Só porque eu sou mulher e tenho um rostinho bonito eu não posso ser professora de uma matéria difícil? Quanto preconceito, viu?

—Eu sou preconceituoso? Tá aí uma novidade.

—Ai, seu... Pois fique sabendo que eu sou uma mulher revolucionária, viu?! Seu machista!

O elevador abriu e ela saiu batendo os pés apressada. A mulher é racista comigo e eu que sou machista? Eu nem falei nada, ué. Resolvi sair do elevador antes que alguém chamasse minha atenção e me levasse para a diretoria, eu sei bem como as coisas funcionam aqui.

Depois daquilo muitos anos se passaram desde 1998. Eu fui pra faculdade, me formei em Sociologia, me casei e construí minha carreira. Na escola pública em que eu leciono, meu maior prazer é auxiliar alunos negros iguais a mim a se reconhecerem na sociedade e a não serem vítimas de pessoas iguais àquela professora que eu encontrei no elevador da minha antiga escola. Minha esposa Tereza, atualmente formada em física, também me ajuda a levar estas pautas adiante, para que possamos ter uma educação antirracista nos ambientes institucionais. Eu e ela seguimos nessa luta de fazer a diferença, firmes, no objetivo de que haja uma sociedade melhor para nós e para nossos filhos.

A Educação antirracista nas escolas

Francis Monteles da Cunha
Técnico Subsequente em Desenvolvimento de Sistemas
Campus Brasília

Podemos afirmar, com toda certeza, que a vida começou na África, logo podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que a educação começou lá também. Muito antes de serem conhecidas no ocidente, a matemática, a astronomia e a medicina já eram utilizadas no continente africano. Quer ver um exemplo? muito se fala do ábaco, como o primeiro instrumento criado pelos homens com o objetivo de fazer contas, mas poucos conhecem o osso de Lebombo, o mais antigo artefato matemático, datando de aproximadamente 35 mil anos antes de Cristo. Ele era utilizado para calcular números, medir a passagem do tempo, a medição de ciclos menstruais e também servia para acompanhar os ciclos lunares.

Apesar desta e outras contribuições importantes da África para a cultura e educação global, no meio do século XIX, surgiram teorias racistas baseadas na teoria da evolução de Charles Darwin, afetando a forma como as pessoas negras eram tratadas no mundo todo. É importante ressaltar que a teoria da evolução das espécies não é racista, mas a sua interpretação errônea e mal intencionada, gerou o termo darwinismo social, que tratava a evolução como um processo linear e hierarquizado, em que a cultura e a biologia dos anglo-saxões ou arianos eram consideradas superiores.

Tais ideias distorcidas influenciaram também a antropologia, que passou a classificar as culturas ao redor do mundo como mais ou menos evoluídas, tendo como mais evoluída a europeia e, como menos, a africana. Durante anos, essa forma de pensar serviu para justificar a dominação, a escravidão e a segregação sofrida pelas minorias.

É claro que esse contexto social, cultural e científico afetou as escolas, pois muitos alunos já traziam essas influências de seu convívio social anterior, também era manifestado nos livros didáticos e nas relações entre corpo discente e corpo docente. Partindo para o contexto nacional, focando no tema proposto dessa redação, e levando em consideração os argumentos apresentados anteriormente, posso dizer que muito foi feito, mas muito ainda deve ser feito.

A começar por mudar o atual sistema pedagógico, que o autor Paulo Freire chama de educação bancária, um modelo tradicional e autoritário, no qual o professor é visto como um correntista que deposita nos alunos informações, da mesma forma que um correntista deposita dinheiro no banco, cabe aos alunos apenas receberem o conhecimento, sem nenhum tipo de questionamento ou pensamento crítico.

Outro modelo seria a da pedagogia do conflito, essa abordagem usa o conflito de forma construtiva. Quando surge um caso de racismo, ele mesmo não é abafado ou silenciado até que suma, ele é usado para gerar debate e choque de opiniões de modo a levar a uma compreensão mais profunda do problema, criar empatia e respeito pelas diferenças. A pedagogia do conflito tem como principal objetivo incentivar os alunos a debater e resolver questões complexas e polêmicas, ajudando-os a desenvolver pensamento crítico e cidadania ativa.

Em nosso país, temos leis que versam sobre a educação antirracista, elas visam promover o reconhecimento, a valorização e o respeito a diversidade racial nas escolas, as principais leis são: Lei 10.639 de 2003, ela torna obrigatório a abordagem do tema: História e Cultura Afro-Brasileira, ela estabelece também o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra. Já a Lei 11.645/2008 aumenta o escopo da anterior ao acrescentar aulas de cultura indígena ao currículo educacional. A Lei 12.288/2010 estabelece o Estatuto da Igualdade Racial, que tem como objetivo garantir à população negra a efetiva igualdade de oportunidades. Não podemos esquecer a Lei 12.711/2012 que estabelece as cotas raciais para estudantes negros e indígenas em universidades federais.

Mesmo com todos esses avanços a educação antirracista ainda encontra dificuldades para sua plena efetivação, entre os empecilhos podemos citar: falta de professores com formação para abordar as questões raciais de maneira crítica e reflexiva, falta de materiais didáticos atualizados que mostrem a história africana de maneira ampla e que não se restrinja apenas ao período da escravidão, resistência por parte de alguns setores da sociedade, bem como por parte do próprio corpo docente.

Para finalizar, conversar sobre educação antirracista é conversar sobre o tipo de educação que nós queremos ter: para uma educação democrática e representativa, que dê voz ativa a todos e que respeite todos de maneira igualitária. A escola é um lugar privilegiado para promover essa mudança, já que, em seu meio, as pessoas das mais diversas etnias, classes e credos religiosos convivem, dito assim parece fácil, mas não é. O desafio é imenso e, por vezes, parece impossível, mas nenhuma mudança que realmente valha a pena veio sem custo.

Educação

Mariza Torres Cajado
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais na forma articulada
Integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Informação combate o facismo.

Informação combate o machismo.

Informação combate o racismo.

Informação é educação.

O direito à educação antirracista é

Garantia de que talvez um dia sejamos mais justos

Com a nossa ciência imutável

A nossa cor.

Educação é essencial!

Para combatermos o

Racismo que infelizmente

É estrutural.

Estrutural é tudo aquilo que estrutura.

Às vezes sou eu quem sustenta essa estrutura.

Essa estrutura é muito dura.

Mas essa estrutura não nos segura.

Pois vou me assegurar de me educar

Para a minha estrutura social transformar.

E a minha educação ser motivo de

Manifestação social.

Para que o meu povo
Nunca mais sofra!
Disso que chamam de
Racismo estrutural.

Cor da pele

Emilly Araujo de Almeida
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Mais um dia de trabalho. Às 7:00 da manhã a mulher pega o ônibus, por sorte encontra um lugar vago e consegue se sentar. Ao seu lado está uma senhora, cabelos grisalhos, pele clara e enrugada.

Em meio ao barulho e a muvuca do ônibus, a mulher escuta a senhora murmurar:

- Fedor de preto

Rapidamente a senhora se levanta e se senta em outro lugar, dessa vez longe do alcance da mulher.

A mulher ficou atordoada, apesar de receber muitos comentários parecidos com esse, continuava sem entender o porquê daquele comentário, afinal antes de sair de casa havia tomado banho e não entendia o que tinha a ver com a sua pele. Ainda sem entender, a mulher seguiu seu dia. Mais um dia trabalhando como atendente em uma lanchonete. A mulher se preparava para atender sua primeira cliente do dia.

- Bom dia, o que gostaria de pedir
- Bom dia, poderia chamar outra atendente? Não quero ser atendida por alguém assim.

Na mulher um sentimento de angústia cresce, novamente não entende o porquê do comentário. Movida pela angústia, a mulher assentiu e se retirou rapidamente, avisando outra atendente, a mulher caminha em direção ao banheiro. Lágrimas de confusão são derramadas pelos seus olhos. Sua colega de trabalho entra perguntando o que tinha acontecido. Depois de finalmente conseguir explicar, a mulher escuta as palavras de sua colega:

- Amiga, isso é racismo, você não pode deixar isso acontecer.
- Está tudo bem. Já aconteceu outras vezes, e tudo ficou bem.

A mulher sabia que aquilo era racismo, mas nunca ligou para os comentários. Mas agora estava cansada.

Depois de um dia de expediente, chegou em casa e sua filha já estava lá. Como todas as noites, as duas relataram seu dia. A mulher comentou sobre o acontecido. A menina, com 15 anos, percebeu a semelhança com algo que havia presenciado na escola. Uma aluna vinha sofrendo "bullying" de outras colegas, isso por conta de sua cor. Quando a diretora da escola soube do acontecido, imediatamente passou a conversar com os demais alunos, alertou que aquela atitude era errada e, inclusive, era crime. Após o seu relato, a menina disposta a encorajar a mãe disse

- Mãe, a senhora não pode deixar isso acontecer novamente. Isso é crime e é errado. Você precisa entender que ninguém pode tratar o outro mal somente por conta da sua cor de pele, cabelos, ou os outros traços.

Com as palavras de sua filha, a mulher, cansada de ouvir esses comentários, prometeu a si mesma que da próxima vez iria denunciar.

No dia seguinte, seguindo a mesma rotina, a mulher foi para o seu trabalho. Até então, nenhum comentário foi escutado por ela. No final do dia, a mulher seguiu para o ponto de ônibus. Avistando o ônibus chegar, a mulher deu o sinal e entrou, não encontrou nenhum lugar vago, então seguiu sua viagem de pé. Se encostou em um banco, mas logo ouviu a reclamação da pessoa sentada.

- Desencoste o seu cabelo sujo de mim.

Lembrando das palavras de sua filha, a mulher tomou providências.

- Não fale dessa maneira. O que você está fazendo é crime. E eu vou te denunciar.

Sem ter certeza do que estava fazendo, a mulher juntou toda a sua coragem, desceu na parada próxima de sua casa, que por coincidência ficava próxima a uma delegacia, com isso realizou o boletim de ocorrência. Esse foi o primeiro passo para lutar contra o racismo sofrido por ela todos os dias. Com isso a mulher decidiu que a partir daquele dia não iria deixar que outras pessoas agissem dessa forma com ela e iria encorajar outras pessoas a fazerem o mesmo.

Elucidação antirracista no meio educacional

Olívia Ester Bastos dos Santos
Ensino Médio Integrado ao Técnico em Manutenção Automotiva
Campus Estrutural

Ao longo dos anos, o cultivo de práticas racistas, na sociedade brasileira, tornou-se algo tão recorrente que internalizou a normalização delas, resultando na sua permeação mesmo no meio acadêmico. Entretanto, com os progressivos avanços sociais, a discussão sobre o racismo estrutural na educação é, indubitavelmente, uma pauta inadiável, devido aos efeitos antiprogressistas que a falta de informação e a devida abordagem de tais assuntos podem acarretar.

Ademais, entende-se que o movimento negro e indígena sofre uma grande defasagem em virtude da utilização de discursos desatualizados, uma vez que, com a fugaz mudança das relações sociais trazidas pela tecnologia da informação, é impossível esperar que as mesmas táticas de embate contra a disparidade racial e étnica sejam eficazes. É necessário compreender as diversas nuances que o racismo pode adquirir, sendo uma delas a reafirmação da incapacidade desses grupos em desenvolver-se enquanto unidade social da mesma forma que organizações elitistas, quando, evidentemente, esses grupos não possuem as mesmas oportunidades. Enquanto estudante negra, é visível que não há maior obstáculo para uma educação antirracista se não a subversão do que é de fato o racismo, em conjunto com a descaracterização da identidade negra e indígena brasileira.

Muniz Sodré no livro “O Fascismo da Cor” pontua: na forma social escravista do tipo brasileiro, o racismo institucional não se legitima por legislação (pelo contrário, existe uma lei penal que tipifica o racismo como crime); no entanto, é exercido na prática por perversões institucionais orientadas por representações derivadas de uma reflexividade social específica. O sociólogo paulistano é assertivo ao exemplificar como o cerceamento de grupos afrodescendentes e indígenas não se deve inteiramente ao fato de haver insuficientes políticas públicas em defesa deles e, sim, a indiferença coletiva intrínseca ao meio social que estamos inseridos. Portanto, a educação, enquanto instituição, necessita de

ações afirmativas que, além de conscientizar a população sobre seu padrão comportamental escravocrata e colonizador, ataquem diretamente a passividade da nação brasileira ante a práticas racistas cultivadas cotidianamente.

Haja vista que o ativismo brasileiro contemporâneo se encontra intensamente polarizado, o cerne da questão, por muitas vezes, é deixado de lado. Por um lado, é atacada a “vitimização” de negros e indígenas, por outro, o surgimento de discursos negacionistas. Ambos os extremos, cada vez se aproximam mais do sensacionalismo e da alienação, posto que a aceitação social e a ânsia por agregar pessoas são colocadas em detrimento da genuína intenção de combater o racismo.

Similarmente, a busca maquiavélica e incessante pela hegemonia política brasileira denota, claramente, como ações individualistas são frequentemente tomadas às expensas de iniciativas estatais solidárias às questões étnico-raciais. Contudo, isto não é apenas um fato isolado e randômico, no livro “Formação do Brasil Contemporâneo”, o sociólogo e historiador Caio Prado Júnior enfatiza que os hábitos culturais presentes na sociedade brasileira atual nada são fora o produto dos nossos antigos costumes colonialistas, marcados pela supressão de povos indígenas e pretos. No tocante à educação, é irrealista afirmar que em um país oriundo do contexto de segregação social tão intenso e recente, condutas antiquadas que revalidam essa segregação não seriam perpetuadas. Ainda assim, discursos elitistas possuem grande aceitação entre os brasileiros através do subterfúgio que o ensino deve ser imparcial e apolítico, quando de fato, a educação tem sido expressamente manipulada em benefício a agremiações oligárquicas que não apresentam ameaça à “ordem” econômica e administrativa pós-escravocrata.

Primordialmente, a educação deve se dissociar de discursos negacionistas; o racismo existe e é um problema social carente de intervenção imediata e multidimensional, pois “raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis” segundo a filósofa Djamilia Ribeiro. Desta forma, é necessário que as escolas além de caracterizar condutas racistas, venham coibir ocorrências futuras. Vale destacar que a luta contra o etnocentrismo é um processo gradual que deve ser compreendido em sua amplitude, de forma eficaz e coesa, a fim de evitar a utilização de táticas ultrapassadas e pouco funcionais.

Em vista do exposto, entende-se que o posicionamento contra o racismo, imputa, mas não se restringe ao movimento negro e indigenista. Para tal, o meio acadêmico deve ser um ambiente de esclarecimento isento de discursos segregacionistas que reforcem a imagem racista, na qual não há espaço de destaque para negros e indígenas. Entretanto, afirmar que esses grupos provêm de um contexto de vulnerabilidade não é o mesmo que determinar uma impossibilidade de alavancagem social, e isso deve estar corretamente elucidado para as próximas gerações, por intermédio do trabalho colaborativo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, através do desenvolvimento de políticas coerentes que trabalhem a questão étnica com seriedade, dispondo de

soluções estratégicas para eliminar o racismo do cotidiano brasileiro. Tendo em vista que as instituições de ensino possuem papel fundamental no incentivo ao pensamento crítico, é necessário que essas sejam coniventes com a causa antirracista e estimulem, principalmente, jovens e crianças a abandonar conceitos retrógrados. De forma análoga, o estudo das matrizes indígenas deveria ser implementado à Lei Caó (Lei N° 10.639), que inclui “História e Cultura Afro-Brasileira” nas instituições de ensino.

Racismo estrutural e educação antirracista – epistemicídio

Cecilia Ferreira Nunes
Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio
Campus Riacho Fundo

No Brasil, o racismo é presente no país fundamentado por mãos escravistas e sua perspectiva eurocentrista, isto é, colocando aspectos europeus como superiores a qualquer outro. Chimamanda Ngozi Adichie, ativista nigeriana, destaca que essa visão única pode levar ao preconceito contra as perspectivas daqueles que não têm voz. Inegavelmente, isso não é inofensivo – pelo contrário – é degradante e pode ser evidenciado diariamente através de falas e formas de tratamento direcionados a aspectos fisionômicos e culturais de uma raça específica.

Nesse quesito, a educação antirracista é a ferramenta mais eficiente no combate contra o racismo estrutural. Isso porque ela não só dá espaço para a manifestação de diversas culturas, como também se desenvolve com o papel de desconstrução do pensamento estruturado no país desde o colonialismo eurocentrista – principal causador do epistemicídio da cultura negra no Brasil. Diretamente, uma educação antirracista, ao combater o racismo, promove a equidade de raças e a quebra de estigmas relacionados a essas respectivas raças.

Exemplos do resultado da educação antirracista no Brasil são perceptíveis ao analisarmos um levantamento da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais, que explica, graças ao sistema de cotas, que o número de alunos negros e pardos em Instituições da rede federal tem crescido de 40% para 52% – mais de metade das inscrições. Conclui-se, assim, que a educação antirracista e as práticas semelhantes favorecem o ganho das minorias em espaços nos quais previamente não estavam estabelecidos pela falta de oportunidades.

Portanto, o papel de uma educação antirracista – além de abordar no âmago social aspectos referentes ao racismo – é fomentar a cultura e pluralidade no país e favorecer a integração social de grupos oprimidos. Assim, como Chimamanda Adichie descreve, grupos

oprimidos terão voz e poderão revelar sua perspectiva acerca de sua própria cultura e práticas relacionadas. E, por fim, os rastros do epistemicídio da cultura negra se tornarão cada vez menos presentes na sociedade, tendo em vista que ocorrerá um resgate sociocultural das diversas raças.

Ervas daninhas

Igor Ferreira Pereira
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Uma semente plantada em um solo infértil, seco e sem dar nem um pingo de esperança de vida, floresce, tendo apenas um pequeno jardineiro, menor que o próprio regador, para cuidar do pequeno broto. Duas abelhas de lindas listras, voando lentamente, ensinam-lhe tudo o que ele sabe sobre seu ofício. Mesmo sendo tão pequeno, ele assiste às abelhas que não apenas polinizam margaridas, copos de leite e jasmims, mas que polinizaram seu broto. Tão jovem, já aprende a primeira lição: florescem rosas brancas e murcham rosas negras.

O broto cresce acompanhando-o, o jardineiro se torna maior que o regador, e seu broto, delicadamente, não é mais um broto, pois já se vê como uma árvore cheia de flores. O jardineiro já sabe de cor e salteado tudo o que lhe foi ensinado: como regar, podar e cortar as flores diferentes do branco de uma nuvem – o preto não poderia manchar seu pequeno pedaço de terra, que apenas tinha a ele e a suas duas companheiras, ensinando-lhe o que tanto sabem dia após dia.

Todos os dias iguais, apenas uma cor restava em sua paleta, uma pontada apertava o peito a cada cortar de algo mais escuro em sua árvore. O olhar se expandiu, algo está errado: por que cortar ? Pétalas caiam no chão com o vento soprando sua ideia tão boba. Sempre foi assim, cortar e cortar é o que fazem, então faria igualmente. Era difícil se soltar de uma ideia tão enraizada em uma cabeça de vista única, nada além daquilo para ver, sentir, ler, escrever, viver. Era como as abelhas faziam.

Lentamente, o jardineiro cresce e os dias passam, corta, dor, tem que ter algo errado, mas foi assim que foi ensinado. Pensativo, olhando para o céu, deitado embaixo de sua árvore, que lhe fazia sombra, impedindo que os raios do sol beijassem sua pele, toma decisões e luta contra seu interior, refletindo sobre como dói, de forma inexplicável, cortar os brotos de algo que nem cresceu o suficiente para ser visto. Nesse momento, um vento

sopra, movendo o galho que lhe fazia proteção, o sol alcança seu rosto, iluminando-o e entregando um beijo junto à resposta de sua ideia: apenas não corte, é simples.

Durante dois dias, não cortou nenhuma flor diferente do branco de seus olhos, abriu-se para o novo, deixando o igual para trás, mas o igual corria de volta para lhe alcançar de forma desesperada. A sua visão da árvore era quase um xadrez, eram pontinhos escuros em meio ao mar de clareza que lhe cansava todos os dias. Algo novo, as abelhas não gostaram nada do que viram. Algo a mais? Deseja sujar o jardim perfeito que tanto lhe ensinaram a manter. A fúria zumbia em cima da tentativa de mistura de duas cores na vida do pobre jardineiro, que, de susto, se afastou e tropeçou em uma pedra. Como toda ação tem reação, as abelhas, quase soltando fumaça, apresentaram-lhe uma nova forma de aprender, a dor. Em uma afronta, picaram o pobre jardineiro, que desnortado, apenas conseguia pensar o porquê de tanta crueldade com flores de cores diferentes, que queriam se unir em seu jardim. Já as abelhas foram embora, pois a ignorância as consumia.

Sem ninguém para lhe acompanhar no seu jardim, agora eram apenas a árvore e o jardineiro. As flores brancas, as flores negras e o jardineiro. Um pensamento de como isso aconteceu o sol, o vento e o jardineiro. No céu, o jardineiro vê outras abelhas, várias delas, cada uma pousando em uma flor e polinizando uma por uma. Agora eram lágrimas e o jardineiro, ele não sabia o porquê, mas ver aquilo pela primeira vez lhe fez sentir uma gota salgada escorrer pelo seu rosto, seu desejo do novo e da igualdade de forma nunca vista.

Agora as novas abelhas que vieram lhe ensinaram mais sobre seu ofício, sobre como podar, regar e cuidar de sua árvore, sem cortar, sem dor, mas, principalmente, ensinaram-lhe a olhar em volta, pois, antes, ele não teria motivo para isso, e sua visão quase o assustou. No horizonte, vários outros jardins, outras árvores, outras abelhas e outros jardineiros, todos com árvores xadrezes, algumas mais escuras do que as nuvens, diante de seus olhos, ele pensando em quanto tempo sua árvore se manteve branca antes de aceitar a união das cores, enquanto o colorido prevalecia nos outros jardins, pois preconceito são raízes difíceis de arrancar.

Flores que morrem de pé

Fernanda Coelho da Silva
Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio
Campus Riacho Fundo

Queria fingir que não é verdade, gostaria de dizer que não existe ou que nunca existiu. Flores. Seria muito mais fácil falar das flores. Sim, flores! Rosas, brancas, azuis. Lírios, margaridas, crisântemos... As efêmeras flores que morrem ao serem colhidas da mãe terra, ao serem arrancadas de sua luz. Lamentavelmente, as flores não falam. Não inspiram a verdade desse mundo, nem sequer exalam. Não dizem que o racismo existe.

O Brasil foi construído com base na escravidão e permaneceu assim durante 388 anos. Apesar do decreto da Lei Áurea Nº 3.353 em 13 de maio de 1888, o pós-abolicionismo não reparou sua dívida insanável com a população negra. Além de limitar sua participação dentro do mercado de trabalho, trouxe imigrantes espanhóis, italianos e japoneses na tentativa de embranquecer o Brasil. Houve também a falta de acesso à educação, pois a ideia das grandes elites era manter a população negra marginalizada.

Vale citar, brevemente, a Reconstrução dos Estados Unidos de 1865 até 1877, com a emancipação da população negra. Tal fato foi importante para dar o passo rumo à igualdade social, mas, durante seu trajeto, gerou um século de segregação racial. Nesse tempo, o negro era “livre”, mas não possuía outros direitos, inclusive políticos e sociais. Até hoje, enfrenta-se profunda desigualdade, como a aquisição da casa própria e oportunidades empregatícias.

Imensuráveis foram as tragédias provocadas pelo racismo. Os impactos sociais permanecem sendo visíveis a tal ponto que chega a ser cotidiano. Ao contrário do que se pode imaginar, o racismo não se dá apenas pela violência direta e discriminação, esse é um problema estrutural.

Podemos observar esse aspecto, por exemplo, no sistema tributário. Diversas pesquisas confirmam que mulheres pretas são as que recebem o menor salário. Outro fator que ilustra essa estrutura é a morte violenta dos jovens, para cada pessoa de outra cor, falecem mais de 17,4% de negros. Nesse âmbito, também é possível citar fatores alarmantes, como o crescimento de violência contra as mulheres negras em comparação com as mulheres brancas e o encarceramento de pretos que aumentou mais de 14%, enquanto o dos brancos diminuiu consideravelmente.

Mesmo com números tão apavorantes, isso não é visto como anormal. A "raça negra" está sempre desempenhando papéis de serventia. O verdadeiro espanto vem quando ocupam lugares de destaque. Esses dados são, no mínimo, intrigantes quando se percebe que mais da metade da população brasileira se autodeclara negra.

A par disso, uma educação antirracista não pode ser omissa em relação a essa chaga social. A cegueira optativa nos faz cair em conformidade. Dentro e fora de sala de aula, o aluno precisa se sentir acolhido e valorizado.

Para alcançar esse objetivo tão essencial, são necessárias a mobilização e capacitação de gestores, educadores e de toda a comunidade escolar. Dentro dessa capacitação, faz-se relevante citar o letramento racial, compreendendo que algumas situações de racismo não são óbvias, por exemplo, quando dizem que o cabelo de uma menina negra é duro e ruim. Outra aplicação do letramento racial é mostrar que o racismo reverso não existe, o racismo é um sistema opressor a pessoas negras, pois são socialmente desfavorecidas.

Quanto ao ensino, é importante lembrar que a história do negro vem muito antes da chegada do homem europeu. Somente a Lei n.º 11.645, que obriga a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo escolar para alunos do Ensino Fundamental e Médio, não é o suficiente. É essencial reconhecer todas as contribuições, nas mais diversas áreas do conhecimento, de afro-brasileiros e africanos para o Brasil e o mundo. Esta não é uma batalha unilateral. Todos precisamos nos posicionar por essa causa: pretos, mulatos, latinos, inclusive brancos.

Flores mortas servem apenas para cair das mãos vivas.

Garoto do cubo

Ruan Kevin Ferreira Bastos
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada Integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Quinto ano do fundamental, mais um começo de semana. Segunda-feira, 20 minutos antes da aula. Como sempre, vejo o garoto com seu cubo mágico, tentando ao máximo alcançar seu récorde. Parece que, a cada dia, ele fica mais rápido, treinando incansavelmente. E, então, como sempre, o insuportável Gabriel chega tentando diminuir o garoto.

- Já não falei pra você parar com esse negócio? Cansei de te dizer que gente como você não chega a lugar nenhum, não importa com o que seja.

Quase todo dia o Gabriel implicava com o garoto do cubo. Às vezes, penso que tudo isso é por conta da sua cor. E, então, a primeira aula começa. Geografia, uma das matérias de que eu menos gosto. Normalmente, nesse tipo de aula, prefiro observar o garoto resolver seu cubo mágico, acho incrível a forma como ele mexe as mãos rapidamente. Mas acho que nem todos pensam assim.

- Oh, garoto, já avisei para não ficar mexendo nesse troço barulhento durante a aula, além de não prestar atenção, atrapalha os outros. Próxima vez, você sai da sala.

E, finalmente, o sinal do intervalo toca. Essa aula pareceu uma eternidade.

Avisto novamente o garoto do cubo, e ele não dá trégua nem para lanchar. Incessantemente, parece cada vez mais veloz. Gosto de pensar que as ameaças do Gabriel funcionam como motivação para ele.

De repente, começa a ouvir um choro. Quando me viro e vejo o que aconteceu, não consigo acreditar. Dessa vez o Gabriel foi longe demais.

- Isso é pra você aprender, garoto, agora quero ver você montar essas pecinhas quebradas no chão.

Não entendo porque Gabriel age dessa forma, mesmo após todas as aulas de conscientização contra o racismo, e não é como se o garoto do cubo tivesse feito algo contra ele. Não posso permitir que isso continue, então fui até a direção e contei tudo. Realmente, nem a diretora conseguiu acreditar.

Três dias depois, 15 minutos antes da aula, não sei o que aconteceu com o Gabriel. Só me lembro dele indo embora mais cedo e, depois, não apareceu mais na escola. Felizmente, o garoto do cubo ganhou um novo da diretora e esse parece ser até melhor que o antigo. Para mim, todos devem fazer o que gostam, independente da cor.

Melodias de igualdade

Helama Raiala Matos Pereira
Curso Superior de Letras - Inglês
Campus Riacho Fundo

Em versos e rimas vou contar,
Da luta contra um mal a superar.
O racismo, essa ferida a curar,
Com a Educação Antirracista a brilhar.

No tecido da sociedade, ele se entranhou,
O racismo estrutural, profundo, ficou.
Na história, nas leis, em cada ação,
A discriminação teceu sua imensa prisão.

Mas eis que surge, brilhante e decidida,
A Educação Antirracista, intrépida vida.
Na escola, nas ruas, no coração,
Ela planta sementes de transformação.

Educar é mostrar o mundo além do espelho,
É quebrar o ciclo, é mostrar o anseio,
De igualdade, justiça, união e beleza,
De respeito à diversidade, é essa a promessa.

Com livros que contam histórias plurais,
Com aulas que ensinam, sem fazer sinais.
A educação antirracista faz a diferença,
Abre os olhos, o coração, a consciência.

Não basta silenciar diante da dor,
O racismo é um monstro que a todos devora.
É preciso agir, educar e lutar,
Para o racismo estrutural derrotar.

Cada mente que se abre, cada olhar que se ilumina,
É um passo em direção a um mundo mais humano.
A Educação Antirracista é nossa sina,
Na luta contra o racismo, é o caminho, é o plano.

Assim, em versos e rimas, quero expressar,
Que a Educação Antirracista é luz a brilhar.
No combate ao racismo estrutural, a chave,
Para um mundo de igualdade, em harmonia e na paz a viver.

O encontro na biblioteca

Helama Raiala Matos Pereira
Curso Superior de Letras - Inglês
Campus Riacho Fundo

Em uma tarde ensolarada, Maria, uma dedicada professora, encontrou-se com seu amigo Carlos na biblioteca da pequena cidade de Cidadania. Carlos estava investigando a história do racismo estrutural e a eficácia da educação antirracista, e Maria era uma educadora comprometida com a igualdade e inclusão. Enquanto folheavam livros empoeirados, começaram uma discussão que ilustra vividamente o papel crucial da Educação Antirracista no combate ao racismo estrutural.

Carlos, enquanto examinava um livro antigo, apontou para uma passagem que destacava o papel da educação na manutenção do racismo estrutural. Ele argumentou que a exclusão de perspectivas e contribuições de comunidades racialmente diversas nos currículos escolares perpetua o preconceito e a discriminação. Maria, concordando, ofereceu um exemplo prático de sua própria sala de aula.

Ela lembrou um dia em que trouxe à tona a questão do racismo em uma aula de história. Inicialmente, seus alunos ficaram desconfortáveis e relutantes em discutir o tópico. No entanto, à medida que exploravam as histórias de pessoas que lutaram contra a discriminação racial, o ambiente se tornou mais acolhedor. Maria enfatizou que a Educação Antirracista cria espaço para a compreensão e empatia, que são essenciais para romper as barreiras do racismo.

Carlos lembrou um relato de um estudo que mostrou que crianças expostas à diversidade desde cedo eram menos propensas a desenvolver preconceitos. Ele enfatizou que a Educação Antirracista não é apenas sobre aprender a história, mas também sobre celebrar a diversidade cultural e racial. Maria concordou, compartilhando como as atividades que incluíam festivais culturais e exposições sobre diferentes etnias na escola ajudaram a combater estereótipos e promover uma atmosfera de respeito.

A conversa deles continuou destacando que a educação antirracista não se limita apenas ao ambiente escolar. Ela se estende à sociedade como um todo, incluindo os meios de comunicação e as políticas públicas. Carlos mencionou um exemplo em que a cobertura de notícias com preconceito racial perpetua estereótipos negativos e enfraqueceu a luta contra o racismo. Maria concordou, enfatizando a importância de pressionar por políticas que promovam a igualdade e a inclusão em todos os níveis da sociedade.

Ao final do encontro na biblioteca, Maria e Carlos concordaram que a Educação Antirracista é uma ferramenta essencial para o combate ao racismo estrutural. Seu diálogo ilustra como a educação pode transformar mentes, desconstruir estereótipos e criar uma sociedade mais justa e igualitária. Eles saíram da biblioteca comprometidos a continuar a luta e a inspirar mudanças em suas comunidades.

Identidade e discriminação racial

João Victor da Conceição Venâncio
Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
Campus Brasília

Na luta pela minha vida, eu subo no palco
Expondo o amor que tenho pelo meu físico
Claro que é mentira, e minto até ficar fraco
Mas parece que não adianta nada esse sufoco

Talvez devesse parar de lutar um pouco
De tanto gritar, já fiquei rouco
Essa luta não é minha e, sim, do branco
Que tirou meus direitos, só estou sendo franco

Além dos meus direitos, tirou minha autoestima
Dizendo que minha pele é feia, cheia de melanina
E com essa mesma fala, eu me discrimino

Quando enfim essa fala na minha cabeça se acalma
Nos meus pensamentos eu me questiono
Por que eu negro sou um racista que se auto discrimina?

Identidade

Beatriz Santos Pereira Mata
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Uma menina que cresceu sem saber qual sua identidade, pois seu desejo era se parecer com suas amigas da escola que tinham o cabelo naturalmente liso. Se encaixar na escola era seu maior desafio, ela queria ser igual a todas as meninas menos a si mesma.

Ela andava observando a cor, a pele, o cabelo, a boca de suas amigas, como ela desejava ser assim ter suas essas características "bonitas", mas como ela não poderia ser assim amaldiçoou a si mesma.

De manhã, antes de ir para escola, ela acordava cedo para se arrumar, levantava e escovava os dentes e ia pentear o cabelo; começava penteando como suas amigas faziam, mas logo via que ficava mais seco e volumoso, largava o pente e começava a passar água com creme no cabelo, pegava uma xuxinha grande e começava a amarrar um rabo, mas como pensou, ela estava parecendo um ninho de passarinho, desmanchava e já com raiva fazia um coque baixo, mas como a sua avó não deixava alisar o cabelo era isso que tinha.

Um dia, perdeu a noção do tempo que passou no banheiro arrumando o cabelo, ouviu sua avó a gritar, falando que estava atrasada para escola e que viesse logo tomar café da manhã, pois bem, ela tomou seu café e partiu para a escola.

Chegando já à escola, sentou-se perto de suas amigas e tentou assistir à aula, pois tinha um menino que não parava de mexer no seu cabelo e lhe ficar chamando, já brava virou-se para traz, esse menino sempre ficava mexendo no seu cabelo e, às vezes, a ficava chamando de piolhenta e que tinha um "bombril" na cabeça, mal sabendo ele que aquelas palavras a atingiram como flechas; suas amigas viram e brigaram com o menino e falaram que iam falar para a professora; uma amiga em especial disse que ela era linda, mas ela pensou que era só para a consolar, o sinal tocou avisando que era o recreio, elas foram para o pátio conversar, falaram sobre cabelo, unhas, como odiavam jogar queimada com os meninos e minha menina só pensava no que o menino havia dito, queria pode falar para ela que era ela linda do jeito que Deus a criou. Ela voltou triste para casa cansada da escola.

No outro dia fez sua rotina de sempre só menos tempo mexendo no cabelo e foi para a escola, ao chegar à escola, ela viu uma mulher passando e ficou admirada, pois a mulher tinha a cor, a pele, o cabelo igual ao seu, crespo volumoso, a mulher a vendo deu oi com as mãos, ela ficou extasiada, pois nunca tinha visto uma mulher tão linda igual a ela, logo depois caiu em si, ela achou uma mulher igual a si, linda, e ela foi para aula sorridente com o que acabou de perceber. Logo o sinal tocou e a professora avisou que eles iam assistir a uma palestra sobre racismo e a história da escravidão e as lutas do povo negro. Ela sentou-se e viu que era a mulher que iria falar, era a que ela tinha visto. Começou a ouvir e em pouco tempo se viu melancólica, ouvindo as histórias de racismo e se viu nessa condição e uma sede de justiça brotou em seu coração, por seu povo por sua história, ela se viu com um emaranhado de pensamentos, ela levantou-se e foi ao banheiro parou, olhou-se no espelho, viu uma menina linda e ela disse: " eu sou linda!" Olhou para seu cabelo crespo, volumoso, sua boca carnuda, seu nariz tendo os traços de seus ascendentes, olhou para sua cor negra e sorriu.

Foi a primeira vez que a vi feliz pela sua aparência.



Inácio

Valdenice Chaves de Carvalho
Letras Português
Campus São Sebastião

Inácio era negro franzino
De olhar questionador
Menino calado
Porém observador.

Tinha lá seus nove anos
Gostava de estudar
Estava na quarta série
Do ensino fundamental.

Considerava-se um privilegiado
Estudava logo ao lado.

Um dia da janela de casa
Passou a observar
O povo passar.

Era gente de toda cor
Pensava, lembrando da aula
Do dia anterior.

O assunto foi
O racismo estrutural.

A professora explicou Que não tem essa
De cor superior.

Ela falou do papel da escola
Para acabar com esse mal
Que quer fazer dos pretos
Um povo desigual.

Bem que sua vó dizia
Que o racismo é um cocô
E o racismo estrutural
Que horror!
Lixo que a porcaria do escravismo deixou!

Racismo estrutural e educação antirracista

Clarisse Mendes da Silva
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

O racismo é uma discriminação que vem desde os tempos da escravidão, mesmo tendo uma redução ao longo desse tempo. O racismo estrutural é um conjunto de práticas discriminatórias pela cor, etnia ou cultura que são normalizadas pela própria sociedade. A palavra “estrutural” é colocada para dar ênfase à sociedade, pode ser, por exemplo, em favorecer pessoas brancas e desfavorecer as negras e indígenas, ou seja, acontece quando a discriminação racial é normalizada. A partir de práticas de exclusão social no dia a dia e a longo prazo, cria-se discriminação não explícita, trata-se do tipo de racismo que já faz parte da cultura de um povo e contribui para a perpetuação de desigualdades.

Felizmente, ao longo da história, criaram-se leis que punissem essas pessoas que fazem esse tipo de preconceito, algumas na época da escravidão e outras depois da abolição (o fim da escravidão). Mesmo depois dessa transição, da escravidão para o fim desse preconceito, a população não teve uma mudança imediata, muitas pessoas continuaram a trabalhar vivendo com violências e sem direitos básicos (educação, trabalho digno). Mesmo as pessoas sendo punidas por essas ações de discriminação, a responsabilização não reduz as desigualdades.

Os negros do Brasil foram os mais afetados na crise da pandemia; de acordo com os dados, os pretos foram os que mais morreram por covid-19 e os mais desempregados pós pandemia. As pessoas brancas, mesmo antes da pandemia, ganhavam até 68% a mais. Os negros possuem menos acesso à educação e são a maior parte da população pobre, em 2019, mesmo mais de 50% da população ser negra, apenas 24% dos deputados e parlamentares eram negros ou pardos. As populações negras e indígenas apresentam mais dificuldade no acesso ao mercado de trabalho qualificado, a oportunidades de estudo e a melhoria da qualidade de vida (como na saúde de qualidade, segurança e saneamento básico). Quem nunca para e olha para esses dados nunca vai perceber que existe, sim, o racismo estrutural.

As escolas são o principal caminho para o fim do preconceito racial, o ensinamento para as crianças é a base para uma nova cultura e geração. Nos colégios de crianças, promover trabalhos e atividades, principalmente de forma criativa, passar filmes e livros para adolescentes é o começo para um bom ensinamento. A educação racial nas escolas é importante para que os estudantes saibam conhecer e lidar com o tema, além de os proteger.

Promover debates, ir contra qualquer frase de racismo e focar no ensinamento de qualidade sobre a história brasileira é a forma de não deixar o racismo se amplificar. Aumentar a representatividade negra em quesito de visibilidade também é uma ferramenta importante, por exemplo, ter mais negros no congresso e em outros cargos altos no mundo todo. Se todos nós soubermos como é difícil para a população negra conseguir um trabalho e sofrer racismo no dia a dia, por causa da sua cor e etnia, na atualidade, já é o começo para mudança. Acabar com o racismo estrutural é um processo longo, que passa da educação nas escolas até a mudança de postura na sociedade.

Menos racismo e mais antirracista

Ingrid Leandra Camargos Antonio
Licenciatura em Letras Espanhol
Campus Ceilândia

Preconceito significa que uma pessoa tem um pré-conceito sobre aquilo que ela não conhece, é um pré-julgamento sem fundamentos cabíveis. Em meados do século XIII em diante, muitos líderes religiosos justificavam esse pré-conceito se baseando em passagens da Bíblia, como por exemplo a maldição de Caim. Desse modo, as pessoas de cor negra já nasciam condenadas, logo eram pessoas inferiores.

É a partir de crenças racistas que a escravidão perpetuou-se por séculos e é a partir desse princípio que o racismo estrutural persiste na sociedade. O enraizamento do racismo estrutural é mundial, visto que, de alguma forma, o mundo compactuou para que o racismo culmine em ódio, pelo qual algumas pessoas simplesmente desprezam seu próximo pela cor da pele.

Outro fator histórico é a tentativa de embranquecimento de pessoas negras, um exemplo clássico é o escritor brasileiro Machado de Assis, com grande relevância e reconhecimento por outros escritores, ainda assim não escapou da tentativa de embranquecimento de sua imagem. Esse fato ocorreu com alguns autores brasileiros na expectativa de embranquecer as pessoas através das gerações.

Para erradicar o racismo estrutural com educação antirracista, nós devemos ser antirracistas, isso implica em respeitar o próximo independentemente da sua cor de pele. E a escola tem um papel fundamental, pois, com investimento na formação de professores para que possam abordar este tema de maneira sensível e construtiva, estaremos promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva.

Entretanto, esse papel não cabe apenas aos professores, mas também a toda equipe escolar, aos pais e à comunidade. Dessa maneira, todos podem combater o racismo de forma ativa, adotando políticas e práticas para a desconstrução de preconceitos no combate ao bullying e a discriminação racial.

Além disso, as práticas antirracistas, entrelaçadas às políticas públicas, implicam a garantia de ambientes onde todos se sintam valorizados e respeitados, promovendo a compreensão e o respeito pelas diferentes culturas.

Em resumo, a educação antirracista não apenas ensina conteúdos acadêmicos, mas também forma cidadãos conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade igualitária para todos.

Racismo estrutural e educação antirracista

Milena Karoline de Oliveira Nunes
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Onde no início era luz , colocou-se o céu a chorar.

Uma grande e misteriosa sombra no qual só tinha danos a causar,
uma crescente escuridão da ignorância e do preconceito.

O racismo estrutural persiste em muitas sociedades,
uma sombra que já houve tentativas de combatê-la ainda se põe de pé.

Uma sombra tão grande que esconde quão grosseiro é,
que não se limita a discriminação de pessoas,
mas também se engrandece nas desigualdades de base de raça.

Como uma luz no fim do túnel
ou o maior farol do mundo,
a educação antirracista desafia a escuridão
que perpetua a discriminação,
dissipando essa terrível sombra
revelando a verdade e a igualdade
nos caminhos mais justos e igualitários a todos.

Compreensão de uma história coletiva

Julia Maria Andrade Nascimento
Técnico integrado em administração
Campus São Sebastião

Era sexta-feira de manhã, quando Simone, uma garotinha negra, de apenas oito anos de idade, saiu com a sua mãe, Neuza, rumo à escola de Ensino Fundamental Feliz Plim Plim, em São Sebastião.

Simone é apaixonada pelo azulado do céu e pelos formatos engraçados que as nuvens fazem. Ela gosta de sentir a irradiação do sol em contato com a sua pele. Isso a deixa enérgica. Porém, naquela sexta-feira, algo bastante incômodo aconteceu. Simone entrou no ônibus, com a sua mãe, e uma moça branca perguntou qual era o nome da criança para Neuza e, desse modo, iniciou-se um diálogo.

- Qual é o nome dessa gracinha?
- Essa é a minha filha, a Simone. Ela é linda, né?
- Sim, uma pena que tem essa pele tão escurinha e o cabelinho bagunçado. Mas, ela realmente é uma criança muito fofa.

Pele escurinha. Cabelinho bagunçado. É uma criança muito fofa, mas é uma pena. É uma pena que ela seja negra.

Naquele átimo, Simone, ainda tão jovem, percebeu que a fala daquela mulher não tinha sido um elogio. Mesmo assim, ela não foi capaz de identificar o que havia acontecido.

Quando ela chegou à escola, a professora, Aline, começou a falar sobre a história do Brasil e, por consequência, chegou ao período da escravidão. Aline explicou para os alunos da classe que, embora aquele contexto tenha ocorrido no passado, a população negra ainda sofre com os impactos históricos ocasionados por esse cenário tão opressivo. Aline, em dado momento, utilizou a expressão racismo estrutural, interligando-a com as situações angustiantes que os negros passam, pelas suas características.

Simone, que estava sentada na primeira carteira, da coluna localizada ao lado esquerdo da mesa da professora, ouvia aquelas informações quietas e, sincronicamente, em choque. Simone estava sentindo todo o peso que os seus traços carregavam. Ela estava no processo de compreender que a sua história não era exclusivamente sua, mas que a curvatura dos seus fios e a tonalidade de sua derme tornavam a memória de seus ancestrais perene.

E, foi naquela aula, com a abordagem e incentivo crítico de Aline, que Simone se deu conta da bagagem histórica que a sua identidade portava e, dessa forma, essa criança teve a consciência de que o comportamento da moça, no ônibus, não tinha sido um ato isolado, mas, sim, uma construção social, uma repetição de padrões. Lamentável, no entanto, existente. O racismo estrutural.

O mais doce chocolate

Hellem Barbosa dos Santos
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Ocorreram algumas situações que fizeram eu me sentir feia, tanto o meu cabelo, como o meu tom de pele. Quando criança adorava o meu tom de pele, o meu cabelo crespo, e como a mamãe fazia vários penteados nele. Meus pais sempre me elogiaram, sempre me falaram o quanto eu era bonita, porém me diziam que, se alguém falasse mal do meu cabelo ou da minha cor de pele, que era para eu não me importar.

Quando eu ouvia aquilo, não entendia, porque alguém falaria da minha cor ou do meu cabelo? O que tem de errado para quererem falar mal? Até que, no ensino fundamental, com doze anos, eu ouvi pela primeira vez as palavras que me fizeram pensar sobre o meu cabelo: "Que cabelo feio, parece um capacete". Foi a primeira vez que eu ouvi falarem mal do meu cabelo na minha frente, primeiro eu não entendi o que aquelas palavras significavam, capacete? O que queria dizer? Mas, depois que eu vi as outras crianças rindo de mim, eu pensei que tinha alguma coisa errada com o meu cabelo.

Depois de chegar da escola fui direto à minha mãe, a mesma estava no fogão fazendo comida, assim que me viu abriu um sorriso e disse:

-Oi filha! Como foi o seu primeiro dia de aula?-Perguntou enquanto mexia na panela.

-Foi divertido, mas falaram algo do meu cabelo.

Quando eu disse isso, mamãe me olhou rapidamente e perguntou:

- O que disseram?

-Falaram que o meu cabelo parecia um "capacete".

Mamãe me encarou por alguns segundos antes de desligar o fogão e veio à minha direção.

-Quem falou isso? - Perguntou se sentando na cadeira da mesa.

-Um garoto da minha sala.

Já na faculdade, estudando e trabalhando eu tive que mudar a minha aparência para poder agradar aos outros. No meu primeiro emprego, eu fui vendedora de loja, tínhamos que todas ir bem vestidas e arrumadas. Um dia minha gerente me chamou para conversar, o assunto da conversa jamais pensei que seria para me pedir algo tão absurdo.

Alisar o meu cabelo, esse foi o pedido, eu deveria alisar o meu cabelo para poder seguir o padrão da loja, caso eu não fizesse eu seria demitida. Quando eu ouvi aquilo eu não acreditei, apesar de já ter sofrido preconceito por conta do meu cabelo e da minha cor, nunca tinha sido obrigada a mudar minha aparência só para me encaixar em algum tipo de "padrão".

A partir dali, eu comecei a pensar que realmente tinha algo de errado comigo, pois não fazia sentido falar do meu cabelo ou da minha cor caso não tivesse.

Comecei a alisar o meu cabelo, nas fotos sempre usava efeitos que me deixavam parecer mais clara do que o meu tom de pele. Eu, de alguma forma, tentava apagar quem eu era, as minhas origens, a pessoa que fazia eu ser eu. Até que, um dia, eu vi uma garotinha que me fez lembrar de mim mesma, ela era negra dos cabelos crespos mais lindos que eu já vi, ela estava chorando. Aproximei-me e perguntei o que aconteceu, o motivo de ela estar chorando partiu meu coração.

-Falaram que o meu cabelo parecia um "Bombрил"

Foi o que me disse enquanto enxugava as lágrimas.

-Você acha que seu cabelo parece um bombril?-Perguntei.

-Não.-Me respondeu.

-E por que não?

-Bombрил é duro, meu cabelo não é duro, ele é macio, parecido com algodão. E dá para fazer vários penteados nele, não dá para fazer penteados em bombril.

-Exato! Seu cabelo não se parece nada com bombril, não tem por que chorar, seu cabelo é lindo e fofo, dá próxima vez que falarem do seu cabelo diz isso para eles.

Respondi para ela com um sorriso no rosto, tentando fazer com que ela entenda que não tem nada de errado com o seu cabelo.

Esse meu pensamento me fez questionar as minhas atitudes, porque eu queria tanto apagar quem eu era se não tinha nada de errado comigo?

Percebi que, em boa parte da minha vida, eu pensei que tinha algo de errado com a minha aparência, só por causa do preconceito dos outros. Sempre ouvi coisas maldosas ao meu respeito, desde de muito jovem, igual essa criança que chorava por conta do seu cabelo.

Percebi que não tem nada de errado comigo, ao longo da minha vida vi as pessoas não se importando com as palavras ditas, ou com a falta delas. A diretora não me deu nenhum apoio quando falaram que meu cabelo parecia um capacete, os garotos riram enquanto me chamaram de macaca, fui obrigada a alisar o meu cabelo para não perder o meu emprego.

A falta de noção dessas pessoas fazem o racismo e preconceito ser algo "normal", e as pessoas que o sofrem acharem que tem algo de errado com elas. Eu percebi, que, a partir do momento em que nos calamos e tentamos nos encaixar nesse "padrão", estamos fazendo exatamente o que eles querem: apagar a nossa existência. Porém uma coisa que eles não sabem é que não dá para apagar a existência de algo tão perfeito quanto um cabelo que parece algodão, ou uma cor de pele que lembra o mais doce chocolate.

O Papel transformador da educação antirracista no combate ao racismo estrutural

Alessandra Soares da Silva
Tecnologia em Gestão Pública
Campus Brasília

O racismo, enraizado nas estruturas da sociedade há séculos, é um câncer social que permeia todos os aspectos de nossas vidas. Para enfrentar esse mal, a educação antirracista emerge como uma ferramenta poderosa, capaz de reconfigurar paradigmas, questionar normas e pavimentar o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária. Neste contexto, surge a fundamental indagação: qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?

O racismo estrutural não é um fenômeno abstrato, mas, sim, um conjunto de sistemas e práticas que perpetuam a desigualdade racial de maneira sistemática. Ele se infiltra em instituições, políticas públicas, mídia e, especialmente, na educação. Portanto, é inegável que o combate ao racismo estrutural passa, obrigatoriamente, pela reformulação do sistema educacional.

A educação antirracista é a resposta a esse desafio. Ela não apenas busca combater os estereótipos e preconceitos raciais, mas também propõe uma reestruturação completa do ensino, quebrando o ciclo de transmissão de valores racistas de geração em geração. Nesse sentido, o primeiro papel da educação antirracista é o de sensibilização e conscientização. Ela desafia os alunos a questionar suas próprias crenças, desconstruir preconceitos arraigados e entender a história de opressão que grupos racialmente minoritários enfrentaram ao longo dos séculos.

Além disso, a educação antirracista promove a inclusão e a diversidade. Ela reconhece a importância de uma representação equitativa nas salas de aula e nos materiais didáticos, garantindo que todos os alunos se vejam refletidos na aprendizagem. Isso não apenas empodera os estudantes de minorias étnicas, mas também ensina aos estudantes brancos a valorização da diversidade e o respeito pela igualdade.

Outro aspecto crucial é a desconstrução dos currículos eurocêntricos. A educação antirracista questiona a perspectiva unilateral da história, da literatura e das ciências que frequentemente negligencia as contribuições das culturas não brancas. Ela introduz narrativas e pontos de vista diversos, reconhecendo a riqueza do conhecimento produzido por diferentes grupos raciais e étnicos.

Ademais, a educação antirracista estimula a ação. Não se limita à teoria, mas também fomenta a prática. Ela incita os estudantes a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades, a enfrentarem ativamente o racismo e a promoverem a justiça racial. Dessa forma, contribui para a formação de cidadãos engajados e comprometidos com a construção de um mundo mais igualitário.

No entanto, a educação antirracista não deve ser vista como uma mera disciplina escolar, mas como um compromisso de toda a sociedade. Professores, pais e responsáveis desempenham um papel fundamental na modelagem de atitudes e valores antirracistas. O diálogo aberto sobre racismo e discriminação deve ser incentivado em casa e na escola.

Em conclusão, a educação antirracista é um elemento crucial na luta contra o racismo estrutural. Ela desafia estereótipos, promove a empatia, capacita os indivíduos a entenderem as raízes do problema e a agirem para mudá-lo. Para alcançarmos uma sociedade mais justa e igualitária, é imperativo que a educação antirracista seja implementada em todos os níveis de ensino e permeie todas as esferas da vida. Somente assim podemos romper as correntes do racismo estrutural e construir um futuro mais igualitário e justo para todos.

O retrato dela

Valdenice Chaves de Carvalho
Letras Português
Campus São Sebastião

Sentada no sofá da sala, Maria Eugênia observava um porta retrato em cima de uma mesinha num canto da casa. Era uma foto antiga dela com sua mãe, de quando ainda era uma criança, num tempo de muitas transformações. Quantas lembranças invadiam seu ser naquele momento, memórias da infância, do tempo de inocência, do choro de menina, do colo de mãe.

A fotografia agora era iluminada por um pequeno feixe de luz que invadia a cortina entreaberta. De repente Maria Eugênia se levantou e colocou o retrato nas mãos. Dona Conceição...! Quantas recordações uma imagem podia trazer: primeiro dia de aula, tiras nos cabelos, mochila nas costas, o olhar cúmplice da mãe.

Já fazia tantos anos que saíra de casa, saiu assim que se formou. Ah! A formatura! Quantos desafios vencidos até aquele desejado momento. O vento das madrugadas, as ruas vazias, a escola de tempo integral, a mãe segurando-lhe a mão, a força da mulher, vivências que nunca poderia esquecer.

Dona Conceição sempre trabalhou duro para criá-la, e logo que chegou a certa idade tornou-se companheira de luta da mãe pelo pão de cada dia. Trabalhar foi preciso, tornou-se aprendiz, mas de estudar nunca parou graças a Deus, recordava ela.

A mãe tinha esperança no estudo para dias melhores na vida da filha, ela sabia que a educação era um caminho para vencer as desigualdades impostas a eles negros, e foi justamente na escola que Maria Eugênia teve maior entendimento de como o racismo estrutural contribuía para o sofrimento das populações pretas.

Maria Eugênia também acreditava na educação para combater as desigualdades sociais impostas aos negros. Trabalhando, estudando, formou-se, hoje trabalha na defesa das causas raciais, no enfrentamento a todas as formas de racismo, na batalha pelo respeito ao seu povo.

Pipas nos quintais, roupas nos varais, jiraus, conversas no portão, tempos que não voltavam mais, pensava Maria Eugênia, enquanto esperava a mãe para jantar, agora apertando forte no peito o retrato dela.

Qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?

Anália Zaíne Macedo Ribeiro
EMI técnico em Meio Ambiente
Campus Estrutural

Os educadores possuem um papel primordial em repassar um ensino voltado ao antirracismo. Neste âmbito, para combater o racismo estrutural é fundamental realizar um estudo histórico abrangente. Uma investigação a fundo de terminologias racistas, e a representatividade de pessoas negras para uma melhoria da educação voltada à educação sem preconceito.

A falta de representantes da cultura negra é uma lacuna preocupante em muitos aspectos da sociedade. Os poucos lugares ocupados por pessoas negras em cargos de liderança, na mídia, na política e em outras esferas influentes perpetuam a sensação de invisibilidade. Essa diversidade é fundamental para garantir que todas as vozes sejam ouvidas, mas também para construir de uma sociedade verdadeiramente equitativa.

Além disso, racismo velado é uma forma silenciosa de discriminação racial que se manifesta, muitas vezes, de forma sutil e mascarada, tornando-o mais difícil de combater. De igual modo, essa manifestação de preconceito pode ser expressa por meio da linguagem codificada, como “ A coisa tá preta” que a cor associa o preto a algo ruim, essas expressões contribuem à construção de estereótipos e preconceitos.

Verifica-se, portanto, que, para mitigar o racismo estrutural, é importante que o Ministério da Educação implante ações escolares e familiares, dando voz às pessoas negras na ressignificação de palavras de cunho racista, conscientizando jovens e crianças sobre o assunto. Somente assim, a igualdade perante a cor de pele será alcançada.

Olhos claros

Julia da Silva Araujo
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Em um dia quente como qualquer dia da semana, num bairro nobre da Zona leste estava uma pequena menina de dez anos, negra de olhos claros que brincava assim como qualquer outra criança em um canto da sala, enquanto esperava sua mãe ser liberada de seu trabalho. Inesperadamente sua mãe chega super feliz, por ter consigo o que sempre sonhou para sua filha: uma educação de qualidade em uma escola particular que sua patroa iria pagar para que a filha de sua empregada tivesse a mesma oportunidade que sua filha teve.

A primeira semana não foi lá uma das melhores, quando cheguei à minha sala no primeiro dia me apresentei para todos, já escutando cochichos para todos os lados, alguns rindo, outros que só olhavam e estranhavam o fato de ter uma única menina negra de olhos claros perto de crianças brancas em toda escola. Uma menina então resolveu comentar:

- Quem é ela? Porque o cabelo dela é assim, o olho dela é claro , isso não pode ser verdade pessoas como ela não podem ter olhos claros.

Outro diz:

- Verdade, o que ela tá fazendo aqui? Nossa escola só tem pessoas ricas e brancas, essa cor não é aceita aqui .

Todos os dias chegava à minha casa chorando, pedindo à minha mãe que me tirasse daquele lugar, aquele lugar não era pra mim e eu não merecia estar passando por aquilo, “Nunca mais pisar naquele lugar”: era isso que se passava na minha cabeça . Então ela me chamou e me explicou que as coisas não são do jeito que a gente quer e que as pessoas são assim porque são racistas, que não aceitam pessoas negras, não aceitam pessoas de outra cor.

No outro dia cheguei, super feliz na escola, pois resolvi não ligar para o que estavam fazendo comigo, na esperança que encontrasse alguém que quisesse ser meu amigo, chegando na sala me sentei na cadeira e esperei a aula começar. A observação é um dos meus incríveis dons, não tão distante vi uma menininha negra igual a mim, um pouco menor que eu, sentada no final da sala chorando, me aproximei dela e perguntei:

- Ei, porque você está chorando?

Ela levantou a cabeça e me olhou de cima para baixo e saiu correndo. Assustada com o ato dela, corri atrás dela, parei um pouco distante, quando vi ela entrando em um corredor, cheio de meninos e meninas . Aproximei-me mais um pouco para escutar o que eles estavam falando.

- O que você está fazendo aqui? Você não é bem-vinda na nossa escola .

Disse um menino.

- É isso aí você não é bem-vinda aqui, essa escola não é para pessoas como você, não percebe que você é a única dessa cor com esse cabelo?

Disse a menina se aproximando mais dela .

Resolvi me meter para ajudar a menina, sei como é estar na pele dela e eu não vou deixar que isso aconteça com ela também, comigo não tinha ninguém para me ajudar, mas ela tem.

- Vocês não podem tratar ela assim, todos nós somos iguais independente de cor, raça ou etnia, cada um tem sua beleza, e saibam que isso, que estão fazendo com ela e que um dia já fizeram comigo, é crime.

Irritados com o fato de eu ter me metido no assunto deles, eles vieram pra cima de nós duas, que logo corremos para a direção e contamos tudo para a diretora , que por coincidência era a avó da menina que eu ajudei, ela ficou totalmente decepcionada com o que os alunos fizeram com a sua neta e com o que fizeram comigo .

Os alunos que praticaram o racismo foram disciplinados e alertados para que isso não se repetisse, e eu e a menina viramos amigas e conseguimos muitos amigos novos também.

Finalmente entenderam que todos somos iguais e que podemos ser todos amigos, e conviver juntos uns com os outros.

No final percebi que não importa sua classe social, a necessidade das outras pessoas de te fazer mal e te magoar vai além do que sua classe.

Tons de amadeirado


Campus São Sebastião
Maurício Nunes Oliveira
Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Dois dias atrás, havia acabado de receber meu segundo salário na loja de construção em que eu trabalho, mas algo me deixou intrigado, foi a diferença entre o salário de alguns dos meus colegas e o meu, pois nós ocupamos os mesmo cargos com as mesmas funções, além de termos chegado ao mesmo tempo na empresa. Este é meu primeiro emprego, desde que me mudei há dois meses com meus pais do interior para a cidade grande, onde havia acabado de iniciar o meu primeiro ano no ensino médio, contudo, sem experiência alguma, não entendi o que estava acontecendo.

Há duas semanas antes desse ocorrido, eu tive uma aula de sociologia, na qual havia sido ensinado sobre diferenças salariais, mas nenhuma das diferenças que o professor citou se encaixava na situação. Um dos colegas de trabalho que recebeu mais do que eu era um pouco mais claro, eu tinha pele morena e cabelos castanhos, além de outro colega que ocupava o mesmo cargo, o qual tinha pele branca e cabelos loiros, mas este recebeu quase o dobro do meu salário. Estava incrédulo com aquilo, a única solução possível que pude encontrar para aquilo era a quantidade do salário ser baseada em um quadro com os tons de pele dos mais escuros ao mais claro, semelhante aos que usávamos com os clientes, em que mais claro ganhava mais e o mais escuro ganhava menos, e eu estava logo no mais escuro.

Posteriormente pensando naquilo, na semana seguinte, fui perguntar ao meu professor de sociologia o porquê daquilo estar acontecendo, pois não batia com o que ele havia ensinado, então ele me explicou das desigualdades salariais, que envolve as questões raciais em sociedade. Na minha antiga escola, nunca havia estudado sobre aquilo, pois não era um assunto que ensinavam na escola, enquanto eu estive no ensino fundamental, percebi como estava alienado. O professor me explicou o que é racismo estrutural, demorei para entender que aquela era causa do meu salário ser diferente do dos meus

colegas pelo simples fato de ter a pele negra, não conseguia acreditar que coisas assim aconteciam, pois até então eu apenas havia convivido com pessoas parecidas comigo. Entretanto, com o tempo, percebi, principalmente, a falta que me fez não ter sido ensinado sobre este assunto na escola quando era criança, pois agora ciente disso, entendi que aquela não havia sido a primeira vez que eu passava por uma situação de racismo.



Aquilo é

Campus São Sebastião
Maurício Nunes Oliveira
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração.

Chegava a uma escola nova,
riam de mim
zombada por cada um
nunca entendi
o que era aquilo.

Cores diferentes
risadas maldosas
de rachar os dentes
não entendia
o que era aquilo.

O que será que é
meu cabelo durinho
mas qual o problema
estava limpinho.

Na escola
a mesma coisa de novo
já era comum
mas só comigo
com mais nenhum.

Estava triste
mas chegou um professor
que viu aquilo
e deu uma bronca
em cada um.

Ele me explicou
o que aconteceu
confusa, não entendi
o que era aquilo.

Mas cresci
e percebi
que aquilo
era racismo.

Papel da educação antirracista combate ao racismo estrutural

Kalebe de Almeida dos Santos
Ensino médio integrado em eletromecânica
Campus Taguatinga

Caros educadores e educandos, escrevo-lhes com o intuito de discorrer sobre um assunto extremamente importante, o papel da educação antirracista no combate ao racismo estrutural, e – também – sobre o uso da história como ferramenta da educação nessa luta. Sabe-se que, de maneira lamentável, o racismo foi construído e se tornou algo comum e corriqueiro no dia a dia, por consequência, veio a ser a base do pensamento de uma considerável parcela da população.

Quando pensamos em racismo, é comum voltarmos ao passado escravista para justificá-lo, entretanto isso não passa de um subterfúgio para eximir o comportamento atual da culpa, pois, sim, o racismo é um comportamento e, portanto, pode ser mudado. Ao falar de educação antirracista como forma de combate a ele, creio que – em termos acadêmicos – a história é crucial para essa luta.

No entanto, estimados leitores, quando me refiro à história, não penso apenas naquela ensinada na academia, penso na história que – como diriam os futebolistas – foi deixada de escanteio. A história dos povos africanos que eram mestres da matemática, artes, medicina e tantos outros campos do saber; posso, por exemplo, citar o povo de Kemet – do nordeste africano – talvez, caros leitores, os conheçam como egípcios. Esse povo fez avanços na matemática, arquitetura etc. E ainda assim há aqueles que desconhecem um simples fato: os egípcios eram negros, assim como mostrou o polímata Cheikh Anta Diop em sua tese.

Dessa forma, digo-lhes, ao atuar como combatente ao racismo estrutural, a educação antirracista deve utilizar a supracitada história para desconstruir o comportamento racista e eliminar essa imagem inferiorizada dos povos negros. De tal maneira, a supramencionada educação deve trazer um letramento histórico que haja como destrutor da base de pensamento sobre a qual está erguido o racismo estrutural.

Estimados leitores, por mais simples que pareçam minhas palavras, afirmo com grande certeza que, fazer uso da história como engrenagem da máquina educativa antirracista no combate ao referido racismo, é uma forte maneira de eliminar – pela raiz – essa mazela da sociedade.

Para concluir esta dissertação, benquistos leitores, citarei uma famosa artista brasileira, Elza Soares. "A carne preta é a mais barata do mercado", em razão do que foi dito por Elza, digo-lhes – em outros termos – o papel da educação antirracista nessa luta, ela é a lâmina que irá ceifar essa erva daninha que é o racismo estrutural, pois irá agir minando a observação e reprodução dos comportamentos racistas desde a base educativa até os ápices da mesma.

Cordialmente, despeço-me. Assinado: Kalebe De Almeida.

Racismo!

João Pedro Moreira Batista de Oliveira
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais na forma articulada
integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Entre nós o racismo ainda faz parte
é preciso conhecer e lutar
é preciso reagir e não aceitar
é preciso reagir e denunciar
é preciso educar para não ser praticado.

Afinal, por que falar sobre cor?
Se o que importa é o amor,
Se o que importa é o respeito,
Se o que importa é saber
Que não estamos sozinhos.

Por que praticar o racismo?
Se isso não te levará a lugar nenhum.
Por que diminuir os outros?
Se somos diferentes por um propósito maior.

Ué, mas o racismo não é coisa do passado?
Por que fazer algo
que deixou tanto outros machucados
Se quando podemos melhorar
Para nunca mais praticar racismo.

Desconstruindo preconceitos: valorizando a diversidade

Iara Marlen Martins de Oliveira
Licenciatura em Biologia
Campus Planaltina

Desde cedo aprendi uma verdade importante,
Que a cor da minha pele incomodaria muita gente,
Determinaria minhas oportunidades,
Mesmo que houvesse talento,
Ele seria subestimado e ignorado.

Racismo estrutural, presente em cada pedaço da minha existência,
Na escola, onde meus traços são ridicularizados,
No Mercado, ao me olharem de lado,
No trabalho, onde me julgam como pouco qualificado ao cargo.

Apesar de tudo, ainda tenho esperança
Na busca por justiça e igualdade,
A educação antirracista será a chave,

Desconstruirá preconceitos enraizados.
Valorizando todas as cores e traços,
Para que todos possuam o mesmo espaço.

Dor

Sarah Custódio Elias
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Racismo para eles não existe
Isso que foi dito
Mas enquanto eles falavam
Mais uma criança crescia traumatizada
Querendo mudar quem é ela
Na sua cabeça martelada
Por que ligar tanto para a cor ?

No seu coração tinha dor
Que a fazia refletir
Por que as pessoas são assim?
Até na escola ela sofria
Mas não via saída
Queria renascer
Na cor que não haveria dor

Mais um dia a coragem veio
E assim ela contou
"Estão me discriminando pela minha cor"
A diretora não aguentou, e chorou
Assim uma decisão tomou
Juntou todos no corredor
E a história da escravidão contou
Mostrando a importância da cultura Africana

Mostrando o respeito e a igualdade
Logo na escola, um lugar de aprender
Deve, sim, ser ensinado
Que o racismo não será tolerado
O papel da educação
Ensinar as crianças
Que racismo aqui não!
Os alunos precisam compreender.

A educação transforma a consciência
Por meio do conhecimento
Esse conhecimento
Tem que ser passado
Por meio dos diálogos.

Racismo estrutural e educação antirracista

Jamily Alves Carvalho
Curso Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais na forma articulada
integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

O racismo estrutural hoje não é nada legal,
antigamente, não causava tanto mal,
por falta de conhecimento, não se conhecia o sofrimento
apesar de se sentir, não havia voz ali.

Diante de uma sociedade tão inocente,
Deparamo-nos com uma educação totalmente indiferente,
onde o racismo predomina
e a educação vira uma brincadeirinha.
Precisamos ter cuidado,
pois a educação é algo a ser melhorado.

Vamos avançar e crescer,
e o racismo combater,
É preciso mostrar para toda nação,
que precisamos de união,
que essa luta precisa ser constante
e não vamos arredar um instante...
Vamos combater a sensação humilhante,
de nos sentir inferior ou mesmo sem valor,

A união faz toda diferença,
então vamos melhorar a convivência,
conviver com algo chamado racismo,

que é difícil de ser combatido,
então vamos em frente e emocionar muita gente.
Vamos todos nos unir, é assim que vai surgir,
um povo lutando para combater o racismo no mundo inteiro.

Somos todos iguais perante a lei,
e onde está a igualdade
perante a sociedade?
O racismo é algo a ser tratado,
então vamos juntos
lutar e até mesmo esbravejar,
pois cidadãos têm o direito de assim se expressar.

A nossa grande sociedade pede por algo renovado,
principalmente, na educação que temos muitas divisões,
e quando se trata de cor,
ouvimos tantos rumores,
de gente que não conhece as dores de uma pessoa preta,
seu sangue corre nas veias e a sua cor é vermelha,
não diferente dos brancos ou de qualquer que um dia nascerá.

Preto é humano

Breno Emanuel Ferreira da Silva
Curso Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma Articulada Integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Quantas vezes teremos que enfrentar
essa discriminação?
Quantas vezes lutamos pela nossa libertação?
É dia, é noite, não temos mais sossego.
Nós vivemos nessa favela que só tem tiroteio.

Não sei de quem é a culpa de tudo isso.
Mas quem for o culpado deveria estar preso.
É tão difícil assim?
Nos colocar no meio da sociedade?
Somos Descartados, Maltratados,
Xingados, Exilados, Escravizados.

Quantas vezes teremos que enfrentar essa
discriminação?
Quantas vezes lutamos pela nossa
libertação?
Nossa melanina virou alvo da polícia.
Nossa cor de pele virou motivo de violência.

Só porque eu sou preto é que sou perigoso?
A sociedade me olha com cara de desgosto.
Não só fisicamente, mas também na moral.

Essa piada que escuto aqui no meio da capital.

Vamos impedir essa propagação racista.

Seguindo nessa vida com aspecto otimista.

Mesmo com poucas oportunidades

Eu vou seguir lutando.

Porque, mesmo que eu seja preto,

Eu sou humano.

Não tem desculpa

Tatyelle de Souza Mata
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

"Apanhados, surrados, humilhados.

Não valem um real.

Servem apenas para prestar serviços
e nada mais!

"Essa época já se encerrou,
ninguém mais pensa desta maneira, não é?"

Eles falam coisas racistas de forma banal,
nem se nota,
é o que a gente chama de racismo estrutural.

Hoje, existe uma dívida histórica
que nunca poderá ser paga.

Cada pele rasgada, cada sangue derramado,
cada chicoteada esculpida nas costas
não tem como se desculpar.

Humilham a troco de nada, ou a troco de pão.

Falam que a educação é para todos,
mas é óbvio que não!

Nas universidades públicas, quase não tem pretos, mas e daí?

Que dívida histórica que nada!

Isso parece até uma piada.

Falar "Não faça isso, racismo é crime!" já basta!

Ir até o final das raízes?

Dos problemas? Melhor não.

Imagina você acordar cedo

para ir à escola aprender,

mas alguém vira e diz

que você não é capaz de entender nem o $a + b$,

e mesmo com a escola presenciando aquilo tudo

eles fingem não ver.

Imagine a professora perguntando para

turma o que cada um quer como futura profissão,

eles gargalham da sua cara,

pois você não parece aquela protagonista da televisão.

Todo dia uma criança preta quer sonhar,

mas como? Se todos que a olham já supõem

o caminho que ela vai traçar?

Nem todos nasceram com as mesmas oportunidades,

alguns passam por caminhos difíceis

para conseguirem ter uma educação.

Se você quer ser uma médica,

uma advogada, uma doutora, ou uma juíza, tanto faz.

Eles dizem que você não é capaz.

"Qual é o meu problema?"

Você nasceu com melanina demais.

Essas profissões não condizem com a cor

da sua pele e nem com o formato

enroladinho do seu cabelo.

Não condizem nem um pouco com as suas raízes,

com o lugar de onde você veio.

Mas você cresce.

Você cresce, estuda, passa no vestibular
e mostra que pode.

Vira inspiração para várias meninas

Que escutam a mesma coisa,
mas não podem fazer nada.

Tentam lutar contra e são silenciadas.

Você chegou e quebrou um ciclo.

Um ciclo para todas as Anas, Paulas, Letícias, Fabianas,
que sonham em conquistar o mundo,
mas são ignoradas por serem consideradas inferiores,
burras e tolas demais.

Ainda vão te dizer:

"Claro, com cotas todo mundo passa!",

"Passou, mas nem estudou nada.

Entrou por causa da cor".

Mesmo com o seu objetivo alcançado
ainda vão te desmerecer.

Ignorar cada crítica e palavras de ódio,
que quando era pequena,

Foram direcionadas a você.

Me diga, você é o problema?

O problema é a cor da sua pele?

Os traços do seu rosto?

Não! O problema são as pessoas que tiveram educação.

Mesmo depois de anos e anos de escravidão,
repetem os mesmos comportamentos racistas
e possuem as mentes fechadas.

Fechadas não, preconceituosas.

E é neste ponto que a educação antirracista precisa atuar,
pois ela precisa ser dada a todos
e não apenas às crianças.

Ela precisa chegar
à professora, ao colegiado, aos pais.
Expandir a mente de todos,
para assim os pretos
algum dia conseguirem um pouco de paz.

Você grita, porque este é o seu lugar de fala.
Mas, na verdade, este não deveria ser o seu lugar,
pois ninguém nunca deveria ter lhe falado
e falado para aquelas pequenas meninas
que elas não eram capazes.
As escolas deveriam ensinar as outras pessoas
a reconhecer a história de cada um
e não desmerecê-las por causa da cor escura da pele.

As escolas devem falar sobre o passado,
falar de cada uma das vidas que foram encerradas,
apenas por serem consideradas de uma "raça inferior".
Falar que vidas pretas importam,
e não ignorarem uma ofensa,
mas não apenas em um momento de dor.
Precisam falar que importam a cada segundo,
falarem apenas "Não faça isso não".

A educação antirracista precisa crescer,
Chegar até a comunidade,
Envolver a todos,
pois essa longa história não pertence a um só.
Pertence a cada pessoa que deste mundo faz parte.

Pois quando existe uma educação antirracista,
as pessoas percebem que coisas que são consideradas “normais”,
na verdade não são.
São ofensas terríveis
que passam despercebidas na maioria das vezes,
o famoso racismo estrutural.

Para que este ciclo se encerre de uma vez,
é preciso lutar!
Ou melhor, é preciso educar!
Não basta não ser racista,
é preciso ter uma educação antirracista,
é preciso ser antirracista e combater falas "pequenas"
para que as asas não sejam podadas e todos voem alto.

Luta contra o racismo estrutural

Ubirajara Martins Silva Junior
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Na luta contra o racismo estrutural, a educação antirracista serve como um farol de mudança. Além de transmitir fatos históricos, desafia estereótipos arraigados e promove a reconstrução de narrativas esquecidas.

Os educadores atuam como agentes de mudança, cultivando a curiosidade e a compaixão. Numa sala de aula que celebra a diversidade, a educação antirracista não é apenas um currículo, mas uma jornada de autodescoberta e empatia.

Esta abordagem não só reconhece as injustiças, mas também capacita os estudantes a agir contra elas, tornando-se um antídoto importante para quebrar as cadeias da desigualdade persistente. Num compromisso coletivo, a educação antirracista é um compromisso com um amanhã, quando a cor da pele não determinará o destino, construindo uma história de esperança e mudança.

Um corpo no mundo

Vanessa Silva do Desterro
Curso Superior de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa
Campus São Sebastião

É conhecimento de todos que um corpo nasce de dentro para fora, e que esse processo é sobretudo para além de uma anatomia humana, o que Ana Maria entenderia, mais tarde, é que é totalmente possível se achar e se perder dentro dele.

Essa garota, por quem esses dedos traçam a história, acreditava em coisas fantásticas e que o mundo era bom. Quando criança, jurava que podia voar, que só três pulinhos bastavam e que as árvores cantavam. A pureza das crianças é poética. Observava o tempo passar de perto, por ser tão perto, acreditava que ele a esmagaria. É de uma subjetividade latente para uma criança. Desesperava-se pela chegada de sua avó quando demorava. “Vóinha, vóinha! Onde a senhora estava?” Sua avó respondia: “Calma Aninha, eu não vou embora”. Por carregar o peso do sentimento de abandono desde muito cedo, sentia que sua mãe não a queria, sentia-se rejeitada por aqueles que deveriam amá-la e protegê-la, claro, com a exceção de sua amadíssima avó que a acudia dos monstros que moram embaixo de sua rede. Ana tinha sonhos e medos, naquela idade os sonhos eram gigantes, tal como os desenhos das nuvens, tudo parecia possível. Não imaginava que seus medos a fariam refém. Tinha pesadelos feitos de lágrimas, quando acordava ainda eram reais. Assim, com o passar dos anos, foi cedendo pedacinhos de sua história a eles. Durante a segunda infância, cinco dias por semana, era perturbada pelos colegas de escola. As perseguições eram os xingamentos diários que lhe tiravam a paz. As agressões verbais eram tantas que chorava para não ter que ir à escola, passou a evitar os corredores, saía mais cedo para evitar confrontos, evitava os banheiros e até mesmo o refeitório que necessitava frequentar. Odiava a escola, sentia medo e uma tristeza dilacerante todos os dias. Eles a perseguiram quase como um hábito ancestral, estava ali implícito, de alguma forma já conhecia aquela história.

As perturbações continuaram por um longo período, faziam questão de mostrar que aquele não era o seu lugar. Algumas vezes, em sala de aula, em uma daquelas tardes que se erguiam lentamente, a sua maior decepção com a sua professora favorita de ciências veio: escutava de um colega; “Por que você não volta para a sua cidade? Você fala tudo errado. De onde você vem são sempre da sua cor?” Isso abriu uma ferida em seu peito do tamanho do oceano Atlântico. Aguardou silenciosa e perplexa o eco daquelas palavras que vociferavam em um tom de escárnio. Aguardou alguma intervenção divina, já que a da sua professora não vinha. Ana depositava sua fé em heróis brancos que não vestiam a sua causa, em um ato desesperado para se adaptar ao mundo que lhe oprimia a voz, tentou ir embora de quem era. As consequências de uma vida atravessada por discriminações podem ser devastadoras. Assistir calada aos atos de violência, torna-a compactuante.

Embora não compreendesse e não tivesse consciência da força da natureza de sua existência, a menina que acreditava em pulinhos que fariam milagres, murchou como uma planta que já não se nutria daquilo que precisava: água e cuidado. Enquanto isso, a falta de políticas públicas em alguns espaços, coloca em ruínas tudo aquilo que carregue em seus rostos, rostos esses, iguais ao de Ana. Cansada, a menina profundamente abalada com o seu mundo hostil decidiu que os monstros embaixo daquela redinha não eram equiparáveis com os de uma subsistência ameaçada por homens trajando coturnos na esquina. Mas, há forças em tempos difíceis. Então, tal qual uma fênix, ergueu-se daquele mar de cinzas.

Por querer se esconder nas sombras do muro que se ergueu, o barulho que sucedeu em sua mente foi como ouvir pela primeira vez o som da verdadeira voz, acompanhada de trovões que acertaram precisamente aquele muro que a separa do mundo. Naquele momento, fez um pacto com a voz, a partir daquele momento em diante ela a guiaria. Sem delírios de uma falsa e desolada promessa de que encontraria o seu lugar, partiu para a construção de pequenos passos de novo lar. Quase como uma sina do universo, encontrou-a, a Ana de sua infância, estava encolhida numa pequena sala, repetindo as palavras de uma carta antiga, que dizia, “é tão bom te ver de novo.”

Na manhã seguinte daquele setembro ensolarado, Ana encontrou um livro de uma autora que ainda não conhecia, era “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. Ficou ensimesmada com aquele achado, imediatamente começou a devorar página por página, e em cada pausa derramava lágrimas que formavam um elo na ponta de seu queixo. Ainda não sabia, mas o livro que encontrou tinha um objetivo em sua vida. Enquanto se escondia na biblioteca de sua escola, procurava mais livros com aquela dimensão de representatividade, nos dias e meses que passaram, a chama e o brilho nos olhos voltavam

uma certa ferocidade, era como iluminar um céu com justiça. Em pouco tempo, passou a buscar, cada vez mais, leituras como aquela, pois elas também tiraram-lhe a venda dos olhos.

O tempo passou, Ana cresceu, olhou no espelho o reflexo daquele corpo, fortaleceu-se de si mesma. Decidiu que estudaria, lutaria para mudar as estatísticas, a garota que chorava, cansada, estava em um mundo supremacista. Para se tornar professora de Literatura Brasileira, correu uma maratona como a de Simone Biles, isso porque alimentava todos os dias de sua vida honrar os passos de sua família para que fosse possível existir presente e futuro. No caminho que escolheu, muitas encruzilhadas, percalços do tamanho de tantas montanhas, se for possível mensurar, rotas foram criadas para que fosse possível chegar.

Foi então, a primeira de muitas em sua família a graduação alcançar. Dedicou sua vida a uma educação inclusiva dentro e fora das escolas, principalmente no combate ao racismo, lutou para que as escolas, em que deu aula, investissem em literatura afro-brasileira. Por ter conhecimento da dimensão do abismo que ainda afetava e afeta os seus, sentia que tudo precisava ser refeito, reconstruído, para que mais vozes fossem ouvidas. Escreveu no chão de terra do seu quente e vívido nordeste, o início, meio e fim. Para que todos os meninos e meninas tenham o direito de sorrir enquanto brincam.

O Bosque de Northdale


Fabiula Alves Carneiro
Bacharelado em Engenharia Civil
Campus Samambaia.

Numa terra tão tão distante chamada Northdale, havia um bosque encantado onde viviam seres místicos de todas as cores, todos os tamanhos e formatos. Eles compartilhavam uma conexão especial com a natureza e viviam em paz em seu reino. No entanto, uma poeira densa começou a se espalhar, fazendo com que muitos comessem a se estranhar. Numa bela noite, os seres místicos foram convocados para se reunir ao redor da Árvore da Sabedoria, uma árvore antiga que guardava muitos segredos. O sábio ancião da floresta, a Coruja Sábia, então começou a contar aos moradores, como o racismo e o preconceito começaram a se espalhar por toda a cidade como uma nuvem chuvosa de inverno e de que maneira isso prejudicava a todos.

A coruja, um ser de pele prata, penas brancas e olhos tão verdes que pareciam esmeraldas formosamente esculpidos, sugeriu que a educação era a chave para superar todos os problemas que a poeira trazia. Os seres místicos concordaram e decidiram criar a “Escola da Magia e Harmonia”. Nesta escola, os seres místicos aprenderiam a usar a magia para espalhar a educação, a valorizar as diferenças, compreender a história das injustiças e promover a igualdade. O Pegasus da floresta, de pele rosada, cabelos longos feitos em longas tranças, asas azuis celeste, que muitas vezes o fazia se disfarçar pelo céu azul e límpido, concordou em dar as aulas sobre magia da inclusão. Garuda, de pele dourada, roupas coloridas e olhos arredondados castanhos que mais pareciam avelãs, propôs a dar aulas de diversidade. O Basilisco, com pele esverdeada, cabelos grisalhos e óculos redondos de grau, ensinaria importância do respeito.

À medida que os seres místicos se educavam, o racismo, o preconceito e a diversidade se enfraqueceram. Eles começaram a ver além das aparências e a abraçar a diversidade como uma riqueza, o bosque voltou a ganhar vida, pois todos os seres místicos

compartilharam sua magia de cura educacional. A poeira que outrora pairava e cobria a pequena Northdale ia se dissipando à medida que os cidadãos se doavam uns aos outros, e um pelos outros. Com o tempo, o bosque das criaturas místicas se tornou um exemplo de diversidade. O racismo estrutural recuou e a luz da educação antirracista iluminou o caminho para um futuro de igualdade respeitando as diferenças. Os seres místicos aprenderam que, a união de uma sociedade, que há beleza nas diferenças, pois na vida nada é igual, e que, juntos, podem superar qualquer desafio, não importa quão misterioso ele possa parecer.



Educar para conscientizar

Ismande Souza de Jesus
Licenciatura Em Matemática
Campus Estrutural

Raízes tão fortes e enraizadas
cresceram e solidificaram
sobre o solo de uma nação
fundada pela exploração.

Desumanização do indivíduo
exploração desumanizada e opressiva
tiram do ser sua liberdade
e geram visão distorcida.

Almas tão fortes
luta de gerações
salvam milhares de almas da escravidão.

Luta histórica e atual
conscientizar e formar
indivíduo aptos para lutar.

Racismo estrutural

João Lucas Gomes de Moura
EMI - Técnico em Controle Ambiental
Campus Samambaia

Hoje, no mundo, vive-se em um cenário em que o racismo estrutural é uma das principais questões discutidas, tanto por profissionais da educação, quanto por influenciadores em redes sociais. Tendo em vista a relevância desse assunto, convém aprofundar o debate, observando os seguintes pontos: a educação antirracista e a importância da divulgação de obras de origem negra.

Inicialmente, é válido discutir sobre a educação antirracista nas escolas e o papel fundamental que ela tem para a diminuição do preconceito. Observa-se que os alunos têm cada vez mais contato com esse tema em sala, muitas vezes envolvendo história, e o lado dos negros em acontecimentos históricos e nacionais, sendo por muitas vezes a voz dos oprimidos. Isso, de certa forma, é favorável para a empatia dos alunos em relação a essas figuras, como por exemplo: o líder da Balaiada em 1838 a 1841, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira. Logo, o investimento nesse tipo de educação é valioso para um ambiente social mais respeitável.

Além disso, a divulgação desse debate nas mídias sociais a fim de combater o racismo estrutural é de fato eficiente. Com ajuda de influenciadores, o tópico recebe ademais visibilidade e, conseqüentemente, mais relevância. Nesse sentido, o uso das redes sociais é extraordinário para a divulgação de obras de arte, obras literárias, audiovisuais de origem negra, as quais devem visar ao enriquecimento da cultura com pluralidade de vozes, já comentada sobre sua importância em “Precisamos romper com os silêncios.”, de Djamila Ribeiro e também a conscientização para os crimes de racismo, servindo como uma rede de divulgação além do jornal.

Conforme foi discutido, nota-se, por muitas vezes, a oposição de certos ideais advindos de conservadores, que negam a relevância desse tema e da visibilidade de crimes de racismo, diversas vezes sendo os responsáveis por realizar esse tipo de infração. A fim de contê-los, podemos ver a importância da divulgação e da conscientização, com em fazê-los se questionarem sobre seus ideais. Ademais, são importantes a persistência e a luta contra esse preconceito enraizado, de modo a nunca dar trégua, e a nunca desistir de um mundo melhor.

O racismo me machucou

Raica Senna Ribeiro
Curso Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em
Administração
Campus São Sebastião

O racismo me machucou

O racismo me fez perceber coisas sobre quem eu sou

Tais coisas que nunca me ensinaram na escola

Coisas com as quais tenho que lidar

Na escola eu era taxada como preta do cabelo ruim

Na escola eu era a preta do conhecimento ruim

Eu era a mulata que não ia chegar lugar nenhum

Era a preta que ninguém queria chegar perto de mim

No intervalo só me jogaram casca de banana

Falavam que era bacana

Me tratavam como uma estranha

A estranha que no fim era só uma criança

Meus professores nem ligavam pra mim

Pois achavam que eu era ruim

Nunca me davam a oportunidade de falar o que eu sabia

Nunca era ouvida, pois quem iria escutar uma preta sem família

Raças diferentes não serão injustiçadas por sua cor.

Letycia Camargo Zelaya
Curso Tecnologia em Sistemas para Internet
Campus Brasília

A educação tem papel fundamental e transformador na vida de todas as pessoas e, quando uma abordagem antirracista é incluída nos processos de ensino, pode ser de extrema importância para combater o racismo estrutural desde o início da formação educacional.

É preciso reconhecer que o racismo estrutural não é um problema isolado, trata-se de um problema persistente na sociedade. A minissérie “Olhos que condenam” conta a história de cinco jovens negros que foram acusados injustamente por um crime por causa de sua raça. Dessa forma, pode-se observar os problemas em não ter uma educação antirracista nos locais de ensino, visto que é necessário desconstruir preconceitos arraigados em nossa sociedade. Também, em 1989, a Lei nº 7.716, oficialmente, inseriu o racismo como crime, e, desde então, essa questão é combatida na sociedade. O combate ao racismo estrutural necessita de um esforço conjunto e não se limita apenas à área de educação.

Ademais, há quem diga que o racismo acabará se deixarmos de falar dele, mas a questão está em como abordamos esse assunto, visto que o passado não pode ser apagado, mas o futuro pode ser modificado, assim como vem acontecendo desde a época de 1888, data do fim da escravidão. Esta opção de abordar ou não o assunto está relacionada também à opinião das pessoas que correspondem a essas raças. Sendo assim passível de debates, não tratando como algo sobrenatural, visto que nem todos gostam ou acham adequado falar sobre.

Em suma, o combate contra o racismo é real. As escolas devem incluir a educação antirracista em suas temáticas, devem promover eventos, políticas públicas e fiscalização eficiente, a fim de extinguir o racismo. Dessa forma pessoas com raças diferentes não serão injustiçadas por sua cor.

Racismo estrutural e educação antirracista.

Maria Wergila Oliveira Bringel
Licenciatura em Matemática
Campus Estrutural

Embora seja difícil determinar o exato momento em que se deu início ao racismo estrutural e quanto ele foi prejudicial à dignidade da vida humana, essa prática vem ocorrendo desde séculos e esteve presente em muitos momentos históricos, que nos remetem a algumas das causas e motivos que contribuíram para a sua disseminação.

No século XVI, a escravidão transatlântica envolveu a captura e o comércio de milhões de africanos para serem escravizados nas plantações e na exploração de minério nas Américas. Tamanha a violência que sofriam, era comum que muitos desses africanos não completassem o percurso vivos. Os ditos donos dos africanos não distinguiam o que era ser humano e o que era ser mercadoria. Para eles, os africanos e as mercadorias eram tratados de igual modo. Existem documentos da época que provam esse fato.

No século XX, o *Apartheid* na África do Sul se estabeleceu segregando e discriminando população negra, negando-lhes direitos básicos e oportunidades. No século XXI, apesar dos avanços, o racismo estrutural persiste em diversas esferas sociais, como educação, emprego, justiça criminal e acesso a serviços básicos. Não precisamos ir muito longe para percebermos esse disparate, várias notícias que acompanham nosso dia a dia mostram o tempo todo tal infortúnio.

Essa ideologia racista foi desenvolvida e sustentada por vários fatores, entre eles a necessidade de mão de obra barata para a exploração colonial, a busca por lucros econômicos e a necessidade de justificar a dominação e a opressão. O racismo estrutural foi criado como uma forma de justificar a escravidão e a exploração, perpetuando a noção de que as pessoas negras eram inferiores e destinadas a servir aos brancos.

O racismo estrutural, com raízes na construção social de hierarquia racial, foi criado para justificar a escravidão, a colonização e a exploração de povos não brancos. Ideias essas perpetuadas por instituições e estruturas sociais que deixaram marcas profundas

dias de hoje. O racismo estrutural resulta em disparidades significativas em várias áreas da vida. As pessoas negras enfrentam maiores taxas de desemprego, menor acesso a serviços de qualidade, discriminação no sistema de justiça criminal e disparidades educacionais. Essas desigualdades perpetuam um ciclo de marginalização e privação de oportunidades.

Nos anos de 1950 a 1960, emergiram nos Estados Unidos movimentos pelos direitos civis da população negra, liderados por Martin Luther King Jr, em busca de igualdade racial e o fim da segregação. Nos anos de 1970 a 1990, surgiram também movimentos de independência e descolonização em países africanos, na luta contra o colonialismo, o domínio branco e a busca de autodeterminação e igualdade.

A educação também desempenha um papel importante dentro dessas lutas. Ela é fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária; quando reconhece as origens históricas do racismo e suas consequências. A educação ocupa papel de extrema importância, pois ela é um instrumento de mudança social que visa à destruição total dessas estruturas opressoras e incompatíveis com a dignidade da vida humana. A educação pode ser transformadora quando, além de outras formas, ela incluir currículos que abordem de forma precisa e não estereotipada a história e a cultura negra; promover ambientes escolares inclusivos; celebrar a valorização da diversidade; capacitar professores para combater o preconceito; garantir o acesso equitativo a recursos educacionais e oportunidades de aprendizado para todos os alunos, independentemente de sua origem étnica.

A colaboração da educação unida a políticas sociais é essencial para que ocorram avanços significativos no combate ao racismo estrutural. Hoje existem leis que protegem o direito à dignidade humana, porém todos precisam contribuir para que isso seja possível, dada certas estruturas.

Racismo estrutural e educação antirracista.

Miguel Alves da Silva
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Resiste um povo assolado pelo mal das indiferenças,
A pele negra traz consigo uma história acometida pela intolerância,
Construído em uma sociedade alienada, o racismo se propaga,
Impacta e corrói a harmonia da convivência social,
Segregação é algo que divide a sociedade e multiplica o ódio,
Maldade fomentada pela ignorância gera dor e sofrimento,
Olhos derramam lágrimas de dor em um solo arado por seus ancestrais.

Educando a geração atual contra o racismo, libertaremos a sociedade da iniquidade,
Silenciamento e subalternidade necessitam ser rompidos,
Tolerância é a base para chegarmos em uma paz social,
Reconhecendo a importância da cultura negra promovemos empoderamento,
Unidos em busca de harmonia e equidade caminhamos para o desenvolvimento,
Transformando o ódio e a incompreensão em amor alcançamos a conscientização,
Urgentemente, precisamos dar voz às culturas que foram silenciadas por séculos,
Respeitando as diferenças conectamos almas, respeitar é uma das maneiras de amar,
Alicerçados na equidade social a consciência humana irá despertar para um mundo mais justo,
Livres do ódio, da insensatez, da arrogância, alcançaremos dias melhores.

Racismo estrutural e educação antirracista.

Luiza de Jesus Matos
Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
Campus Brasília

A concepção do preconceito racial vem sendo vista como um avanço, pois amplia a ideia de que o racismo existe como um comportamento individual; ao abordarmos este assunto, poderemos ver os efeitos que são causados pelo modo de comportamento de cada instituição concedendo certos privilégios a um determinado grupo racial.

O racismo estrutural é uma forma persistente, porém sutil de discriminação que permanece até os dias de hoje, suas raízes históricas remotam aos períodos de colonização, escravidão e segregação racial e, embora a nossa sociedade tenha avançado ao longo de seus anos, ele ainda está enraizado em diversos aspectos atualmente, principalmente, na parte educacional.

A área educacional é considerada um dos pilares na transformação social e na destruição do racismo estrutural, entretanto o próprio sistema da educação reproduz os mesmos padrões da discriminação e de preconceito, para isso é importante que o ensino seja repensado, valorizando as diversidades e promovendo a igualdade de oportunidades. Como proposta, a educação antirracista busca desconstruir concepções preconceituosas oferecendo uma visão mais ampla do mundo, incluindo diversas contribuições e experiências, tendo no currículo a inclusão da diáspora histórica do mundo africano, promovendo assim um empoderamento dos estudantes negros, além de posicionar respeito independente de sua origem étnica.

O racismo estrutural, sendo um problema que ainda afeta nossa sociedade, intensifica as desigualdades e as injustiças, tornando-se um desafio que demanda engajamento de toda a sociedade. Assim, a educação antirracista surge como uma poderosa ferramenta por desafiar o sistema discriminatório para podermos construir um futuro de igualdade através da valorização, inclusão de conteúdos que contemplem a história cultural negra, assim como a formação de educadores comprometidos com a promoção de um

ambiente onde é possível criar um corpo social mais justo, respeitoso e igualitário para todos.

Para conseguirmos obter esse objetivo, é necessário um esforço coletivo do governo, das escolas, das instituições, dos professores, dos alunos e de todos os cidadãos, já que, somente através da conscientização, empatia e ações concretas, poderemos superar esse preconceito racial e avançar rumo a um futuro harmônico e justo independente de sua raça ou origem. A educação é a chave para a mudança e é fundamental utilizarmos isso de forma consciente para transformar nossa realidade.

Racismo estrutural e educação antirracista”, considerando a reflexão para a seguinte pergunta: Qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?

Geovana de Souza
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

O racismo estrutural é o termo usado para nomear o fato de que há sociedades estruturadas com base na discriminação que privilegia algumas raças ou etnias em detrimento das outras. Ele se manifesta de maneira sistemática e afeta diversas áreas da vida das pessoas negras, como o acesso à educação, à saúde e ao emprego.

Falar de racismo estrutural é lembrar das questões centrais que mantêm esse processo longo de desigualdade entre brancos e negros que se desdobra no genocídio e encarceramento em massa de pessoas negras, na pobreza e na violência nas escolas contra os negros.

De acordo com Nelson Mandela: "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo." Entretanto, para a implantação de uma educação antirracista, enfrentam-se desafios, como a resistência a mudanças, falta de conhecimento e conscientização sobre o assunto, além do impacto do racismo estrutural nas políticas e práticas educacionais.

A educação antirracista é fundamental para a construção de uma sociedade mais igualitária, respeitando-se também o direito à educação de qualidade a todos os indivíduos.

Papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural

Yasmin de Souza Silva
Ensino Médio Integrado ao Técnico em Meio Ambiente
Campus Estrutural

O compromisso educacional, no combate ao racismo estrutural, presente na sociedade em consequência do período escravocrata, põe fim ao mito da Democracia Racial, idealizado após a Lei Áurea, que revogou o período escravagista. A Lei pretendeu dissipar também as práticas racistas e combater o preconceito racial, visto que a miscigenação podia garantir uma relação equitativa entre os grupos étnicos. No entanto, é notório que esse preconceito persiste no contexto social, principalmente nos âmbitos escolares onde jovens e crianças vivenciam essa realidade.

Historicamente, nota-se que a escravidão ocasiona o preconceito e inferioriza o papel dos negros em uma sociedade colonial que fomenta uma mentalidade racista nos cidadãos. Desse modo, cabe analisar os fatores históricos responsáveis por potencializar os acontecimentos atuais. A ausência de negros e negras em cargos de lideranças em organizações do país mostra que o racismo estrutural atua em diversas dimensões e camadas. Ele estrutura a sociedade a partir da desvalorização e da restrição de oportunidades das pessoas negras à ascensão social.

No contexto atual, observa-se que a questão histórica reflete na banalização do racismo dentro das instituições escolares, o que contribui para um grande percentual de evasão escolar e violência social. A educação antirracista é essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa e menos violenta, bem como para o combate à exclusão escolar, garantindo o direito à educação e o desenvolvimento integral de todas e todos as/os estudantes. É bom lembrar que 76% das vítimas de homicídio no Brasil são negras (Atlas da Violência) e quase metade dos homens negros, de 19 a 24 anos, não concluíram o Ensino Médio (IBGE). A escola é o território que ativamente combate toda e qualquer expressão de racismo, reconhece e valoriza as várias contribuições passadas e atuais, em todas as áreas do conhecimento humano, de africanos e afro-brasileiros para o Brasil e o mundo.

Diante dessa problemática, conclui-se que o papel da educação, enquanto formadora de caráter, possui um papel fundamental na busca por meios de fazer com que alunos, professores, pais e a escola como um todo compreendam melhor sobre o assunto étnico-racial, visando conhecer as causas e as consequências sobre tudo que favorece o combate ao racismo, investindo em projetos e políticas públicas que abordem o período escravocrata como uma chaga presente na sociedade atual. Cabe aos governantes interpor medidas que visem a uma maior ascensão dessas pessoas, oportunizando acesso às universidades, para melhor qualificá-las, aumentando o sistema de cotas que trará uma maior percentual de pessoas negras no universo acadêmico.

Qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?

Luísa Giovana Almeida da Cruz
Curso técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio
Campus Estrutural

A educação antirracista desempenha um papel fundamental no combate ao racismo estrutural, uma vez que busca dismantlar as bases que sustentam essa forma de discriminação enraizada na nossa sociedade.

Em um país como o Brasil, onde persistem a herança da escravidão e as desigualdades sociais e raciais, esse tipo de educação é mais que uma necessidade, pois ela tem a capacidade de sensibilizar as pessoas desde cedo. Ao introduzir conteúdos que promovam a compreensão da história e da cultura de populações negras e de outras minorias étnicas, as escolas podem criar uma base sólida para o entendimento das questões raciais, isso ajuda a desenvolver empatia.

Nesse sentido a educação antirracista capacita os alunos a serem agentes de mudança, pois ela estimula a reflexão crítica, como o racismo se manifesta em várias esferas. Os estudantes aprendem a considerar discursos e comportamentos preconceituosos, assim como a importância de agir como aliados, criando uma cultura de rejeição do racismo e da discriminação.

Com a implantação disso, a educação ajuda na formação de lideranças negras em diversos campos, incluindo política, ciência, arte e negócios. Isso promove representatividade que é essencial para quebrar o ciclo de exclusão racial em posições de poder e influência, além de enfatizar a diversidade e a igualdade em suas práticas pedagógicas, desmontando estruturas que perpetuam o racismo e políticas discriminatórias.

Percebe-se que o papel desse tipo de ensino traz inúmeros benefícios, fazendo com que instituições educacionais possam criar ambientes mais inclusivos, onde todos se sintam valorizados e representados, independentemente de suas origens étnicas.

Qual o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?

Letícia Vitória Souza Nunes
Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio
Campus Estrutural

Conforme previsto na Lei Áurea de 1889, os negros estavam livres a partir daquele momento, porém não tinham nenhum tipo de auxílio para começarem a ter uma vida. Isso se perpetua nos dias atuais com a falta de uma educação antirracista, e com a dificuldade em saber como agir em situações que envolvam esse problema social.

Em primeiro plano, mostra-se a ausência de medidas governamentais para combater a defasagem de um ensino de qualidade, principalmente nesse aspecto de tanta relevância. Como previsto na Constituição Federativa do Brasil, todos têm direito a uma boa aprendizagem, entretanto não é o que realmente ocorre. Assim é de suma importância o Estado rever essa questão.

Além disso, a falta de informações sobre como agir tanto quando se sofre racismo, quanto quando se é uma testemunha do ocorrido, uma vez que ele é presente em vários cenários, por exemplo, discriminação por conta da cor da pele, racismo estrutural e até pelo lugar no qual uma pessoa reside. Consoante a isso, dados do IBGE mostram que cerca de 70% da população já sofreu dessa questão, evidenciando a urgência para uma mudança nesse cenário.

Convém, portanto, ao Governo, em parceria com o ministério da Educação, elaborar uma estratégia na qual reforça um ensino antirracista nas unidades de ensino, por meio de matérias específicas a respeito do assunto. Dessa maneira, o Estado promoverá mais empatia e respeito, pois assegurar o bem-estar da população é garantir a ordem e progresso da nação.

O Racismo estrutural – e a importância da educação antirracista no Brasil.

Isabella Alves Gama
Técnico em Segurança do Trabalho (TST)
Campus Ceilândia

A definição do racismo estrutural é de fato a organização e estrutura interna e externa da sociedade, em que uma cor de pele ou etnia é desprivilegiada em favor de outra que, ao contrário, ganha mais influência e privilégios, é o poder de um indivíduo ou grupo de uma raça sobre outra. Age principalmente, na economia, na educação, na regionalidade, saúde, em empresas, no salário, na renda. Isso move o país a uma estrutura racista, essa estrutura é também causada pela desigualdade social do país. Dados do IBGE mostram que mais de 70% da população em situação de pobreza é negra, através desse exemplo é possível perceber como age o racismo estrutural.

Mesmo após a conquista da liberdade do escravismo, africanos e afrodescendentes foram submetidos a viverem sem seus direitos, foi como conquistar liberdade e não o direito à cidadania, e isso só tornou a luta mais intensa. Houve muitas conquistas, porém o racismo continua enraizado no nosso país e ainda há vestígios dele.

O racismo constitucional age nos governos, em hospitais, em escolas, empresas, onde não há um tratamento eficaz para tratar esses espaços vagos que são preenchidos pelo racismo, isso só faz com que piadinhas, práticas e violência racistas ganhem mais força na estrutura social.

Vivemos com essas práticas em nossa sociedade, em todos os lugares, no nosso cotidiano, por isso é importante a implementação do antirracismo em tais instituições, é preciso ir além de frases soltas, é preciso ser aplicado um posicionamento contra os vestígios e o dito “comum” da sociedade.

Existe, sim, infelizmente, um poder que sempre está à frente da sociedade, a “supremacia branca” – segundo Silvio Almeida – que diminui a representação de pessoas negras em instituições, e causa assim um despache delas, o que é fundamental, pois as instituições representam o país, e com pessoas negras, além de brancas, levará a discussão de pautas sociais envolvendo essa desigualdade racial e de gênero.

A Importância de Uma Educação Antirracista

A educação transforma vidas e é através dela que devemos aplicar o antirracismo. Infelizmente, a educação também é afetada nesse meio social, pois principalmente crianças e adolescentes negros ficam numa posição desprivilegiada na sociedade, nisso podemos tocar no fator de cotas raciais, que muitas vezes são confundidas como “esmola”, mas é um jeito justo de envolver igualmente pessoas negras e indígenas em instituições de educação, universidades e escolas, pois a maioria das vagas sempre foram conquistadas por pessoas brancas. Isso é causado pelo racismo estrutural.

Assim, é importante promover uma discussão em salas de aula, ir mais profundo que comentários “rasos” sobre o assunto. A educação forma milhares de cidadãos em todo o mundo, então fazer com que ela aplique um sistema antirracista é algo que trará grande impacto positivo na sociedade, abordando o que o racismo faz na vida de milhares de pessoas. Desenvolver um acervo da história, além do escravismo, mas também das conquistas e lutas, é importante, e tornar esse acervo de conhecimento mais acessível a todo corpo social, porque dará visibilidade à cultura indígena e africana, que trouxe até aqui muitos descendentes. Então isso fará que não só o “presente” seja transformado, mas também o futuro, pois a educação é como um vírus que se espalha positivamente, gerando conhecimento novo que alimenta lutas e forma novos agentes políticos em prol do movimento negro e a luta de mulheres negras por uma sociedade mais justa.

Racismo estrutural e educação antirracista
Qual é o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural?

Larissa Ribeiro da Silva
Ensino Médio Integrado ao Técnico em Meio Ambiente
Campus Estrutural

A educação antirracista desempenha um papel fundamental no combate ao racismo estrutural, pois busca desconstruir preconceitos enraizados e promover a igualdade racial. Por meio de uma abordagem inclusiva e conscientizadora, essa educação busca transformar a mente e construir uma sociedade mais justa para todos.

Ao promover a inclusão de temas como história e cultura afrodescendente nos currículos escolares, contribui-se para a valorização da diversidade e para o combate ao racismo estrutural. Ao fornecer conhecimento que vai além dos estereótipos e preconceitos, essa abordagem educacional capacita os alunos a reconhecerem as desigualdades raciais existentes e a se tornarem agentes de mudança na sociedade.

Além disso, a educação antirracista desempenha um papel fundamental ao estimular o diálogo e a reflexão crítica sobre questões raciais. Por meio de debates, projetos e atividades que promovam a empatia e a conscientização, os estudantes são encorajados a questionar seus próprios privilégios, desconstruir estereótipos e promover a igualdade racial. Dessa forma, a educação antirracista cria espaços seguros para discussões importantes, fortalecendo a luta contra o racismo estrutural.

Em síntese, a educação antirracista desempenha um papel crucial no combate ao racismo estrutural, pois atua tanto na desconstrução de preconceitos enraizados como na formação de uma consciência crítica e inclusiva. Ao promover a valorização da diversidade, o diálogo e a reflexão, essa abordagem educacional capacita os indivíduos a se tornarem agentes de transformação social. Somente por meio de uma educação antirracista é possível construir uma sociedade mais justa, igualitária e livre de discriminação racial.

Respeitar e amar

Vitória Maria Sousa Monte
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

As pessoas negras foram vendidas
As pessoas negras foram invadidas
As pessoas negras foram escravizadas
As pessoas negras ainda são desvalorizadas
As pessoas negras ainda são silenciadas.

Mesmo sendo os brancos os atrasados
Os pretos sempre têm os seus sonhos limitados.
Para que isso acabe
As pessoas precisam ser ensinadas
De que o racismo não acontece por nada.

É preciso ter consciência
De que o racismo é desumano
O sistema social é tirano
A sociedade é insana
E a escola, além de educar,
Também precisa amar e respeitar.

Túlio: uma história de conscientização

Aevillyn Ester Pereira da Silva
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio.
Campus São Sebastião

São Sebastião, 30 de agosto de 2023, 09h00 quarta-feira.

- Olha lá, vamos comer a comida do *habitat* do Túlio!!! - diz Pedro rindo jogando uma casca de banana em Túlio.

- Seu sem graça, eu vou contar para a tia. - Túlio responde com lágrimas nos pequenos olhinhos.

- Sua mãe não te ensinou que não pode falar isso com os amiguinhos, Pedro!

- Ah, para Lara, foi só uma brincadeira.

Pedro se emburrou saindo da fila da cantina.

São Sebastião, 31 de agosto de 2023, 07h00 sexta-feira.

Após o ocorrido chegar no ouvido dos professores, decidiram que seria a melhor hora para abordar um assunto tão importante como aquele, para que as crianças entendessem que aquela não foi uma boa brincadeira da parte de Pedro e para que não se transformasse em ofensas cada vez maiores.

- Estou indo, vizinha. - Túlio gritou para que sua avó escutasse, mandando um beijo.

- Vá com Deus, meu menino, boa aula - A senhora diz para o pequeno, que corria para dentro da escolinha.

- Bom dia, Túlio.

- Bom dia, tia.

- Na aula de hoje, assistiremos a um filme. Vamos tentar prestar atenção nas cenas com os olhinhos bem atentos, tudo bem?

- SIM! - as crianças disseram todas em conjunto.

O filme tratava de uma “menina com cabelos de Brasil”, além de um desenho, que abordava um tema muito importante, o racismo entre povos e etnias. A professora não esperava que as crianças entendessem logo de cara tudo que se abordava no filme, o objetivo era começar introduzindo esse tema em suas cabecinhas.

- Tia, por que eles tratavam tão mal o Brasil, por que o cabelo dela era azul?

- Isso, vamos começar com as perguntas. Alguém aqui já ouviu falar sobre racismo?

- Sim, tia, minha mamãe diz que isso é coisa de gente “mimimi”.

- Não tem nada a ver, Vitória, é quando alguém não gosta de outro alguém por causa da cor, não é tia?

- Mais ou menos, Larinha. Às vezes, nós somos ensinados a não gostar de pessoas diferentes da gente, quando alguém não gosta ou faz *bullying* com outra pessoa por causa da cor de pele mais escura, é chamado de racismo. Tentou explicar da forma mais rasa possível para todas as crianças entenderem. - É quando alguém faz comentários em tom de piada sobre o cabelo, determinadas roupas ou comparações com animais, por exemplo, também é chamado de racismo, e quando alguém faz esses comentários está cometendo um crime.

- Crime igual de ladrão, tia?

- Pode- se dizer que mais ou menos.

- Então, ontem, quando o Pedro chamou o Túlio de macaco, ele estava cometendo um crime, tia?

- Cala a boca, seu mentirosa, eu não chamei ele de macaco!

- Tudo bem, crianças, Pedro cometeu um erro e hoje nós combinamos uma coisa, certo, Pedro?

- Sim. Pedro respondeu se levantando meio tímido - Desculpa Túlio, eu não fiz para te ofender, eu pensei que estava sendo legal igual a meus pais falando aquilo, e eu prometo “de dedinho” que nunca mais vou falar essas coisas. A tia me ensinou que não é certo, e eu não quero fazer coisa errada.

- Tá bom, eu te desculpo. Túlio sorriu abraçando o garotinho que o esperava de braços abertos.

- Parabéns, crianças, foi corajoso por aprender, Pedro.

Ninguém nasce racista, isso é ensinado a elas, assim como pode ser ensinado e educado a ser antirracista.



O meu grande desejo

Bianca Menezes de Souza
Ensino Médio Integrado em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
Campus São Sebastião

Eu desejo que nós possamos andar em multidão sem medo
Sem medo de pensar
que logo teremos de fazer um remendo
Não um remendo qualquer
Mas um que em nossas almas, não fique doendo.

Eu não entendo...
Por que todo esse temor?
Esse temor de nos ver como sofredor
Não somos todos humanos, independente da cor?

O respeito é o que eu desejo
A atenção, mas sem segredo
Realizados com muito zelo.

Eu desejo que mudemos esse eixo
Esse eixo que possa em algum dia ser um bom enredo.
Esse é meu Grande Desejo.

O Legado da árvore da igualdade

Mikaeli Dias das Neves
Engenharia de Software
Campus Brasília

Havia uma pequena cidade chamada Harmonia, onde existiam classes de acordo com as origens e as cores de pele das pessoas. Sob a superfície aparentemente tranquila, o racismo estrutural ainda persistia. As escolas da cidade, embora bem-intencionadas, não abordavam adequadamente a questão do racismo. As principais classes que eram predominantes eram:

- Classe Paleta da Humanidade, em que a civilização era destacada pela diversidade de cores de uma paleta, sendo: análogas, complementares, monocromáticas e triádicas.
- Classe Arco-Íris de Tons, essa civilização tinha uma ampla variedade de cores, semelhante a um arco-íris (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, azul marinho e violeta).
- Classe Gradiente Espacial, a qual possui duas tonalidades de cores sobrepostas, dependendo de sua herança familiar ou nascimento, poderia ser cores mais quentes ou frias.
- Pigmentos Globais, cuja civilização é conhecida por ser rara, constituía de tons que não eram tão vistos pelo mundo.
- Pintura do Fruto Seco, em que existiam pessoas de tons café, amêndoa, caramelo, cacau, mel, avelã.

Nesse cenário, vivia uma professora chamada Clara, que estava determinada a fazer a diferença. Ela acreditava firmemente no poder da educação antirracista para quebrar as classes estruturais predominantes. Clara decidiu iniciar um projeto especial em sua escola, que ela chamou de "A Árvore da Igualdade".

A Árvore da Igualdade era um carvalho majestoso que ficava no pátio da escola. Clara o escolheu como símbolo de força, crescimento e resiliência. Ela convocou seus alunos de diferentes tipos de classes para se juntarem a ela na plantação de mudas de carvalho ao redor da escola, simbolizando o crescimento de uma comunidade mais igualitária.

A cada semana, Clara e seus alunos se reuniam debaixo da sombra da Árvore da Igualdade para discutir questões de racismo, preconceito e discriminação. Eles leram livros que destacavam a diversidade e a possibilidade de igualdade das cores, ouviram histórias de pessoas que lutaram contra o racismo e aprenderam sobre a história das lutas pelos direitos civis.

À medida que o tempo passava, a influência da Árvore da Igualdade se espalhou pela escola. Outros professores começaram a adotar métodos de ensino antirracistas e os alunos começaram a ver o mundo sob uma nova perspectiva em que em um futuro promissor não haveria hierarquia de classes. Eles aprenderam a ser aliados uns dos outros, a reconhecerem seus preconceitos inconscientes e a trabalharem juntos para construir um ambiente mais inclusivo.

A transformação não se limitou apenas à escola. À medida que os alunos compartilhavam o que estavam aprendendo com suas famílias, a cidade de Harmonia começou a mudar. Conforme mais pessoas adotavam uma mentalidade antirracista, o racismo estrutural que, antes parecia intransponível, começou a enfraquecer.

O projeto da Árvore da Igualdade se tornou um símbolo de esperança e progresso.

Clara e seus alunos provaram que a educação antirracista era fundamental para combater o racismo estrutural. À medida que as novas gerações cresceram com uma compreensão mais profunda da igualdade e da justiça, a cidade de Harmonia se transformou em um lugar verdadeiramente harmonioso.

Essa história inspiradora destaca a importância da educação antirracista como uma ferramenta poderosa no combate ao racismo estrutural, mostrando como a mudança começa nas salas de aula e se espalha para além delas. Ela nos lembra que cada um de nós tem o potencial de ser um agente de mudança na luta por um mundo mais justo e igualitário.

Superado o racismo por meio da educação: a importância do ensino antirracista

Isadora Carvalho Oliveira
Licenciatura em Física
Campus Taguatinga

O racismo é um problema que está enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas de uma sociedade. É um sistema de injustiça que perpetua a desigualdade e a discriminação com base na cor da pele. Para o combate efetivo ao racismo estrutural, é necessário adotar abordagens antirracistas na educação.

Uma educação antirracista desempenha um papel crucial no combate ao racismo estrutural, pois tem como objetivo principal promover a igualdade e o respeito à diversidade, visto que ela tenta desconstruir estereótipos raciais e fornecer aos estudantes uma compreensão crítica das relações de poder que existem na sociedade.

Uma educação antirracista visa, especialmente, à mudança de mentalidades e à promoção da consciência de que o racismo é uma questão estrutural e não apenas um problema individual. Isso significa ensinamento aos alunos sobre os mitos criados em torno de raças e etnias, desmistificando-os, incentivando-os a ter uma reflexão crítica.

Além disso, a educação antirracista deve garantir a inclusão de todas as vozes e perspectivas, valorizando a história, a cultura e as conquistas de grupos étnicos que estão à margem. Isso pode ser feito por meio da inclusão de conteúdos que reflitam sobre a diversidade étnico-raciais em todos os aspectos do currículo escolar, desde a literatura até a história e as ciências.

A educação antirracista também é fundamental na formação de professores. Eles devem estar preparados para identificar e combater as atitudes e os comportamentos racistas em sala de aula, além de promover espaços de diálogo e respeito à diversidade. Os educadores têm a responsabilidade de criar um ambiente acolhedor, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados.

Por fim, a educação antirracista deve estar conectada com o contexto social e proporcionar oportunidades para os estudantes se envolverem na luta pela igualdade social, isso pode incluir projetos de impacto social, debates sobre questões raciais entre alunos de diferentes origens- étnicas.

Em suma, o papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural é enorme. Somente por meio de uma educação que promova a igualdade, a consciência crítica e a valorização da sociedade étnico-racial, é possível criar uma sociedade mais justa e igualitária onde todas as pessoas possam ter as mesmas oportunidades, independente da cor da sua pele.

O Plano Nacional de Educação, que fala claramente sobre o combate contra o racismo, estabelece uma educação de qualidade em todas as etapas do ensino, garantindo que todos tenham nos currículos escolares aulas de história com as culturas afro-brasileira e indígenas que foram implementadas conforme está na lei.

Conclui-se que educação antirracista desempenha um papel de grande importância na luta contra o racismo estrutural. Para que isso aconteça, os currículos escolares devem ter em sua grade horária matérias específicas para que os alunos reflitam sobre a educação antirracista e promovam debates de diversos assuntos como racismo, homofobia entre outros.

Portanto, a educação antirracista estimula uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam o acesso às oportunidades educacionais, empregos e serviços públicos. Ela capacita os estudantes a identificar e a combater os mecanismos de exclusão e discriminação presentes em suas realidades. Que a luta contra o racismo estrutural não seja apenas responsabilidade de um cidadão negro ou de um grupo minoritário, mas de toda uma sociedade. A educação antirracista é uma ferramenta poderosa para combater o racismo estrutural, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Educação antirracista: o remédio para o racismo estrutural

Adna de Oliveira Queiroz
Técnico Integrado em Alimentos
Campus - Gama

A série “Olhos que Condenam”, da Netflix, conta a história de jovens negros que foram acusados de estupro e passaram a maior parte de suas vidas presos injustamente, sofrendo as consequências de um ato que não cometeram. Esse é apenas um exemplo do preconceito enraizado nas mentes das pessoas de sociedades e países que usaram o negro como mão-de-obra escrava no período colonial. Essa cultura escravocrata se perpetuou, causando muitos prejuízos, até hoje, aos descendentes das pessoas escravizadas. Assim sendo, o racismo ocorre de forma explícita e de forma velada, em que o racista não se identifica ou assume ser um agressor. Esse racismo velado e estrutural pode chegar ao fim com métodos e estratégias educacionais antirracista nas escolas.

Segundo o Senado Federal, Agência Senado, no Brasil, ser negro significa ser mais pobre, ter menos escolaridade, receber menor salário, ter menos oportunidades de qualificação profissional, ser rejeitado pelo mercado de trabalho e ter menos oportunidades de ascensão profissional e social. Enquanto 55% da população brasileira é negra, apenas 9% dos juízes do tribunal superior são negros, já na população carcerária, 64% são negros. Nesse sentido, nota-se que o negro sofre um racismo que parte da estrutura do sistema da sociedade brasileira, ou seja, ele é tratado como inferior por causa da ideia formada do que é ser negro no Brasil, não importando quão erudito ou possuidor de bens ele seja. Ademais, esse preconceito cultivado por séculos não é reconhecido por parte dos brancos, que até dizem que o Brasil é um país onde não há racismo. Logo, se não há diagnóstico de problema algum, não há o que se mudar, não há necessidade de agir em relação a isso.

Para resolver esse problema do racismo estrutural, faz-se necessária a proposta de um currículo educacional antirracista. Pois, se há o diagnóstico do racismo estrutural no Brasil, logo deve haver um remédio para curá-lo. E esse remédio é um sistema educacional antirracista. À vista disso, a educação antirracista tem suma importância no desenvolvimento do pensamento das crianças e jovens das próximas gerações, pois

incentiva e fortalece a ideologia de que não deve haver distinção ou preconceito algum baseado na etnia e origem da pessoa.

Esse ensino é fundamental e urge ser aplicado nas escolas como matéria essencial, pois a escola é um ambiente onde a criança passa grande parte da vida, retendo o aprendizado principal de lá.

Quando se introduz uma matéria com o objetivo de fazer o indivíduo ter um pensamento diferente das gerações passadas, cria-se um novo hábito, um novo pensamento a respeito do ser humano, um remédio que, gradativamente, conforme as gerações passam, cura!

É fundamental entender que o racismo no Brasil é estrutural por conta dos quase 400 anos de escravidão envolvidos em um país que é reconhecido como independente há apenas 500 anos. A escravidão de pessoas negras construiu grande parte da riqueza, da cultura e da história do Brasil e, com o ensino antirracista, será possível mudar esse estigma do negro escravizado. Muitos são os prejuízos do racismo para o Brasil com a perda de capital humano plenamente capaz de levar o País para o desenvolvimento e a riqueza. Portanto, faz-se necessário incluir a população negra no mundo do conhecimento, da tecnologia e da educação!

Logo, para que o racismo estrutural seja resolvido, é de responsabilidade da sociedade civil, do Estado e das empresas fazer investimentos em capacitação dos professores para mudar sua mentalidade e mudar a realidade nas escolas do país, ensinando a desmistificação do negro e retirando o racismo estrutural por meio de ensino antirracista nas escolas, adicionando esse conteúdo às disciplinas do ensino fundamental e médio, visando à mudança na sociedade e levando a população negra a ter mais visibilidade por meio de reportagens e propagandas na televisão. Somente assim o racismo estrutural será resolvido no Brasil e será possível ter, daqui a alguns anos, uma sociedade mais igualitária e representativa desvinculada do racismo que tanto assola atualmente.

Marcionila, cuidado com a arma!

Clara Ramos Silva
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Minas Gerais, cinco e vinte da tarde, após um belo banho para aguentar o calor escaldante, brincando na grande árvore do jardim de casa, esperando a hora da missa.

-Marcionila, venha! Deixe-me arrumar sua bucha, seu pai já está ficando estressado.

Ouçõ a voz da minha mãe e já sinto um arrepio percorrer pela minha espinha, ao lembrar que meus cabelos ela vai pentear.

- Estou indo!

Grito do alto da árvore de acerola, enchendo a mão da fruta azeda e indo em passos rápidos, mas receosos em direção à casa cinza.

Vendo-a já com a arma em mãos, vou em sua direção, sendo puxada pelo braço e sentando no sofá duro de madeira.

- Esse cabelo sempre ruim, não sei mais o que eu faço com ele não, sô. só cortando para resolver isso.

Disse ela desistindo da tortura e amarrando ele. Meu cabelo não era tão ruim, porém era o pior da família, já que minhas irmãs tiveram a honra de Deus de nascerem lisas, porém só não tão lindas por serem escurinhas.

Todos os dias, na missa, era um lugar de adoração a Deus, mas parece que as brancas adoravam mais era dar soluções de como me melhorar, como me deixar branquinha e lisinha, para eu, quando crescer, arrumar um namorado branco, que não precise trabalhar em um bar como o meu, e eu conseguir ser a dona de casa que cuida bem dos filhos e lava bem uma roupa suja de terra do bruto que tiver em casa.

Se eu achava a igreja uma tortura pelas brancas, o que dirá da escola, que eu tinha que atravessar rios para chegar, e ainda ser zoada às 6 da manhã, de pobre e preta, e quanto os dois combinavam quando eram desferidos. Uma vez a professora de português, em sala

de aula, fez a comparação dos dois, com uma ideia de que combinavam, e o pior, é que não era mentira e, depois disso, essa simples – ou não tão simples – combinação virou algo de grande risos na sala de aula.

—Já vi de tudo! Cinderela, e agora nós temos a pré-pobre e mais risadas, da parte de todos, e eu e minhas irmãs sem reações, mas os olhos diziam nossa frustração.

E a tortura se estendeu até onde me entendo por gente. Parecia que todo dia era um pesadelo, era uma rotina cansativa, doída, acordar cedo, ouvir humilhações, arrumar toda a casa com a mamãe, fazer tapete com restos para vender e ter algum dinheirinho, tomar banho e banhar os menores, ser torturada pela escova, ir para a missa, escutar verdades, chegar em casa comer e dormir.

E vivi isso até em minha adolescência, vida adulta e agora, finalmente não tanto, tendo meus 76 anos, casada com um homem branco dos olhos azuis e, graças ao bom pai, não dando às minhas filhas a minha tintura, sendo todas branquinhas, e os homens apenas um com a tal.

Na pobreza ainda, mas tentando de tudo para dar a eles a melhor vida, hoje, eles têm seus 40 a 50 anos, vividos, casados, e eu? Sem o meu esposo, já falecido, em uma casinha que meus filhos fizeram, vivendo do pouco, mas apenas com os brancos.

E, mesmo depois de tantos anos de vida, acho que hoje eu entendo tudo que passei nas mãos de todos, afinal essa cor é feia mesmo; não suporto nem um pouco, mas meus netos vivem a brigar comigo para não ser assim, mas como arrancar minhas raízes? Minhas vivências? Tudo que passei? Impossível, então viverei da forma que fui ensinada, e agora com poucos cabelos brancos, sentada no banco de madeira, com a minha netinha com a arma em mãos, o cabelo molhado e o creme de qualidade nas mãos, vendo-a com toda delicadeza pentear meus cabelos ruins, mas dizendo que são lindos e que foi isso que fez o vovô se apaixonar por mim: a minha “beleza” preta, a qual não acredito que exista.

- Vovó, seus cabelos são lindos, uai, quíe ocê tem que parar de falar isso! Diz a neta querida ao colocar a tiarinha infantil colorida, com os olhos brilhando. Será que é o que ela pensa de mim mesmo?

- Mãe, o almoço tá pronto! Eita, que muié bonita é essa? Tem dó gente, minha neguinha linda.

-Viu, eu disse, vovó! ocê tá um pitelzin!

Foi nessa hora que agradei a Deus, recebendo um abraço coletivo de todos, depois indo à mesa do almoço, no domingo quente, vendo todos da ponta da mesa e as crianças no chão com seus pratinhos. E, naquela hora, mesmo depois de tanto tempo, vi que era linda minha cor, assim como o meu filho negro e seus filhos, todos lindos e abençoados. Melhor tarde do que nunca.

Papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural

Ester Andrade Sousa
Técnico em Meio Ambiente
Campus Estrutural

O racismo estrutural é um dos mais profundos e persistentes desafios que a sociedade enfrenta atualmente. Enraizado nas instituições e sistemas que moldam a população, ele perpetua a desigualdade social de maneira insidiosa. Nesse contexto, a educação antirracista emerge como uma ferramenta essencial na desconstrução do racismo estrutural e na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Sob essa ótica, a educação antirracista desempenha um papel central na desconstrução do racismo. A filósofa e teórica contemporânea, Hannah Arendt, afirma que quando uma atitude agressiva é repetidamente exibida, as pessoas tendem a se acostumar com ela e deixam de percebê-la como uma conduta inaceitável. Uma vez que é inaceitável o preconceito presente na sociedade de hoje. Dessa forma, a educação antirracista expõe os alunos a uma perspectiva mais completa e precisa capacitando-os a analisar criticamente ações e políticas, contribuindo para a justiça social.

Ademais, a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária é outro papel fundamental da educação antirracista. A filósofa, professora, escritora e ativista socialista estadunidense, Angela Davis, citou que em uma sociedade marcada pelo racismo, não é suficiente simplesmente reproduzir atitudes racistas; é fundamental ativamente adotar postura antirracista. Evidenciando a importância da participação da sociedade na luta contra o racismo. Por meio da educação antirracista, os alunos podem se sentir encorajados e dispostos a lutar por uma sociedade mais justa para todos.

Em síntese, a educação antirracista desempenha papel crucial no combate ao racismo, ao capacitar as pessoas na luta contra o racismo estrutural. É a chave para um futuro em que a igualdade de oportunidades e de direitos prevaleça para todos.

Papel de uma educação antirracista no combate ao racismo estrutural

Thauany Brito Costa
Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração
Campus São Sebastião

Desde a infância, ouve-se falar que o racismo existe, mas nunca se sabe, de fato, o que é o racismo, no Fundamental I e II, muito menos se sabe do impacto que isso tem na vida da grande maioria e infelizmente na vida das pessoas na sociedade.

O racismo estrutural é uma discriminação social e um preconceito que estão enraizados na sociedade há séculos e a prova disso é a geração de agora. Para existir uma educação antirracista, é preciso começar dentro de casa com os pais ensinando sobre a história dos negros do passado e, mais do que isso, sobre a valorização dessa negritude; então, podendo, assim, passar adiante para a escola do fundamental, é impossível seguir em frente, visualizar o futuro sem ver antes o passado, o passado ficou para trás, mas ainda temos muito o que aprender com ele, principalmente quando se trata dos erros.

Desde o Fundamental I, eu sou vítima de racismo, mas não sabia. Creio que as outras crianças que cometem tal ato também não saibam. No Ensino Médio, não é muito diferente, mas agora é consciente, as pessoas escondem, camuflam o racismo por detrás de "brincadeiras", chamando os outros de macaco e entre outros nomes horríveis. Essas piadas maldosas induzem os outros a serem e falarem de forma extremamente racista. O pior de tudo isso é que grande parte dos que fazem essas brincadeiras são os próprios jovens negros. Querem sempre nos encaixar dentro dos padrões da sociedade, tendo cabelo liso, corpão e nos tornar brancas, fazendo o cabelo cacheado ser chamado de cabelo duro, bombril, pixaim, ruim. Quando uma pessoa negra tenta se encaixar nos padrões as pessoas dizem que elas querem ser aquilo que nunca poderão ser; mas ainda existe algo pior: que é quando nos aceitamos como somos e alguém diz "você nem é tão preto assim", ou seja, estão tentando desvalorizar a negritude sempre, fazendo não termos lugar nenhum de pertencimento.

Talvez, os maiores colaboradores para o racismo são os próprios pretos, pois perderam suas identidades, esqueceram de quem são e de suas raízes, muitas vezes nem sabem de suas verdadeiras raízes. Para o racismo acabar, será preciso uma grande reconstrução do passado e do reflexo dele que é o presente, vamos ter que ir à estaca 0, desintoxicar a mente das pessoas e ver que somos iguais, somos acometidos de doenças iguais, apesar de diferentes etnias, raças, culturas e religiões, somos todos iguais. Precisamos fazer uma decolonização, isso já passou há muitos anos, já é hora de negros e brancos terem uma oportunidade de trabalho igual, condições iguais, é terrível ver que em pleno século 21 ainda existe racismo.

Racismo estrutural e educação antirracista no contexto brasileiro

Ismande Souza de Jesus
Licenciatura Em Matemática
Campus Estrutural

Somos uma nação fundada em um processo econômico que teve como um dos fundamentos a geração de mão de obra por meio de um processo escravagista. Como tal processo consiste em fazer do escravo menos que um indivíduo, apenas um objeto de uso exploratório, é vital para o processo de desumanização que a pessoa que foi escravizada não consiga formar nem manter vínculos sociais e culturais que lhe dê autonomia ou humanidade.

O resultado, na realidade atual, é que o cidadão tem acesso a elementos culturais e sociais de nossas raízes africanas, mas não tem acesso ao contexto histórico e social que lhe deu origem. Nosso legado se tornou diluído; a reunião de elementos esparsos, sobreviventes de uma tentativa racional de supressão, misturados com a cultura do explorador e outros elementos locais.

A pesquisa e o trabalho de nossos pesquisadores e cientistas sociais têm contribuído para a restauração de muita informação sobre nossa origem que o senso comum julga perdida. O progresso já é evidência clara da importância do apoio à pesquisa e à produção científica em nosso país. Temos, no currículo de ensino médio, mais da cultura e história africana, matéria totalmente ausente durante alguns períodos da educação brasileira. É um exemplo concreto de combate ao racismo por meio da educação, dando aos alunos informações que são vitais para a formação de sua noção de cidadania e acesso a um legado que foi sistematicamente posto de lado.

Ainda sobre o prisma cultural, é realidade comum o preconceito com toda forma de cultura que seja ou lembre nossas raízes africanas. A cultura europeia foi implantada com objetivo de ser acessível apenas a uma elite, o desprezo por tudo que não fosse europeu persiste até nas camadas mais baixas da sociedade. Um exemplo é a intolerância com as pessoas de religiões de matrizes africanas.

Tal intolerância, infelizmente, até nos dias atuais ainda desencadeia atos de violência. É importante que haja uma educação que alerte o indivíduo sobre os perigos da alienação e do fanatismo. Não se trata de negar a religião ou qualquer manifestação religiosa, elemento presente em qualquer civilização, mas conscientizar sobre nossa responsabilidade de não permitir que cresçam nos ambientes religiosos ideias antissociais e intolerantes com as minorias. É uma responsabilidade de cada membro de uma comunidade religiosa não permitir que sua religião seja distorcida e direcionada para pensamentos que vão contra elementos básicos da ética e da vida em sociedade. Devemos sempre lembrar às pessoas que a segurança dos ambientes religiosos vem justamente da existência de um estado laico que promove e defende a liberdade religiosa.

Em um país em que as desigualdades sociais são tão evidentes, é importante educar sobre a importância de políticas econômicas que assegurem ao indivíduo condições mínimas de dignidade. Embora em um primeiro momento pareça não existir uma relação direta com o racismo, é preciso entender que o contexto de uma população negra marginalizada tem questões econômicas envolvidas. Pensemos na realidade da população negra que vive em regiões de periferia: vivem problemas que impedem uma vida digna, estão sujeitos a empregos em condições exaustivas e estão mais sujeitos à violência, tanto por meio da criminalidade quanto do uso equivocado do poder de polícia. Evoluímos para que a estratégia de igualdade por meio de ações afirmativas avance, ainda existe certa dificuldade para que essas ações cheguem às pessoas de classes mais baixas.

Mesmo com medidas já consolidadas, ainda existem desafios a serem vencidos. Nosso sistema de cotas auxilia o ingresso na universidade, mas não garante a conclusão do curso superior. Os desafios para o discente vêm desde uma preparação educacional ineficiente nos anos anteriores até dificuldades econômicas que geram demandas difíceis de serem conciliadas com as demandas da universidade. Conscientizar é peça indispensável para o desenvolvimento de uma educação que combata a estrutura social enraizada que inviabiliza a liberdade e a cidadania e o acesso ao conhecimento.

Em nossa Carta Magna, temos como objetivo fundamental a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O processo requer uma educação ativa que forme o cidadão. O objetivo é formar indivíduos que saibam de sua responsabilidade individual e coletiva contra ideias e ações que levem a retrocessos e que ameacem todas as conquistas que conseguimos através da luta de nossos antecessores

Educação antirracista contra o racismo estrutural

Mário Lustosa Fonseca Santos
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Em um mundo onde as marcas do racismo são visíveis e persistentes, emerge a necessidade de uma educação antirracista como ferramenta primordial no combate ao racismo estrutural. Mais do que transmitir conhecimentos, a educação antirracista tem o poder de desconstruir estereótipos, ampliar perspectivas e criar uma nova consciência coletiva, capaz de romper com as barreiras impostas pela discriminação racial.

Desde as primeiras etapas do processo educacional, é imprescindível que as crianças sejam expostas a uma educação que promova a diversidade e o respeito às diferenças. O contato com diferentes culturas, com a história e as narrativas de diferentes grupos raciais, favorece o desenvolvimento de uma mentalidade aberta e inclusiva. Ao conhecer e valorizar a história e contribuições de diferentes povos, a educação antirracista semeia a semente da igualdade e combate a noção de superioridade racial.

Além disso, a educação antirracista deve desconstruir os estereótipos racialmente carregados e fornecer ferramentas para os alunos combaterem o preconceito e o racismo em suas próprias vidas. Através da conscientização das consequências do racismo estrutural, os estudantes são incentivados a questionar o status quo e a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

A educação antirracista também tem um papel importante no fortalecimento dos sujeitos que sofrem com o racismo. Ela proporciona um espaço seguro onde esses indivíduos podem se expressar, compartilhar suas experiências e construir uma identidade positiva, livre das amarras do racismo. Ao reconhecer e valorizar a diversidade existente nas salas de aula, a educação antirracista empodera os estudantes negros, cria uma sensação de pertencimento e autoestima essenciais para romper com o ciclo de opressão.

Por fim, a educação antirracista deve ser uma prática contínua e abrangente, presente em todas as etapas da vida e em todos os níveis de ensino. Não se trata apenas de

um assunto a ser abordado em uma disciplina específica; mas, sim, de um compromisso em transformar a mentalidade de toda a sociedade. É através da educação antirracista que se pode criar uma nova geração de cidadãos conscientes, empáticos e aptos para enfrentar as desigualdades raciais que permeiam nossa sociedade.

Em suma, o papel da educação antirracista no combate ao racismo estrutural é fundamental. Ela é a base para formar indivíduos engajados na desconstrução de estereótipos, na valorização da diversidade, na luta pela igualdade de oportunidades e na construção de uma sociedade livre do racismo e suas consequências. Através dessa educação, estamos pavimentando um caminho para um futuro mais justo e igualitário para todos.

Uma ferramenta denominada: educação antirracista

Maria Fernanda Itacarambi Silva
Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
Campus Brasília


No livro *Um defeito de cor* escrito por Ana Maria Gonçalves, é apresentada a história de Kehinde, uma criança do povo ioruba, sequestrada para ser dada como presente no Brasil. A obra descreve sua vida enquanto uma pessoa escravizada no início do século XIX, as barbaridades e os relatos experimentados pela protagonista mostram a base do que na atualidade tem-se por racismo estrutural.

A definição do termo racismo se dá pela superioridade de uma raça em detrimento de outra. O estrutural vem da herança do processo de colonização brasileira em que um preconceito exacerbado está enraizado na estrutura da sociedade. Mais do que isso, tal organização social cresceu como uma árvore, multiplicou-se e deu seus frutos podres de presente aos séculos futuros.

Os impactos disso se mostram na população negra (composta por pretos e pardos) marginalizada, a qual mora “nos quartos de despejo” do país, como metáforiza Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de Despejo”, sujeita à violência em todos os seus segmentos. A realidade é que não houve o avanço do qual se vangloriam os grandes pensadores atuais sobre a sociedade. A escravidão apenas se modernizou para estar de acordo com os direitos previstos pela Constituição Federal, mantendo ainda seu papel original de subordinar a população negra àquilo que se tem de pior na estrutura social.

Diante dos fatos expostos, mostra-se a necessidade de algo muito mais abrangente do que toda a representativa negra tem experimentado nos últimos anos: a educação antirracista. Partindo da máxima “conhecimento é poder”, pode-se pressupor como Djamila Ribeiro no livro “Pequeno Manual Antirracista” que “reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo”. Isso implica não só reconhecê-lo como um mal que assola a sociedade, mas como um algo que é ensinado individualmente para cada sujeito presente nela.

Tendo isso em mente, a educação antirracista deve ser cada vez mais cobrada e ensinada nos componentes curriculares previstos nas escolas públicas e privadas, para assim cumprir seu papel de combater o racismo estrutural e promover a utopia da equidade racial em um país com precedentes tão negativos como o Brasil.




É preciso respeitar e valorizar as diferenças

Alexandre de Jesus Martins
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio
Campus São Sebastião

Racismo estrutural é um mal que dói
Que machuca, sufoca e mata sem dó.
É um sistema que fala que somos iguais
Mas trata a gente com violência e desrespeito.

Educação antirracista é uma força que anima
Que clareia, liberta e muda com inteligência.
É um caminho que mostra a beleza da diferença
E faz a gente lutar por justiça e direitos.

O papel da educação antirracista é muito importante
Para acabar com o racismo estrutural e suas causas.
É preciso aprender a pensar de forma crítica
E a respeitar e valorizar as diferenças.



A mensageira da paz, educação

Virginia Prettz Camara Canto
Tecnologia em Sistemas para Internet
Campus Brasília

Dos quatro ventos, ela veio para ensinar a voar.
Entre todos os círculos, ela soube guiar,
Trazendo ao mundo sua maior diversão,
A liberdade intrínseca da educação.

Dos longínquos lugares de onde surgiu
Sempre soube seu principal fim
A nobre missão de unir cada vivente
Em um único ritmo consciente.

Mesmo que ande sem um guia,
Todas as almas irão lhe encontrar,
E dela partirá o saber universal:
O homem é uno, em seu todo,
E cada homem contém todos em si.

Ao país da independência

Fabiula Alves Carneiro
Bacharelado em Engenharia Civil
Campus Samambaia

Ao País da Independência, tenho muito a contar,
Um cordel de conselhos, venho ponderar:
Como o racismo e sua maldição têm que acabar,
Um País de sol de liberdade e gigante pela própria natureza,
Tem suas falhas com a sua própria gentileza,
O racismo é uma mal que ainda existe,
É uma doença que corrompe, é um desamor profundo,
Mas a educação antirracista é uma luz ao novo mundo,
O racismo estrutural é uma história antiga, que destrói lares, abre feridas e expõe dores,
Na vida de quem sofre, muitas vezes, um veneno mortal,
Mas devemos combatê-lo nessa era digital,
A comunicação e a educação são as armas, a ferramenta da vez,
Para que o racismo não se espalhe como tanto fez,
Com estudo, educação devemos argumentar,
Podemos ensinar que a diversidade é de se admirar,
A história do povo negro, sua luta e sua glória, deve ser contada,
Para que a nossa sociedade, entenda, que diferença deve ser respeitada,
O respeito às diferenças, a valorização, devem ser primordial na educação,
Da sociedade consciente, que se deve lutar, contra o racismo, sem hesitação,
Pois na cultura e na educação, a escola é o coração,
O antirracismo deve se promovido, com bastante destemor
Para que nesta futura geração, a única cor que prevaleça seja a do amor,
Logo, neste cordel, eu quero destacar
A mensagem de que podemos transformar,
o racismo estrutural, com educação absoluta,
Em um Brasil de justiça e igualdade onde um filho teu nunca foge à luta.

Racismo estrutural e educação antirracista

Daniel Augusto Fonseca Moraes
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio.
Campus São Sebastião.

O racismo ainda está presente

Mas por que se todo mundo já sabe que ele é incoerente

Algo que nunca deveria sequer existir

Ainda está marcado no Brasil

Nas ruas, cidade, escolas e faculdades

Aquilo que é um comportamento abominável e criminoso se mantém

Sem mais nem menos

As vítimas sofrem sem sequer poderem expressar seus sentimentos

O combate ao racismo

Deve ser praticado desde sempre

Pois não basta apenas nós não sermos racistas

Devemos acima disso sermos antirracistas

Mas, enfim, tudo isso já está muito

expresso Apesar de não possuir a devida atenção

Porém o que fica é como isso pode ser mudado

Desde cedo devemos ensinar

As nossas crianças a serem antirracistas

Para que desde de sempre elas entendam

Que qualquer ato dessa índole praticada

Deverá ser penalizado

Com as devidas consequências proporcionais

Início meio fim

Daniel Augusto Fonseca Morais
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais
na forma articulada integrada ao Ensino Médio.
Campus São Sebastião.

As flores precisam das abelhas
Os animais precisam dos alimentos
As estradas precisam das pegadas
Mas tudo acaba.

A terra precisa das florestas,
Os frutos precisam das árvores
O final precisa dos percursos
Mas tudo acaba.

As peças precisam do tabuleiro.
Os jogadores precisam dos jogos
Os entes precisam do governo.
Mas, tudo acaba.

A estrada do racismo: cheia de preconceito,
Injustiças, violências, menosprezo,
Desigualdades, horrores terríveis.
Mas, tudo continua em estória diferente?

Educação. Ensino.
Direcionamento alinhamento.
Tudo forma, constrói a cosmovisão
das pessoas, dos indivíduos.
E, tudo continua.

Palavras e ideias colidem no ar.

A chuva, o vento, a terra o mar são naturais

Mas, racismo estrutural não!!!

Veio da prática inumana.

Mas, tudo continua

As pessoas ensinadas por uma educação antirracista

quebram cadeia, desmontam a escada.

estrutura de ocorrer, segregação.

Assim tudo termina.

Cotas raciais

Laíza Gonçalves Fernandes
Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
Campus Planaltina

Direito a cotas raciais

processo de exclusão de negros.

Serão eles diferentes dos outros?

Serão os direitos sociais.

Serão os brancos o padrão e

eles os diferentes do padrão comum?

Serão eles gente de cor incomum.

Seremos nós cópias brancas simples.

Mesmo procurando sermos iguais

dividimos as pessoas por cor.

Se tratarmos todos como incolor

talvez não seríamos desiguais.

Enquanto precisar nos dividir,

seja por cotas raciais,

não teremos valores sociais.

Essa é uma questão a decidir.

Destino de um brasileiro

Maria Fernanda Itacarambi Silva
Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
Campus Brasília

O mundo sempre foi assim
Traçado antes do seu nascimento, o seu fim
Sinto muito em lhe avisar
Não há nada que possa fazer para mudar.

Até porque não é você que deve mudar
O Estado é que tem que melhorar
Seu destino deve ser estudar
Não vítima de uma bala se tornar.

Preste atenção na aula de história
Para não cair na visão contraditória
Que é a meritocracia.

Ela usa seu fracasso para dizer que você não merecia
Sem se importar que a sua cor
Definiu desde o início, onde você podia ou não a mão por.

Acróstico racismo

Priscila Cordeiro Barboza
Técnico em Produção de Áudio e Vídeo Integrado ao Ensino Médio
Campus Recanto das Emas

Roubam as oportunidades dos negros

Assim como se arranca uma flor.

Como acabar com isso?

Inserindo mais educação e amor.

Somos todos seres humanos apesar da cor,

Mas não é assim que eles enxergam.

Oxalá! Que seja erradicada essa prática tão deplorável.

Cabelo encaracolado

Maria Angélica Freitas Dos Santos
Curso Superior de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa
Campus São Sebastião

Cabelo Encaracolado

É descolado, pena que acham extrapolado

Minha pele escura julgam

Mas com isso não me sugam.

Na rua me olham com indiferença

Mas para mim não faz diferença

Não nego minhas raízes

Não nego minha origem.

Tenho orgulho do meu jeito de ser

Nada me desanima, só me faz crescer

Minha pele, meu cabelo

Meus traços de negro

Isso é o que me faz ser.

Nasci negro da pele escura

E com muita ternura

Me amo por ser!

Soneto com o tema: racismo estrutural e educação antirracista

Neiza de Almeida Silveira
Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
Campus Planaltina

No Brasil, é notável a desigualdade racial,
E a educação assume papel fundamental,
Nas escolas, combater o preconceito é crucial,
Promovendo, nas salas de aula, o respeito total.

Na escola, trazer à tona a diversidade e a cultura,
Ensinar sobre a luta e a resistência africana,
Afro-brasileira, uma história de ternura,
A educação antirracista constrói a consciência humana.

“Ninguém nasce racista”, Regina Estima já disse:
O racismo é alimentado e disseminado,
Em casa, na escola, em cada esquina, persiste.

Mas a educação antirracista tem o seu legado,
Derruba barreiras, constrói uma nova pista,
Para uma sociedade mais justa, um futuro iluminado.

O Povo Brasileiro e a educação antirracista

Laureane Pereira de Sousa
Licenciatura em Computação
Campus Taguatinga

O racismo no Brasil é uma questão de fenótipo
Como se existisse um único protótipo
Superioridade? ou inferioridade?
Resquícios da escravidão e sua perversidade
Herança maldita de costumes, perpetuado.
Esse é o tal do racismo estruturado
De modo consciente ou inconscientemente
Com raízes tão profundas, que invadem a sua mente.
Os primeiros escravos brasileiros já habitavam esta terra
Tinha posse e domínio, e por isso lhes impuseram a guerra
Mas antes, foram capturados,
Escravizados e depois exterminados.
Isso porque índio é frágil
Ficava doente fácil.
Além disso, agia quando necessitado
Não estava acostumado a ser mandado
Foram caçados, destribalizados, aculturados
E em nome da fé, catequizados
Os invasores, com o desfecho, nada satisfeitos
Em 1539, importaram os primeiros pretos
Aterrorizados e educados pelo chicote
Aprenderam logo cedo, a lei do mais forte
Obedecer e servir

Esse era o seu direito de existir
Se engana quem achava que preto era barato
Quem com isso lucrava, era o senhor nada sensato
Hoje ambos lutam para terem seus direitos reconhecidos
Uns por terem sido marginalizados e os outros esquecidos
O índio quando ousa desbravar a selva de pedra, é hostilizado
Índio não pode ter celular, quem dirá ser letrado
O negro, preto ou pardo, só deseja
Ir onde quiser sem muita peleja
Mulato, cafuzo e mameluco, pobre sociedade, ao banir esse ditado
Esqueceu-se do principal, que seu povo é miscigenado
Mas, acabar com isso não é tarefa fácil, não
Cabe à escola ensinar e não abrir mão
Ensinar e cultivar a ancestralidade, para se lembrar de onde vem
Ensinar a respeitar a diversidade e a ter orgulho da imagem que tem
Valorizar o autocuidado
E empoderar o maltratado.
Só a educação pode transformar uma sociedade
Que trata os seus com tanta maldade
Deveria ser escrito num letreiro:
Somos todos diferentes, mas somos todos brasileiros!

Talhado

Stephany dos Santos Oliveira
Técnico Integrado em Design de Móveis
Campus Samambaia

À pele palavras em guarani.
Fluidas as cordas aos pulsos
Amarras na cor
Que perduram até hoje.

Pelo olhar de quem pode
Refletida do topo,
Fala branca.
Da mídia,
Gosto branco.

Como cobrar das instituições
Formas de proteções?
De anos repassando a servidão
Decorrendo os anos no trabalho.
Da escravidão herdada e replicada,
Tornada inconsciente nos ambientes
Por quem é objeto dessa opressão.

Contudo, a educação estimula
O vínculo com a mudança antirracista
Entre os indivíduos.
Das instituições cabe promovê-la,
Repassá-la,

Concretizá-la.

De cada criança a criança, Jovem a jovem.

Adulto a adulto,

A capacidade de protagonizar

As falas de quem foi silenciado.

Das raízes à síntese, estará a inclusão.



Considerações

Finais

Partindo da função do Concurso de Redação Multicampi do IFB, que é de fomentar a discussão crítica sobre assuntos relevantes em nossa sociedade, trouxemos, em sua 2ª Edição, o tema “Racismo estrutural e Educação Antirracista”, a partir do seguinte questionamento: Qual é o papel de uma Educação Antirracista no combate ao Racismo Estrutural?

E essa pergunta, em especial, possui dois importantes núcleos, os quais foram intencionalmente colocados ali: Educação Antirracista e Racismo Estrutural. Por muito tempo e ainda para muitas pessoas, o racismo é apenas a discriminação explícita, ao que se negam as microagressões diárias presentes em nossa estrutura de sociedade.

Quando decidimos elaborar a pergunta com centralidade em Racismo Estrutural, visamos contribuir para a conscientização da comunidade, isto é, favorecer que mais pessoas reconheçam o racismo nas suas diferentes formas, as quais estão mais perto e mais frequentes do que enxergam; o racismo que se investe de certa invisibilidade, mas que nem por isso pode se manter vivo, uma vez que, neste caso, o que não se “vê” não é que não exista, mas, muito mais grave, é evidência de que não estamos preparados conscientemente para enxergar.

E, por fim, essa pergunta nos conduz ao ponto de que não basta não ser racista; mas, sim, que é preciso ser antirracista. Isso é mais do que não se constituir parte integrante de um grupo, pois imprime caráter combativo, firma-se ato de resistência. E, nesse diapasão, não podemos deixar de enaltecer aqui, os atos de resistência presentes nesta Obra. Afinal, cada estudante, orientados pelos servidores dos campi, elaborou uma belíssima composição, seja em prosa ou em verso.

Neste compilado, encontramos histórias de resistência, de superação e de esperança. Objetivamos com a publicação dessa coletânea que estas narrativas nos inspirem a continuar lutando por um mundo livre de preconceitos e desigualdades. Entendemos, tal qual Lélia González, que “a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer coisa, pelo racial”.

Ao ler todas essas composições, o sentimento é de contentamento. Sobretudo, porque podemos perceber o poder artístico, arraigado de consciência crítica, de nossos estudantes que se desenvolvem integralmente como sujeitos, isto é,

conscientes do mundo em que vivem, reconhecendo que cada ação é uma escolha e possui significado, e que cada ação, portanto, importa.

Consideramos, portanto, que este concurso cumpre uma importante missão. Sim, cumpre - palavra conjugada no presente - uma vez que ainda que o Concurso tenha sido encerrado, temos as ideias perpetuadas nesta Obra - o que poderá impactar a vida de muitas outras pessoas, eis o super-poder da literatura.

O IFB tem, como objetivo fulcral na sua proposta educacional, a luta contra todas as formas de preconceito e, sobretudo, contra o racismo estrutural, por isso promoveu o 2º Concurso de Redação da instituição para fomentar a participação dos e das estudantes nesta reflexão e, dessa forma, também contribuir para a compreensão do racismo profundamente enraizado nas estruturas e instituições de nossa sociedade, que perpetua desigualdades e discriminações de forma sistêmica e contínua a realidade e que nos impacta, enquanto seres humanos, negativamente.

Agradecemos à reitora, aos servidores da Pró-Reitoria de Ensino que abraçaram a proposta, aos autores, aos diagramadores, aos revisores, aos consultores externos que realizaram a avaliação dos textos e aos demais profissionais que contribuíram para a concretização dessa obra.

Essas realizações dão energia para que sigamos em outras edições do Concurso de Redação Multicampi do IFB. Que venham as próximas!

Roberta Belillo Jardim

Mateus Gianni Fonseca

Rosa Amélia Pereira da Silva



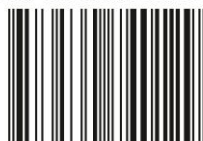
INSTITUTO FEDERAL
Brasília

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



ISBN: 978-65-6074-012-9

CDL



9 786560 740129